

SÃO PAULO ❖ JUNHO E SETEMBRO DE 1917 ❖ ANNO XVI

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— © DA © —

Associação Beneficente

— ❖ DO ❖ —

PROFESSORADO PUBLICO DE S. PAULO

Publicação trimestral, sob os auspícios da Directoria Geral
da Instrucção Publica

NUMEROS 1 e 2



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1917

Revista de Ensino

ANNO XVI

JUNHO E SETEMBRO DE 1917

Ns. 1 e 2

ESTE numero da *Revista* é em grande parte dedicado á publicação de trabalhos literarios — inéditos uns, já conhecidos outros — que constituem uma collectanea para a *Festa das Arvores*, a effectuar-se em Setembro, á imitação do que já fez a Directoria do Ensino para a *Festa das Aves*, commemorada em Abril. Ahi encontrarão os srs. professores abundante material para organizarem suas festas, nas respectivas classes — que é o modo como melhor convém.

Outra parte contém trabalhos de redacção constantes das observações de alguns dos srs. inspectores escolares e, bem assim, trabalhos de actualidade em relação á *arvore*, e tambem os opusculos publicados em tempo pela Directoria Geral de Instrucção Publica, devidos ao abalizado especialista Dr. Clinton D. Smith, da Escola Agricola «Luis de Queiroz» e bem assim trabalhos em relação á importancia da agricultura para o progresso e riqueza do Paiz.

Tambem damos alguns trabalhos ultimamente publicados na Republica Argentina, que tanto se preocupa com a solução deste momentoso assumpto, e que, com a devida venia, traduzimos para a *Revista*.

Educação moral

Extrahido do relatório do inspector escolar
Guilherme Kuhlmann.

O trabalho de orientar professores não é despido de dificuldades, em vista da deficiência de preparo tecnico que impetra desassombadamente entre os nossos mestres.

Deixando de parte o preparo geral, cuja aquisição é facil mesmo longe das escolas normaes, tenho observado que os professores, com raras e honrosas excepções, apresentam um preparo pedagogico deficiente ou quasi nullo. Os mais rudimentares principios de pedagogia e technica de ensino são ignorados. O ensino é feito empiricamente, mechanicamente e, como succede sempre que conhecemos superficialmente qualquer cousa, sem entusiasmo e sem amor.

Ainda si fosse unicamente a ignorancia da arte de educar, poder-se-ia tolerar essa deficiência si houvesse bôa vontade. O que mais eutristece, porém, é o descaso ostensivo e systematico que se faz de tão importante ramo dos conhecimentos humanos. O espirito mercenario matou o entusiasmo dos nossos professores. Os seus esforços são regulados pela maior ou menor recompensa que recebem. Aquelle velho preceito que diz: — « O magisterio é um sacerdócio » — já não existe.

As palestras pedagogicas em tão bôa hora inauguradas em nossos grupos escolares, não produzem os resultados esperados; resumem-se em palavras, muitas palavras e poucas acções. Seria de conveniencia dar-se uma outra orientação a taes palestras.

No começo do anno lectivo, a Directoria Geral distribuiria um programma dos assumptos a serem lidos e commentados, com a recommendação expressa de serem postos em pratica em aulas-modelo, na presença do corpo docente. Só assim poder-se-ia conseguir um pequeno preparo pedagogico immediatamente alliado á pratica.

A maioria dos nossos professores desconhece o valor educativo da escola primaria. Entendem elles que o abarrotar o fragil intellecto da criança de muitos conhecimentos é o que constitue a missão do professor primario. A educação harmonica das faculdades, o preparo completo para a vida não teem

infelizmente merecido a atenção dos nossos mestres. Este facto talvez seja a resultante da imperfeição dos estudos de pedagogia e do desconhecimento completo das bases scientificas dos methodos e processos de ensino.

Não fosse esse descaso por tão importante missão do educador e não seriam relegados para plano inferior o desenho, a gymnastica e os trabalhos manuaes, da mesma sorte que a musica. Sem a pratica dessas disciplinas, como conseguir a educação da atenção, da observação, da memoria nas suas qualidades retentivas, evocativas, de duração etc, indispensaveis predicados á apprendizagem das demais materias do programma?

Do desconhecimento da verdadeira missão da escola primaria, resulta o descredito do professor. Desempenhassem os nossos educadores a sua missão com a convicção de quem contribue generosamente para melhorar a sociedade, para a modificação e formação dos caracteres de futuras individualidades e prestariam o inestimavel serviço de elevar e dignificar a classe, de collocal-a na sua verdadeira posição. Porém, isto só surgirá corôando um sólido preparo e nascendo do entusiasmo.

Em conferencia realizada por ordem de V. Exa., a 5 de maio, na Escola Normal de Casa Branca, procurei abordar todos os assumptos que se relacionam com a escola educativa, ferindo os pontos indispensaveis á completa realização do nobre ideal que é a educação da criança.

Apezar das dificuldades oriundas das causas acima referidas, consegui estabelecer, nos grupos escolares da 17.^a zona, uma orientação quasi uniforme no ensino das differentes disciplinas do programma.

Depois de muito aconselhar e praticamente demonstrar a excellencia da orientação preconizada pela Directoria Geral, consegui convencer os professores e mesmo enthusiasmal-os pelo ensino feito de accôrdo com o valor educativo de cada uma das disciplina^s.

Na ultima inspecção que fiz aos grupos escolares da zona a meu cargo verifiquei que o ensino estava sendo feito da fórmula que passo a expôr.

Arithmetica — Nos primeiros annos, problemas até o numero 12, com objectos, estampas e numeros. Esses problemas são resolvidos pelos alumnos, primeiro com objectos distribuidos pela classe; em seguida, lançados em algarismos no papel de calculos; feito isto, o professor chama ao quadro negro tres, quatro ou mais alumnos, confôrme o espaço de que dispõe e determina a resolução dos problemas dados para a classe. Assim, faz a cor-

recção e a critica, com o auxilio de todos os alumnos. Depois de bem estudado cada um dos numeros até 12, depois de feitas todas as decomposições em *meios, terços, quartos, quintos, sextos* etc., vae o professor até o numero 20, com as mesmas cautelas para que fique bem firme o raciocinio das crianças nesses numeros.

Para que fossem bem systematizadas as aulas de arithmetica, determinei 3 aulas geraes por semana. Nas outras classes, as operações arithmeticas são ensinadas através dos problemas, evitando-se os numeros muito grandes, que nenhum valor teem na educação do raciocinio. Os professores teem a preocupação constante do trabalho colectivo da classe. Nas classes altas, alliam os professores o ensino da geometria ao da arithmetica, fazendo medições e formulando problemas.

Linguagem — Para o completo successo desta disciplina, dispõem os professores de aulas diarias de linguagem escripta.

Os exercicios de linguagem escripta estão sendo systematizados desde o primeiro anno, de fórma que cada exercicio seja objecto de estudo completo e não seja abandonado enquanto não fôr escripto com absoluta correcção.

Geographia — O ensino é feito com a demonstração graphica — cartographia. As aulas são dadas sempre fazendo o professor a construcção do mappa no quadro negro.

Sciencias naturaes e physicas — O ensino desta disciplina está sendo feito por meio de experiencias faceis e á vista dos exemplares de plantas, animaes etc.. O alumno observa, ouve as explicações do professor, examina, compara e escreve.

Historia e educação physica — O ensino é feito com o auxilio dos quadros de historia e pelo estudo completo de cada uma das datas nacionaes.

Educação physica — A par dos exercicios callisthenicos e dos jogos gymnasticos, de vantagens educativas sobejamente conhecidas, consegui que os professores, diariamente, antes do canto, fizessem com seus alumnos alguns exercicios de gymnastica respiratoria.

Trabalhos manuaes — Todos os grupos escolares da 17.^a zona estão com officinas de modelagem em argila perfeitamente montadas. O grupo escolar de Palmeiras, além da modelagem, executa trabalhos de carpintaria, arame etc.. Na secção feminina, cons-gui acabar com os trabalhos caros: as alumnas só executam trabalhos de utilidade pratica e isso mesmo depois de terem feito os « pannon de amostra ».

Educação moral — Preocupei-me principalmente com o ensino desta disciplina, que, digamos, para vergonha nossa, tem sido quasi que abandonada pela maioria dos nossos professores. Procurei dar uma feição que estivesse de accôrdo com os principios constitucionaes da Republica.

Nada posso dizer sobre os resultados obtidos pelos professores, pois, tratava-se de uma tentativa cujo êxito dependia de sólidos conhecimentos por parte dos ensinantes. No emtanto, posso, com satisfação, declarar a V. Exa.: Os professores de minha zona já ministram aos seus alumnos ensinamentos de moral.

Dei o plano abaixo para todas as classes, aconselhando a escolha do assumpto, de accôrdo com o respectivo adeantamento :

I — Preoccupações constantes do professor :

- 1) Despertar e fortalecer os sentimentos generosos,
 - a) pelo exemplo,
 - b) pelo estímulo.
- 2) Reprimir as inclinações perigosas,
 - a) pelo exemplo,
 - b) pela disciplina.
- 3) Cultivar a consciencia da criança,
 - a) pelo exemplo,
 - b) pela idéa de responsabilidade.
- 4) Formar habitos de conducta moral,
 - a) pelo exemplo,
 - b) pelo exercicio.

Complemento :

- a) Desenvolvimento do sentimento esthetico.
- b) Cultura da imaginação.

II — Principios a considerar :

- 1) Deveres para consigo mesmo.
- 2) Deveres para com os paes, os irmãos e os demais parentes; deveres para com os professores e os collegas.
- 3) Deveres para com a Patria.
- 4) Deveres sociaes para com os velhos e superiores, para com os iguaes, para com os pequenos e inferiores.

Complemento : Submissão digna e cumprimento do dever; principios de disciplina; distincção entre submissão digna e servilismo e entre altivez e insubordinação. Culto aos mortos, á natureza, á Bandeira.

III — Meios de educação:

1) Directos :

a) Contos moraes, conversações, leituras, referencias a historietas, narrações, descripções de scenas moraes feitas pelo professor e pelos proprios alumnos.

b) Casos praticos de asseio, ordem, pontualidade, obediencia, gratidão, veracidade, sinceridade, urbanidade, justiça, bondade e bôa conducta em diversos logares e circumstancias.

c) Scenas reaes ou imaginarias, illustradas, sobre crianças serviçaes, bom trato aos animaes, respeito á propriedade, altruismo, amor filial, cooperação, ordem, economia, respeito ás leis, respeito á Bandeira, considerada principalmente como symbolo da paz.

d) Feitos historicos de facil comprehensão, feitos de heroismo, de elevação patriótica e de nobreza, tirados da historia da humanidade, da patria, do estado e do municipio.

e) Vida de homens celebres, mulheres superiores e precocidades notaveis.

f) Fabulas, poesias e maximas moraes e patrióticas e sua explicação.

2) Occasionaes :

a) Licções sobre incidentes occorridos dentro da escola.

b) Acções executadas ou presenciadas pelos alumnos e commentarios sobre as mesmas.

c) Successos culminantes, acções exemplares feitas de abnegação, heroismo, desinteresse, valor etc., tirados da chronica diaria dos jornaes, presenciados ou participados pelos alumnos na vida diaria do municipio e do logar.

IV — Fins a attingir :

1) Habitos de asseio, ordem, obediencia, desinteresse, generosidade, veracidade, lealdade, pontualidade, exactidão, regularidade, deligencia, perseverança, previsão, cortezia, piedade em geral e para com os animaes; perdão, caridade, justiça, respeito á propriedade, respeito aos superiores, submissão á auctoridade e ás leis, respeito á dôr alheia, tolerancia ás crenças religiosas, coragem, prudencia, gratidão, energia, calma, cooperação e bondade.

2) Coherencia entre as acções e a consciencia.

3) Sentimentos da dignidade humana, da honra e do dever.

4) Dominio de si proprio pela libertação das paixões egoisticas.

5) Firmeza de character.

V — Direcções geraes :

1) Assim como, quando se trata de linguagem, o professor deve corrigir a todo o momento qualquer expressão incorrecta dos alumnos — deve, na educação moral, aproveitar quanta oportunidade se lhe offereça para corrigir as faltas de urbanidade e os casos de má conducta em que incorram na escola e que dão margem a interessantes e proveitosas licções de moral.

2) E' conveniente fugir dos exemplos da moral egoistica que visa recompensas, assim como de citar máus exemplos seguidos de castigos. Deve-se apresentar sempre o bom exemplo, obedecendo ao principio: « Ensinar o bem pelo bom exemplo ».

3) E' necessario que o professor tenha perfeita conducta moral, para poder prégar pelo exemplo.

4) Ter o maximo cuidado em não commetter injustiças com os alumnos, para evitar que lhes nasça a descrença na justiça.

5) A systematização do ensino não deve perder de vista o seu character pratico e principalmonte occasional.

6) A disciplina escolar deve ser encaminhada de modo que inflúa na formação de caracteres integros.

7) Em cada licção procure-se fazer com que o alumno descubra por si o fundo moral da mesma, applicando o conhecimento adquirido á conducta propria.

8) O professor deverá formular « problemas de conducta moral », constituídos pela figuração de situações, devendo os alumnos resolver esses problemas, indicando a conducta que teriam em situações analogas e o professor deverá commentar as soluções.

9) O alumno deve *ver, ouvir, discutir, resolver, executar e escrever.*

— — —

Como util complemento ao ensino da moral pelo plano acima, aconselhei aos professores — afim de despertar a attenção das crianças para o bem, desenvolver-lhes os bons impulsos do coração, estimulando-lhes a boa vontade — a instituição de associações entre os alumnos, á similitude das « Ligas de Bondade » das escolas francezas. Essas associações, além de dar ampla iniciativa a cada educador, desenvolvem livremente a personalidade de cada alumno.

A « bondade », segundo a concepção do bom senso vulgar, póde ser considerada como base da moral.

« Todos os systemas de moral contemporanea, diz Jean Finot, encontram sua explicação definitiva no principio de bondade. » E Alfred Fouillée estabelece o axioma: « Sé bom, em

consideração á bondade geral, que farás a felicidade universal ». A bondade, pois, como que alicerça toda a moral humana.

Os princípios de justiça, os sentimentos de caridade são regulados, de um modo geral, pela consciencia do bem, pelos habitos de bondade. E', pois, na formação destes habitos que reside a verdadeira educação moral. De resto, a comprehensão da criança adopta, com mais facilidade, os princípios da moral, quando estes estão de accôrdo com os sentimentos de seu coração.

A idéa das « Ligas de Bondade » teve sua origem nos Estados Unidos, onde os « Bonds of Mercy » creados em 1882 por Georges Angel, produziram os mais satisfactorios resultados. As fundadoras das « Ligas » em França foram as senhoras Eugène Simon e Agnès Rosalin que, desde logo, verificaram que taes associações éstavam destinadas a prestar, ao ensino da moral nas escolas, os maiores serviços.

As « Ligas de Bondade » funcionam de accôrdo com as seguintes disposições :

- 1.^a — As « Ligas » são gratuitas.
- 2.^a — Deixa-se a mais ampla liberdade aos meninos de entrarem ou não para a « Liga ».
- 3.^a — Os socios da « Liga » usarão um distinctivo especial.
- 4.^a — Todos os membros de uma « Liga » são convidados a que aproveitem todas as oportunidades de intervir em auxilio dos que vivem, de todos os que soffrem e de todos os necessitados de adjutorio.
- 5.^a — Os meninos devem esforçar-se para nunca mentir e para empregar a maxima lealdade em suas relações mutuas.
- 6.^a — Deve collocar se na classe um cofre no qual serão depositadas as declarações, em fórmula simples e *sem assignatura*, dos actos de bondade praticados pelos membros da « Liga ».
- 7.^a — Estes actos, classificados pelo professor, segundo o interesse que apresentem, serão commentados na seguinte lição de moral.
- 8.^a — Em caso algum se fará menção de pessoas e se darão premios, pois, o merito do acto de bondade consiste em que permaneça ignorado o nome de seu autor e que, nessa ignorancia, encontre este a melhor recompensa perante a propria consciencia.
- 9.^a — Aos professores cabe a mais ampla iniciativa em relação á interpretação dos estatutos.

Com a instituição dessas « Ligas » que poderão ter aqui a mesma denominação de « Ligas de Bondade », ficará organizada a apprendizagem pratica da moral, cujos beneficios são patententes.

Mas, para completo successo das « Ligas » é preciso que não ponhamos em duvida os sentimentos da criança, que não lhes atiremos aos coraçãozinhos tenros com as responsabilidades de actos cuja culpa, entretanto, cabe quasi sempre aos paes.

Aos mestres é que compete a missão honrosa de elevar o nivel moral de seus alumnos, assegurando-lhes a integridade do character.

A ESCOLA E O CIDADÃO OPERARIO

Do Inspector José Couto.

Em todos os paizes organizados democraticamente, a instrucção popular é um dos ramos da administração a que o Estado sóe dispensar mais carinho e attenção.

De facto, si a democracia é o governo do povo pelo povo, é bem de vêr que a instrucção é a base da formação civica, que dá aos cidadãos a noção perfeita dos seus direitos e dos seus deveres. Um notavel educacionista americano Dewey vae bem mais longe. Para elle, a escola não tem por missão exclusiva formar cidadãos. Antes disso, cumpre-lhe cogitar da formação do homem, cujo destino não se limita ao exercicio das funcções civicas. O homem constitue uma unidade social, cujo dever primordial consiste em contribuir de um modo ou de outro, para o bem da collectividade. Ora, isto só pode sêr alcançado pelo desenvolvimento de suas faculdades activas, pelo aproveitamento de suas aptidões creadoras, de accôrdo com as exigencias do meio ambiente. Nos Estados Unidos, pois, não se attribue á escola popular a mera funcção de formar cidadãos. Paiz essencialmente industrial, suas escolas cogitam simultaneamente, da formação civica e da educação profissional; formando-se o cidadão, forma-se, ao mesmo tempo, o operario. O trabalho normal tem um logar proeminente nos programmas das escolas americanas, e isso a partir do jardim da infancia. Os americanos não copiaram servilmente o *Kindergarten* alemão; os *dons frobelianos* foram alli substituidos por occupações de caracter mais utilitario, cuja enumeração não cabe nos moldes deste modesto trabalho. O trabalho manual, sob as formas mais variadas, apparece em todos os grãos de todas as escolas do maravilhoso e admiravel colosso Norte-americano.

Quando o alumno completa o curso gymnasial, completa tambem o seu tirocinio tecnico geral. Não está preparado para esta ou aquella modalidade profissional, é claro; mas possui a formação geral sufficiente para lhe permittir a escolha de uma ou de outra profissão, de accôrdo com suas aptidões ou inclinações. E assim se explica que os grandes estabelecimentos, as poderosas usinas americanas, vão recrutar o seu pessoal entre os

diplomados do curso gymnasial. Eis o que explica, igualmente, a superioridade do operario americano; eis o que explica a raridade d'essas gréves injustificaveis que na Europa paralizam tantas vezes o trabalho dos grandes centros fabris.

Meditemos alguns momentos no exemplo que nos depara a culta Norte-America.

Não imaginemos que a escola popular cumpriu o seu destino só porque ensinou os filhos do povo a lêr, escrever e contar. Um povo assim instruido é apenas, um povo mal instruido, e essa meia instrucção pode ser um perigo social em vez de ser um beneficio, si esse povo não tiver habitos do trabalho, si não tiver adquirido aptidões profissionaes, capazes de lhe garantirem a conquista honesta do pão quotidiano.

Formar cidadãos e formar o operario, eis o duplo problema que se trata de resolver, aqui como em toda a parte. Dirão que a escola popular não pode comportar tal preoccupção em um pais como o nosso, onde a technica industrial está apenas na sua phase embryonaria.

Não está ahí, porém, a nossa lavoura a pedir braços e, mais do que isso, a pedir cerebros capazes de servil-a com intelligencia, corações capazes de amal-a com fervor e santo entusiasmo?

Não é cabivel, dizem, a formação do operario fabril. Mas é perfeitamente cabivel, responderemos, a formação do trabalho rural, que é, na nossa concepção, o operario do campo. Si a lavoura não se libertou ainda dos processos rotineiros, é porque não se emprehendeu até o presente a regeneração do trabalho agricola, a começar pelo principio — a escola popular. Expostas estas idéas, robustecidas em nosso espirito pela leitura de um precioso folheto da lavra desse moço illustre e esperançoso que é o Dr. Sylvio de Andrade Maia, sob o titulo « As escolas ruraes e o exodo dos campos, » seja-nos permittido abrir um pequeno parenthesis, fazer uma pequena digressão, para voltarmos em seguida ao nosso assumpto, ao nosso ponto de partida.

Em um livro que teve extraordinario successo—*Le retour à la terre*, mostra Méline que os progres os do industrialismo, na ultima metade do seculo passado, deixam a perder de vista todo o acervo das conquistas realizadas nos seculos anteriores. Póde-se dizer que o movimento industrial contemporaneo teve inicio na Inglaterra, a terra classica da hulha.

Sem concorrentes, a Inglaterra encontrou abertos todos os mercados do mundo, sem falar daquelle que naturalmente lhe offereciam suas numerosas colonias.

O commercio britanico estendeu seus tentaculos através de todos os mares em busca das regiões mais distantes, e a riqueza

proverbial da Inglaterra mostra de que magnitude foram os lucros auferidos.

Mas o movimento industrial não tardou a irradiar-se. Irradia-se do lado do Occidente, e faz da Norte-America um rival temeroso, da Inglaterra, um concorrente intelligente e activo, essa mesma Norte-America que, pouco antes, lhe offerecia numerosos clientes com dezenas de milhões de consumidores.

O proprio Japão, o longinquo Japão, levado na impetuosa torrente, e os seus portentosos feitos militares, sua retumbante victoria sobre o colosso moscovita, sua incontestada hegemonia no extremo Oriente, tudo isso pode ser considerado como um effeito do aperfeiçoamento dos seus processos na technica-industrial.

A Alemanha, apesar do seu espirito nimiamente conservador, segue o exemplo da Inglaterra. A sciencia dá as mãos á industria e assombra o mundo com os resultados de uma actividade fecunda, victoriosa.

O que se dá na Alemanha dá se em menor escala em outros países do continente. Em todos elles domina a velleidade de produzir tudo sem nada, pedir á industria alheia; e, por uma dessas contradicções muito communs na natureza humana, em todas ellas domina, egualmente, o pensamento de alargar sua clientella e conquistar mercados para dar vasaõ a seus proprios productos.

Si a actual conflagração européa teve multiplas causas, força é reconhecer que uma d'ellas, talvez a principal, está exactamente nessa ambição de conquistar mercados, para assegurar a exportação dos seus productos e, como corollario, a expansão da industria que, em todas ellas, representa a principal fonte da riqueza nacional.

A conquista do territorio é, hoje, cousa secundaria. Ella só tem valor quando tem directa ou indirectamente alcance commercial.

Este apanhado, aliás muito eschematico, da prodigiosa evolução operada nos arraiaes do industrialismo, em pouco mais de meio seculo, era indispensavel como elemento de apreciação da actual situação economica na Europa e em todo o mundo.

A producção é superabundante em todos os centros de actividade fabril. As necessidades do consumo foram excedidas e, dahi, essa plethora que trouxe a paralização do commercio, o fechamento de numerosas fabricas e paralização do trabalho, as gréves cada vez mais frequentes, a penuria das classes proletarias e o seu odio contra a burguezia opulenta que os humilha com as ostentações de um luxo impudente.

Depois de haver traçado com mãos de mestre o quadro que mui imperfeitamente bosquejo, Meline declara que o remedio para tudo isto se resume apenas nisso : a volta aos campos abandonados.

Nos campos não ha perspectiva do ganho rapido e seguro ; mas ha, pelo menos, a certeza de não morrer a fome e até mesmo de uma relativa independencia. Graças ao concurso de trabalhadores intelligentes, os processos da lavoura rotineira cedem o passo a processos novos, racionais e, por conseguinte, mais productivos. Com a volta aos campos, as cidades se desembaraçarão de uma parte da população, as usinas e as fabricas, contando apenas com os operarios estrictamente necessarios, limitarão sua producção e, assim, pouco a pouco, irá desapparecendo essa super-produção, essa prethora de productos industriaes, que é a causa da crise economica, com todo o seu vasto cortejo de corollarios.

O que diz Meline da Europa tem muita applicação ao nosso pais. Aqui, como lá, se tem dado o exodo dos campos. As cidades attráem as populações ruraes com o engodo de uma vida mais brilhante, mais movimentada e os bairros da roça se despovôam. Os que ficam, pertencem, não raro, ao typo do caboclo tão bem caracterizado nos artigos publicados no Estado de S. Paulo pelo Doutor Monteiro Lobato, que parecee conhecer a fundo o assumpto de seus trabalhos.

O caboclo não emigra, mas é um elemento que nenhum valor tem ; é um indolente, um refractario aos beneficios da civilização. E' um nomade. Constróe, quando muito, ranchos de sapé. Não planta uma arvore, não faz uma horta, não cria.

E o colono europeu ? O colono europeu, em regra, só vae para a zona cafeeira e só ali permanece o tempo necessario para formar um peculio regular. Conseguido isto, eil-o em caminho da cidade, onde vae engrossar as fileiras dos vendedores ambulantes ou abrir uma *quitanda*. E assim engrossa, dia a dia, a população urbana, enquanto a lavoura definha, a lavoura de um pais de terras feracissimas, onde as messes recompensam largamente o esforço do trabalhador.

Como remediar este estado de cousas ?

O Congresso julgou poder resolver o problema incluindo no programma do curso normal uma cadeira de zoothechnia e agricultura e creando postos zootechnicos e campos de demonstração.

E' alguma cousa, mas ainda não nos parece sufficiente. A inclusão de uma cadeira de agricultura e zoothechnia no programma do curso normal é um recurso muitissimo precario.

Sem recursos tendentes a tornar pratico o ensino de taes especialidades resvala-se para um terreno puramente theorico, o que quer dizer puramente esteril, o que, aliás, foi reconhecido pelos dignos e illustres legisladores paulistas.

Precisamos não de uma cadeira de zootechnia e agricultura, mas de uma escola normal de zootechnia, de professores para as escolas ruraes.

Precisamos, ao lado da escola normal, de uma escola modelo rural onde a apprendizagem da leitura, da escripta, da arithmetica etc, se desenvolva parallelamente com o trabalho nos campos, seb a direcção de professores que sejam, elles proprios, trabalhadores intelligentes.

Precisamos, não de postos zootechnicos, que ninguem visita, de campos de demonstração, que nada demonstram; mas de retiros e estabulos onde os meninos da roça aprendam a lidar com gado, a fabricar o queijo e a manteiga, á similhaça do que fazem, por exemplo, os trappistas de Tremembé.

Precisamos de livros de leitura, em que sejam tratados assumptos attinentes á lavoura e á industria pastoril, mas versado por forma a cercar a vida agricola de uma aureola de poesia, de modo a dissipar a lenda de que tudo na roça é prosaico, descolorido, pesado, rude.

Precisamos de uma série de providencias connexas, ajustando-se de um modo intelligente e formando um todo organico, como é, por exemplo, a afamada escola de Hampton, na Virginia.

Precisamos tirar partido dos grandes recursos de que dispomos, não permittindo que estrangeiros venham exproal-os, em detrimento nosso, constituindo um Estado do Estado.

Precisamos desmentir o preconceito de que neste pais tudo é grande; só o homem é que é pequeno.

Precisamos, em summa, sahir da verbiagem balôfa e esteril e enveredar para o terreno sólido da acção, mas da acção intelligente, bem preparada, bem encaminhada.

Ja temos diversas escolas normaes creadas, ninguem o contesta. Mas são escolas de um só destino. Na Norte-America temos escolas normaes agricolas, escolas normaes de trabalhos manuaes, escolas normaes para formar jardineiros. etc., etc.

Para nós ousamos pensar que o nosso ponto de partida deve ser a creação de uma escola normal que se proponha a desenvolver a polycultura, a pequena lavoura, tendo annexo as necessarias escolas modelo.

Ao lado do cidadão, formar o operario. Eis a sublime grandeza que dezejamos ás nossas escolas ruraes. A idéa aqui fica.

O problema é vastissimo. Que a resolvam com criterio e patriotismo os mais competentes.

Quando os fructos sazonados e bemdictos deste bello sonhar enriquecerem a terra dos Andradas, mais uma corôa de louros, ainda mais garrida e nobre tornará a frente altiva dos filhos dos bandeirantes.

PEDAGOGIA PRÁTICA

Methodo analytico para o ensino da leitura a principiantes

(Do Inspector B. Tolosa)

- | | |
|---|--|
| 1. ^a PHASE : <i>A sentença :</i> | 2. ^a PHASE : <i>A palavra :</i> |
| 3. ^a PHASE : <i>A syllaba :</i> | 4. ^a PHASE : <i>A letra :</i> |

1.^a phase: A SENTENÇA

Esta phase inicial é muito util para as creanças menos desenvolvidas porque é a que as prepara para aprenderem a lêr.

Nesta phase não ha necessidade de dominar a sentença, pois o objectivo actual não é a leitura da sentença, e o objectivo futuro é *aprender a lêr*, e isto se consegue *lendo palavras*.

A leitura de palavras vem naturalmente com a *leitura* de muitas e variadas sentenças produzidas pela propria classe.

Não achamos necessaria a obrigatoriedade da *sentença completa* nesta phase : o alumno que ainda não analysa, não pôde, naturalmente, formar uma sentença completa, que já é uma operação de synthese. Além disso ninguem conversa sustentando a monotonia da sentença completa, mas empregando a brevidade, belleza e clareza da sentença eliptica. O professor recebe da classe a resposta eliptica e escreve a mesma numa sentença completa. Com o tempo, a classe conhecerá e empregará convenientemente a sentença, com todos os seus termos claros.

A observação de um objecto qualquer, de uma imagem, gravura de livro, ou quadro parietal provoca no alumno um pensamento, que o mesmo traduz por uma sentença oral. Esta sentença vai para o quadro negro, e a creança vê gravado seu pensamento. Como a mesma não pôde ainda fazer a decomposição de seu pensamento expresso graphicamente, a sentença, que a este traduz, se lhe apresenta como um todo.

O objectivo desejado é justamente essa decomposição e não propriamente a leitura da sentença.

A confusão entre *meio* e *fim* é a causa de muito desperdício de tempo e de paciência nas classes em acção.

A criança, pela visão de muitos pensamentos seus no quadro negro, chega á analyse dos mesmos, o todo começa a se differenciar, pondo em evidencia as suas partes componentes.

O alumno percebe essa differenciação por si mesmo, ninguem lh'a póde ensinar. O tentar ensinar-lh'a é que, as mais das vezes, põe a perder todo o esforço feito para o desenvolvimento desta util e necessaria disciplina.

E', portanto, um erro forçar a dominação da sentença que no quadro negro interpreta o pensamento da classe.

— Como, porém, chega a criança ao conhecimento das partes de seu pensamento graphado no quadro-negro?

— De duas fórmas : pelo desdobramento da cultura da linguagem oral, e pela cultura, ou antes, pela observação da analyse continua que o professor faz do pensamento expresso pela classe á proporção que o vai escrevendo.

Linguagem oral, linguagem escripta e leitura são disciplinas diversas, que reclamam processos diversos para a sua aquisição. A confusão dessas disciplinas no ensino é um mal muito grande, que dá como resultado final a criança lêr detestavelmente, não desdobrar o vocabulario preescolar na medida necessaria e desejavel.

E' claro que essas disciplinas auxiliam-se mutuamente, e proveitosamente, guardando, porém, cada uma os seus dominios proprios e satisfazendo as suas especificas exigencias.

Esta primeira phase, convenientemente praticada, prepara o espirito do alumno para a analyse do seu proprio pensamento escripto.

Esta analyse conduz o alumno ao conhecimento das partes da sentença, leva-o tambem a dominar muitas palavras. E o conhecimento dessas muitas palavras escriptas marca a passagem para a segunda phase da aprendizagem da leitura.

Como subsidio util ao desideratum principal — a analyse da sentença escripta — fórma graphica da analyse da sentença oral — ha os exercicios escriptos, feitos por cópias de algumas sentenças estudadas no quadro-negro ; ha os exercicios oraes em torno de todas as disciplinas do programma.

Como se vê, todos os exercicios escolares podem concorrer utilmente para a aprendizagem da *arte de ler* — que não deve ser confundida com os exercicios de *linguagem oral*.

Arte de ler e *linguagem oral* auxiliam-se, completam-se, mas desejam trato diverso.

Algumas palavras sobre a processuação da leitura. Póde-se usar da gravura do livro, do quadro parietal, já desenvolvido por ocasião da aula especialmente consignada para a linguagem oral, ou o que é melhor, o uso de um objecto da sala de aula.

Os objectos encontrados em uma sala de aula, mesmo mediocramente provida, offerecem, quando estudados em sua origem, forma, utilidade — vocabulario sufficiente para a aquisição da arte da leitura no quadro-negro.

Seria conveniente, na aula de leitura, evitar-se longa palestra. Visando o professor mostrar a relação íntima entre o pensamento da criança e a sua forma graphica, esta deve apparecer no quadro-negro, immediatamente á sua produção. Palestrar com as crianças longamente, conseguir dellas diversas sentenças sobre um objecto e depois escrever uma dellas — offerece sérios perigos. Muitas vezes a sentença escripta já não corresponde ao estado mental de cada alumno, naturalmente desorientado por associações de idéas diversas que as differentes palestras podem provocar em individuos diversos.

As professoras aproveitadas nos primeiros annos para o ensino da leitura, em geral, são inexperientes, não conhecem ainda os resultados de seus trabalhos, ainda não tiveram occasião de observar a evolução de uma sementeira, desde o preparo da terra até a época da fructificação.

O desespero dellas é enorme.

Fazem as lições de accordo com as instrucções recebidas, e as crianças, afinal, quasi não lêem as sentenças escriptas, por ellas mesmas produzidas.

Produzida a lição, que póde constar de duas, tres, até seis sentenças, escriptas estas, naturalmente a classe poderá repetil-as, sem que, entretanto, nem isso é necessario, *lê-as*, conhecer as suas partes immediatamente. Este resultado vem com o tempo. Nem é necessario tambem repetir a lição nos dias immediatos, porque o fim não é ler as sentenças produzidas: estas são apenas um meio para levar a criança a *ler*. Vendo diariamente seus pensamentos escriptos — estabelece a classe a relação entre estes e a fôrma escripta que os traduz e depois de algum tempo ellas conseguem com estas formas ler o pensamento alheio. Para isso porém, é mister adquirir o conhecimento dessas formas. E como se faz essa aquisição? — Naturalmente por um exercicio diario. Como é então que classes inteiras, com diarios exercicios de leitura, não aprendem a lêr dentro do tempo razoavel? Por causas diversas — a maioria das quaes de ordem puramente material, como veremos adeante.

Entretanto, o methodo analytico preconizado actualmente é muito simples. Apenas requer confiança por parte de quem no pratica.

A criança, por si mesma, aprende as noções necessarias ao desenvolvimento de seu espirito, uma vez collocada em meio conveniente. Essas noções nenhum professor pôde ensinar-lhe.

As crianças aprendem a lêr vendo diariamente escriptos os seus pensamentos no quadro-negro por um modo muito simples. Obtida a sentença do alumno, a qual, segundo o modo por que a professora conduz os seus trabalhos, é realmente da classe inteira que no momento se exercita, esta sentença vai para o quadro negro.

E' na occasião em que a professora escreve no quadro-negro a sentença que as crianças acham-se em estado de aprender a lêr.

A professora repete em voz alta a sentença que vai escrever, e ao escrevel-a tem o cuidado de pronunciar cada palavra que escreve, acto este que toda a classe acompanha. Este momento, que deve ser bem aproveitado, é o momento essencial para a aprendizagem da leitura.

Acompanhando a escriptura *da sua sentença* no quadro-negro, ouvindo a pronuncia de cada palavra, á proporção que vai sendo escripta, a criança vai percebendo, na linha escripta, as partes de seu pensamento, e começa a analysar. E é quando ella começa a analysar que realmente começa a aprender a lêr.

Essa analyse não deve ser forçada: vem naturalmente, e, quando vem naturalmente, vem fecunda de resultados uteis.

Acontece que jogando a classe com o seu vocabulario proprio, que traz da familia, accrescido pelos constantes e variados exercicios de uma classe regularmente movimentada, para a descripção dos objectos escolares, estampas, quadros parietaes, que são offerecidos á viva imaginação infantil, durante o periodo escolar, muitas palavras são constantemente empregadas nos varios exercicios, e essa repetição constante na variedade infinita dos exercicios que a habilidade de uma professora pôde provocar em suas aulas, leva á aquisição de um vocabulario escripto muito satisfactorio e sufficiente *para deixar uma classe lendo*.

Taes vocabulos assim naturalmente dominados pela classe já podem entrar em novas combinações de novas sentenças, não dadas pelos alumnos, as quaes estes lerão com prazer. Os novos exercicios comportam perfeitamente outros vocabulos não conhecidos ainda, mas facilmente reconheciveis pelas relações de sentido com as partes já conhecidas e o todo.

Está vencida a primeira phase, após dous ou tres meses de aulas, mais ou menos, e os alumnos acham-se agora aptos para aprender a lêr em dous outros meses.

2.^a phase : A PALAVRA

No nosso entender esta é a phase que inicia realmente o aprendiz na arte da leitura.

A phase da sentença é muito util para as crianças ainda não treinadas, justamente porque as conduz, pelos seus numerosos e variadissimos exercicios, a esta phase, collocando-as no ponto de aprender a lêr. Assim, entendemos que a sentença deve ser dada a alumnos já desenvolvidos, ou seja pela idade, ou seja por viverem em meios mais cultos, apenas o tempo estriitamente necessario de se iniciar a phase do estudo das palavras, e de se conhecer o ponto de partida dos exercicios que taes alumnos já comportam, dez dias, quando muito. Perseverar, muito tempo com taes alumnos, por espirito de doutrina, na phase da sentença, é perder tempo presente e inutilizar tempo futuro, pelo tédio que lhes causa um alimento espiritual que lhes é anachrónico. Com taes alumnos deve-se logo entrar na segunda phase, na phase da palavra.

Interpretemos agora esta phase como continuação da 1.^a.

A professora conhece perfeitamente a occasião da passagem da 1.^a para a 2.^a phase. E' uma questão de tacto, ninguem lh'a póde indicar com segurança. A propria experiencia é o melhor guia.

Quando as crianças reconhecem no todo as differenciações que exprimem as partes de seus pensamentos, estão aptas para enfrentar a 2.^a phase.

O objectivo da 1.^a phase, foi levar a criança á differenciação das partes do todo, da sentença ao conhecimento das palavras.

O objectivo da 2.^a phase é levar a criança por meio das palavras que lhe são já familiares ao conhecimento de todas as outras palavras da lingua. Implica, pois, o conhecimento do mecanismo da leitura.

Os processos desta phase são muito differentes dos da 1.^a o que é muito agradavel para o professor e para os alumnos. Um dos males actuaes é — muito uns com os outros dias escolares, durante o anno lectivo, parecerem-se.

Julgamos conveniente, apesar dos alumnos já dominarem muitas palavras, que se proceda ao estudo destas, alguns exercicios geraes sobre a decomposição da sentença em suas partes essenciaes. Assim serão as sentenças lidas pelas crianças, decompostas primeiramente em suas partes essenciaes — sujeito e predicado. Mais tarde, poderão ser separados destes os seus attributos, o que offerecerá aos alumnos o conhecimento de variadissimas locuções e phrases diversas. Só então, pela decom-

posição das locuções e das phrases em seus elementos, chega-se ao estudo das palavras isoladas.

Nesta phase, como contra prova á analyse, iniciam-se proficuamente os exercicios de synthese, e, d'ora avante, analyse e synthese caminharão juntas por todo o periodo escolar no estudo da leitura.

Uma vez isoladas as palavras, para objecto de estudos, estas serão apresentadas, variando em suas flexões de genero, numero, gráu de significação, formas comparativas e flexões verbaes. A analogia poderá fornecer diversas outras palavras, levará ao conhecimento de familias de palavras.

Vocabulos semelhantes pelo começo, pelo fim, pelo meio; o conhecimento dos numeros monosyllabos da linguagem commum preparam as crianças para a analyse das palavras o sua decomposição em syllabas, bem como para a construcção e composição de novos termos.

3.^a phase : A SYLLABA

A distincção das syllabas, neste ponto, já não offerece nenhuma difficuldade, pois o professor, quando escreve a palavra, naturalmente a pronuncia vagarosamente, carregando em cada syllaba á proporção que a escreve. Esse trabalho de analyse não passa despercebido aos alumnos, que entram desassombradamente na 3.^a phase — a syllaba.

Decomposta a palavra em seus elementos syllabicos, as syllabas, por synthese, fornecerão novos vocabulos, novas phrases e novas locuções, as quaes por sua vez, formarão novas sentenças e, até, pequenas historias.

Não ha inconveniente algum, que esta 3.^a phase seja methodizada, ou de accôrdo com a ordem classica das letras do alphabeto, ou com a opinião que o professor tiver sobre a classificação dos sons fundamentaes da lingua.

Um exercicio util é o de pedir ás crianças palavras que tenham determinadas syllabas. Este exercicio leva directamente ao conhecimento de outras syllabas e de suas reciprocas relações na formação dos vocabulos.

A classe já agora está lendo e pôde receber seu livro de leituras, uma cartilha qualquer analytica das muitas adoptadas officialmente.

Durante a leitura da cartilha escolhida, serão recapitulados, illustrados e desenvolvidos os exercicios anteriormente realizados no quadro negro, e o professor terá alcançado o seu objectivo — dar á criança a posse de uma arte importantissima, a arte de lêr.

O estudo das syllabas prepara a 4.^a phase — a letra — que deve ser praticada já no 2.^o anno, nos exercicios de linguagem que sempre acompanham as licções de leitura.

Durante o 2.^o anno, os alumnos completarão a sua aprendizagem na arte de lêr, de fôrma tal que esta disciplina, efficazmente auxiliada por variados exercicios de linguagem oral e escripta, lhes será um precioso instrumento para a aquisição de novas idéias, e para ultimar a sua primeira instrucção e educação no 3.^o anno preliminar e no 4.^o anno.

Si nos lembrarmos de que, nesse tempo, os alumnos copiaram exercicios de linguagem, escreveram sentenças dictadas ou de invenção propria, reproduziram pequenas historias e anedotas, descreveram incidentes da vida quotidiana, não seria para admirar que, ao contrario do que commummente succede, encontrassemos no 3.^o anno alumnos bem preparados, com capacidade para receberem uma bôa educação e regular instrucção nas cousas da vida.

Observações geraes

Póde acontecer, depois da applicação de tudo isso que acabámos de recommendar, que as crianças fiquem sem saber lêr! E' o que está acontecendo em muitos logares depois da applicação *cuidadosa* das licções praticadas e aconselhadas pela Directoria de Ensino.

Foi mais para estudar as causas dos insuccessos verificados que escrevemos estas despreziosas linhas do que para produzir novos processos para ensinamento da leitura ás crianças, mui especialmente depois do que sobre este assumpto doutrinarão nossos illustres collegas Theodoro de Moraes, Arnaldo Barreto, Mariano de Oliveira, Roca Dordal e outros.

Era de esperar que as instrucções em vigor, applicadas intelligentemente, devessem produzir resultados satisfactorios em toda a parte, ou em quasi toda a parte. Grande é o numero de logares em que se verificam insuccessos mais ou menos completos. Ha muitas classes de repetentes do 1.^o anno, com um, dois e até tres annos de escola! E os que vencem, calculando pelas queixas formuladas pelos professores do 2.^o anno, apresentam condições pouco recommendaveis.

Estamos convencidos de que o methodo de leitura analytica póde dar bons resultados em toda a parte. Nestas considerações geraes vamos apresentar algumas das multiplas causas dos insuccessos de que vimos falando.

Já dissemos que a maioria das causas de insuccesso, na applicação do methodo analytico, do ensino da leitura é de ordem puramente material. E' o que vamos vêr.

Este methodo é baseado na *sentença como um todo*. A sentença é escripta no quadro negro, em letras grandes e bem visíveis, e por isso occupam um espaço consideravel. As crianças devem, pois, ser collocadas de fórma e a distancia tal, que seu campo visual abranja a sentença inteira. E' uso, entretanto, collocarem-se os alumnos em semi-circulo, muito proximos do quadro negro e do professor. Os extremos do semi-circulo nada vêem, ficando quasi unidos ao quadro-negro, e portanto *lêem de escorço, nada enxergando, lêem de ouvido*, repetindo sómente o que o meio do arco, mais afortunado, enxerga e lê.

A criança aprende a lêr, vendo as palavras *nascendo* no quadro, e como a professora, muito unida a este o cobre quando escreve, as palavras *nascendo*, não são vistas pela maioria da classe, que perde o seu tempo.

Aconselhamos sempre a collocação das crianças a distancia exigida pela natureza do trabalho, em duas fileiras parallelas ao quadro, um pouco á direita da professora, afim de que, quando este escreve, o campo do quadro esteja inteiramente á vista da classe.

Os alumnos assim collocados a distancia são melhor fiscalizados. A professora pôde fitar nos seus olhos, pois é pelos olhos principalmente que melhor nos communicamos psychicamente com os nossos alumnos. Nas fulgurações dos olhares infantis é que percebemos os seus estados mentaes e, approximadamente, calculamos o aproveitamento realizado por elles.

A classificação dos alumnos do 1.º anno em turmas A, B e C é feita de accôrdo com o seu desenvolvimento actual. Outro factor importantissimo — a maior ou menor possibilidade de desenvolvimento e de apprehensão — escapa-se-nos quasi sempre. Resultado: uma classe quasi homogenea, no principio, dentro de poucos dias está outra vez heterogenea.

Para remediar esse inconveniente recommendamos que durante a 1.ª quinzena, e mesmo a 2.ª, o professor continue a classificar, corrigindo os defeitos da 1.ª classificação, tendo em vista a capacidade apprehendedora de cada alumno.

O desprezo desta pratica dá em resultado que, sómente uma terça parte de cada turma aprenda, ficando os dous terços restantes para repetirem o 1.º anno.

Ainda assim, os resultados deixam algo a desejar. Haverá sempre em cada turma possibilidades diversas. Com as cautellas.

recommendadas o inconveniente é sensivelmente diminuído, não extinto.

Numa turma de alumnos — os mais activos aprendem certas noções mais depressa do que os outros. Por isso é que os mais activos de cada turma são um verdadeiro obstaculo ao desenvolvimento dos mais fracos. Neste caso é conveniente, sempre que alguns alumnos de cada turma já venceram uma série de licções, separa-los, deixal-os com outras classes, e chamar sómente á licção os mais fracos. Estes, estando sós, trabalham, se esforçam, ringuem lhes tomando a dianteira, e si não fazem igual as mais fortes, pelo menos não desanimam e acompanham-n'os mais de perto, e sufficientemente de perto para chegarem juntos ao fim da jornada. Com esta providencia difficilmente o professor perde alumnos das turmas B e C, e salva mais da metade da turma A, assegurando-se desde o principio do anno uma promoção de 75 %/, pelo menos.

Já se tem recommendado bastante que não haja pressa na entrega do livro á classe. Com os exercicios feitos por 4 ou 5 meses, no quadro negro, as crianças já devem saber lêr. Agora vão ellas receber o livro, para aprenderem a lêr, não *no livro*, mas *o livro*, o que é differente.

Succede, porém, que muitos professores esperam, mais ou menos religiosamente esvair-se esse lapso de tempo e esvaído este, mais religiosamente entregam o livro á classe. Infelizmente, nessa occasião, apesar dos quatro ou cinco meses de exercicios no quadro negro, a criança em muitos casos está analphabeta e vai aprender *a lêr no livro*. Ao tedio de uma classe que inutilmente trabalhou quasi um semestre no quadro, juntam-se as difficuldades de aprender *a lêr no livro*. Não é de admirar, pois, a escassez da colheita durante o anno lectivo.

A não ser para deixar uma classe lendo regularmente, antes de receber o livro, é preferivel entregar o mesmo ás crianças desde o primeiro dia de aula, do que se perderem 4 ou 5 meses de exercicios inuteis. Mas com as recommendações feitas acima, póde-se facilmente afastar este inconveniente.

Durante a inspecção do corrente anno, notámos ainda que, pelo modo com que as cousas vão sendo feitas, o methodo analytico de leitura, superior nos primeiros exercicios, torna-se logo no 2.º ou 3.º mês de aulas, um obstaculo ao desenvolvimento do alumno. Procurando as causas de tal anomalia, verificámos que estas já não são de ordem puramente material.

O methodo analytic, por sua natureza, tem uma evolução interessante desde o seu inicio até a sua finalização. As diferentes phases dessas evoluções exigem processos variados para poderem acompanhar a evolução do espirito dos alumnos durante o anno lectivo.

A criança, na escola, além das horas de vida collectiva que lhe cria novos caracteres especificos, recebe diariamente uma multidão de impressões diferentes: ella lê, fala, pergunta, responde, calcula, escreve, desenha, copia, produz sentenças, observa objectos em lições de cousas, nos trabalhos manuaes, na gymnastica, recebe o influxo moral do professor, — uma nova vida em fim, e complexa, a emociona durante dez meses de aulas. Compreende-se facilmente que o alumno de 15 de Dezembro já não é mais o mesmo alumno de 15 de Janeiro, época inicial do anno lectivo, *mesmo quando elle venha a não aprender a lêr!* Entretanto, quem assiste a uma lição de leitura no 1.º anno, em Fevereiro, Maio, Junho, Outubro ou Dezembro — parece assistir sempre ao desenvolvimento de uma mesma e unica phase do methodo analytic. O alimento espiritual fornecido aos pequenos não varia com a evolução mental dos mesmos, não satisfaz ás exigencias de um sêr que progride, e é por isso que o methodo analytic, utilissimo no inicio dos trabalhos escolares, transforma-se no 2.º semestre lectivo em verdadeira peia aos surtos da evolução mental dos alumnos.

Na pratica preferimos dividir o desenvolvimento do methodo em 4 phases diversas, que poderão abranger o ensino da leitura no 1.º anno, podendo a ultima phase, o estudo dos phonemas, ficar para o 2.º anno. Esta divisão nos parece bem clara e o desenvolvimento de cada uma de suas phases se faz differentemente, com processos diversos, de accôrdo com o progresso crescente dos alumnos. E como cada uma dellas, analyticamente, se faz independentemente umas das outras, embora, syntheticamente, se volte da 3.ª phase á 2.ª, e desta á 1.ª, as lições são sempre variadas, os dias escolares deixam de se parecer muito uns com os outros, o que é um bem para as crianças e para o professor.

Ahi estão, nas linhas geraes, os resultados de nossas observações durante o estudo que fizemos das causas de insuccesso de um methodo de ensino que deve, e póde dar excellentes resultados.

FESTA DAS ARVORES

Trecho de selva

DAS « IMPRESSÕES »

Outomno. Pôr de sol. Abril. Outomno...
ou quando se abre a terra toda em fructo.
Uma aura as palmas abanando — escuto —
a uma jissára a cuja sombra o somno
curto... e declina um sol cheio de entono
deante de um céu translucido e impolluto.

Então... na luz mortiça e derradeira
dessa tarde, a silhueta da casquilha
ramada escura se destaca... e brilha
a orla das cópas. Sobre a cascalheira
uma agua cáe — e cáe de que maneira! —
de uma pedra com geito de uma bilha...

Chega a noite... e, nuns fachos côr de prata,
pelas frestas da selva ha a luz da lua...
Não se perde ninguem si se insinúa.
em tal hora, a essa luz, por essa mata:
— a terra, ali, varrida quasi é chata
e a troncaria é, por de baixo, núa!

Quem ousará dizer que o sitio é feio?
Vê-se por todo o canto que se aviste,
a architectura-monstro... o talho triste
das gothicas ogivas e, no seio
da fronde, — á folharia de permeio —
o arco da frécha curta a que resiste...

Isso e inda mais: os capitéis dos galhos
arrematando os troncos sobre os sóccos
das raizes possantes... e altos blócos
de pedra solta á beira dos atalhos
— como estátuas veladas nos baralhos
da sombra em que não ha moutas e tócos...

O ar... não se aquieta! Move-se... murmura...
Parece, então, que se ouve uma conversa
baixa entre os genios bons... que se dispersa
entre o arvoredado e morre a pouca altura ..
Ha treva algutes... mas a parte escura
não nos desvenda cousa nella immersa!

Pyrilampos phosphorecendo, atôa...
parece que andam procurando alguma
cousa, sem procurarem nada em summa...
Uma urutágua se lastima e vôa...
— é um canto feio de avezinha bôa
e que acorda ás corujas de uma em uma:

Um par de olhos se accende aqui... e, logo,
outros olhos aos pares, como brazas
que se accendessem e tivessem asas,
volteiam pelo ar, chispando, em fogo!
São corujas despertas — sob o afogo
da noite plena e sobre as grotas rasas...

Os ninhos mais se fecham, por cautella;
as flôres guardam mais o seu perfume...
pois, ali, a noitada se resume
num mysterio que nunca se revela:
— ha cochichos por dentro da janela
de uma bróca de um tronco... e mais: ha Nume!

E' a hora do vagar das sombras... quando
passam as rondas dos encantos... Hora
cheia de sustos, medos — essa agóra — ...
que mais custa a passar, nos assombrando!
— Pois que vagueie um tão soturno bando,
que mais o não fará, em vindo a aurora!

Que, em vindo... a selva toda se retracta
e volta a ser o que era á diurna luz!
Nem o que á noite foi mais se deduz...
era tal hora, a essa luz, uma tal mata:
— a terra ali, varrida quasi, é chata
e os troncos são, por baixo, quasi nús!

CORIOLANO MARTINS.

Bananal, em 916.

Minha laranjeira

A Amalia Barbieri

Do meu pomar num recanto,
Que laranjeira ! Que encanto !
Florida perfuma o ambiente.
Nella esvoaçam abelhas
E borboletas vermelhas.
Que prazer ali se sente !

Todos os dias me occupo,
Antes de vir para o Grupo,
Em regal-a com amor.
Gosto de vel-a crescida,
Dando ás abelhas guarida,
Cheia de viço e frescor.

Mais tarde sua florada
Em fructos é transformada,
Bellos fructos de primeira :
Já estou com agua na bocca !
E' verdade e... não é pouca !
Vou tratar da laranjeira !

DULCE CARNEIRO

GOSTO DAS PLANTAS

A Leonorzinha Borges Vieira

Eu gosto muito das plantas !
De todas, sem distincção !
Quer seja a linda paineira,
Quer seja o mangericão.

Si todas prestam serviços,
Precisam nosso carinho !
Escutem lá : nossa roupa,
E' de algodão ou de linho.

Em nossa casa, na escola,
Quasi tudo que contém
De utilidade e conforto,
E' das plantas que provém !

Porisso é que eu gosto dellas !
Deveras ! Sem distincção !
Si a paineira nos dá sombra,
Rescende o mangericão !

DULCE CARNEIRO.

Deante d'uma arvore

A Lourdes Ferreira

Tem um abrigo seguro
No arvoredado, a passarada ;
Alli constróe os seus ninhos,
A sua bella morada.

Quando o pobre viandante,
Exhausto pela fadiga,
A' sua sombra se acolhe,
Ella bondosa o abriga.

Si raivoso sopra o vento,
Quasi, quasi a se quebrar,
Resistindo ás intemperies,
Protege, sim, nosso lar !

Quer seja viva, quer morta,
E' grande o seu poderio !
Ao dar á terra frescura,
Augmenta as aguas do rio.

A ti rendemos um culto
Nosso arvoredado gentil !
Salve pois, mil vezes, salve !
Rica flóra do Brasil !

DULCE CARNEIRO.

Meu canteirinho

Ao Nelson Silva

No jardimzinho de casa
Fiz um lindo canteirinho !
Plantei-o só de begonias,
Hortencias e rosmaninho.

Não é novo : póde ter
Dois annos : ou... anno e meio.
Na primavera elle fica
Um mimo ! de flôres cheio !

Hoje estava de encantar !
Era, do céo, um retalho !
Num manto azuleo de hortencias,
Brincavam gottas de orvalho.

E nas begonias floridas,
Miudinhas, dansando ao vento,
Bailavam as abelhinhas
A' procura de alimento.

Encimava este recanto
De uma belleza tamanha,
Rico docel de brilhantes,
Trabalho de Dona aranha !

Não se vê em meu canteiro
Uma formiga, ou lagarta.
De aprecial-o com enlevo,
Em casa ninguem se farta.

DULCE CARNEIRO.

Queixa das Flôres

Ao Dudú Ferreira

Pela manhan, bem cedinho,
Fui ao jardim passear.
Sabem o que lá ouvi?
Escutem, lhes vou contar :

O lyrio dizia á rosa :
(Que o escutava com bem magua)
Si não fôra o doce orvalho,
Morreria á falta d'agua !

Dizia um cravo vermelho
Mui ravoso : E' tudo em vão !
Inda no mês de Setembro,
Minha haste rója no chão !

Emmurchecida, mirrada,
Falava a dhalia á verbena :
Como dóe a fome, a sêde,
E de nós, ninguem tem pena !

Murmura o jasmim do Cabo :
Com trato assim, não se medra !
Ora, é o eterno descuido,
Ora, é uma chuva de pedra !

Do meio de tanta queixa,
Partiu um riso brejeiro.
— Um pé de cordão de frade,
Exaltava o jardineiro...

Voltei então para casa
E pedi á mamãezinha
Que me dêsse um regador,
E tambem uma enxadinha.

Ella, sorrindo me disse
Com sua voz meiga e mansa :
As flôres precisam mesmo
De tracto, como a criança !

DULCE CARNEIRO.

Hymno ás arvores

Quando o sol vem surgindo, distante,
No horizonte purpureo e doirado,
Com seus raios desperta, brilhante,
No arvoredado, o feliz bando alado.

Sóbe aos céos, da espessura da mata,
Um gorgoejo de franca alegria,
Por saudar os mil raios de prata
Com que Appollo abre as portas ao dia.

Vibra em toda a sombria floresta
A canção matinal desferida:
Ha nos ramos prazeres, ha festa,
Tudo gosa as delicias da vida.

Pelos troncos, a seiva, subindo,
Banha os galhos, as folhas em gume,
Vai as arvores todas florindo,
Derramando de cima o perfume.

Salve, ó arvores fortes da serra!
Si pudesseis viver livremente,
Mais saúde haveria na terra,
Ar mais puro, mais agua corrente!

S. Paulo, 24 — 8 — 1914.

FREITAS GUIMARÃES.

A arvore

Arvore, — amiga constante
Desde o berço á sepultura!
Bem dita a mão que te plante,
Bem dita a voz que te cante,
Bem dita sejas na altura!

Estende á luz os teus ramos
Onde a harmonia se gera!
Perfuma o ar que aspiramos
— Dá-nos flor na Primavera!

Cobre de verde folhagem
 Teus braços, docel sombrio !
 Ablanda a calma da aragem...
 — Dá-nos a sombra no Estio !

Os teus pomos ao sol córa...
 E pensa que ao abandono
 Ha muita bocca que implora :
 — Dá-me o teu fructo no Outomno !

Em vindo a dura inverneira,
 Seja o teu gesto mais terno !
 Dá-nos calor na lareira...
 — Dá-nos a lenha no Inverno !

Bemdicta seja a constancia
 Que ha na tua protecção !
 Arvore — amor e abundancia !
 Déste-me o berço na Infancia,
 Dá-me na Morte o caixão !

* * *

MONOLOGO

A arvore do Natal

Plantar ou não plantar : eis a questão !

Bem sei que devo plantar, porque todos neste mundo devem deixar semente... Mas que plantarei eu ? A arvore da sciencia ? Ballela ! Para que serve a sciencia ? Para pôr a gente fóra do paraiso como aconteceu ao abelhudo do nosso pae Adão que foi posto na rua em fraldas de camisa ? Uma bananeira !... Mas qual !... Esta cresce, viça, farfalha ao vento em pouco tempo, mas dá o cacho uma vez só e depois... adeus, bananas ! Ah ! uma bella idéia ! Uma idéia genial ! Vou plantar uma grande arvore, uma arvore secular que perpetue em seus galhos a minha bôa vontade ! Uma perobeira ! Que tal ? Mas não serve !... Tenho dó da pobre humanidade, que daqui a algum tempo vêr-se-á victima de mais uma multidão de cacêtes e isso não é festa ! Só si eu fôr plantar batatas... Mas mamãe nem isso quer, porque, diz ella, gorda e forte como está, que já faz parte da liga contra a tuberculose e a professora diz que a batata é um tuberculo !... Pois bem, hoje é a festa das arvores e eu vou plantar uma que ha de produzir bons fructos : trombetas, tambores, bolinhas, brinquedos e espero que as senhoras, senhoritas aqui presentes, passadas e futuras, me ajudem a cultivar e adubar a minha « arvore do Natal », que dizem que é planta annua, mas dura — « per omnia secula seculorum ».

DR. J. MOTTA.

LICÇÃO DE BOTANICA

Estudemos hoje as plantas.
Comecemos pelas folhas.
Quem prestar muita atenção,
Dispensará saca-rolhas.

Para que servem as folhas?
Dize si sabes, Sinhá.
— Umas, para se comerem,
Servem outras para chá.

Comemos folhas de alface,
De repolho, de agrião.
Losna e artemisa dão chá,
Tambem poêjo e cidrão.

— E o tronco para que serve,
Quem quer dizer? Dize Adilia.
— D'elle tira-se madeira
Para casas, náus, mobilia.

— As madeiras não teem nome?
Não sabes, não, Raphaela?
— Pinho, nogueira, peroba,
Araribá e canella.

-- Algumas plantas dão fructas,
Laranja, manga, romã,
Morango, jaboticaba,
Pêra, marmello, maçã.

E d'onde saem as fructas?
— Das flôres. Ouvi dizer
Que, ao seccarem-se no hastil,
Começa o fructo a crescer.

— Como pôdem ser as flôres?
— Grandes, dobradas, singellas,
Inodoras, perfumadas,
Azues, rôxas, amarellas.

E' branco o jasmin do Cabo,
Amarello é o resedá.
Azul do céu, — myosótis.
Rôxo claro o manacá.

— Da utilidade das flôres,
Vae a Elvirinha falar.
— Ellas enfeitam os campos,
A nossa casa, o altar.

— Já vêem meninas, que as plantas,
Têm muito, muito valôr!
Porisso mesmo é que devem
Ser tratadas com amôr!

DULCE CARNEIRO.

A CASUARINA

Esguia e rumorejante,
A sussurrar na amplidão,
Com seu soluçar errante
Parece ter coração!

E quando, por noite escura,
Brilham estrellas no céu,
Ella fica pela altura,
Como da terra um trophéo!

Gosto de ouvil-a cantando
Numa noite de luar,
Em que o vento é doce e brando
Como um leve suspirar.

E é tão bella enraivecida,
Nas horas de tempestade,
A recutvar-se pendida,
Mas sempre com majestade!

E quando o tufão bravio
Sibilla como um açoite,
O seu farfalhar sombrio
Assusta o somno da Noite!

E' como uma alma valente
Contra os rigores da sorte:
E' altaneira, mas sente,
Tem carinhos, mas é forte!

PREECILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

Utilidade das arvores

A Nuir Reis

Si as arvores servem tanto,
Não é justo as maltratar.
Como se cuida de gente,
Dellas devemos cuidar!

Madeiras p'ra nossas casas
D'onde é que vêem? Digam já.
Das arvores: do pinheiro,
Nogueira, jacarandá.

Quasi todos os remedios
Que curam tantos doentes,
São tirados de raizes,
De folhas ou de sementes.

Nosso berço, nossa cama,
Que nos dão tanto conforto,
Não são tirados das arvores?
Tambem o caixão do morto!

Quando chove, os pintainhos
Para onde vão a piar?
Vão para baixo das arvores...
Bem o vi no meu pomar!

Contra o vento nos protege
A arvore, da chuva abriga;
Como uma arvore é boa!
Então ella é nossa amiga!

Si as arvores servem tanto,
Não é justo as maltratar
Como se cuida de gente,
Dellas devemos cuidar!

DULCE CARNEIRO.

FESTA DAS ARVORES

(Tradução)

Cavemos a terra, plantemos nossa arvore,
que amiga bondosa ella aqui nos será !
Um dia, ao voltarmos pedindo-lhe abrigo,
ou flores, ou fructos, ou sombras dará !

O céu generoso nos regue esta planta ;
o sol de Dezembro lhe dê seu calor ;
a terra, que é bôa, lhe firme as raizes
e tenham as folhas frescura e verdor !

Plantemos nossa arvore, que a arvore amiga
seus ramos frondosos aqui abrirá.
Um dia, ao voltarmos em busca de flores,
com as flores, bons fructos e sombras dará !

ARNALDO BARRETTO

HYMNO DAS ARVORES

(Musica de J. Carlos Dias)

Alegremós das arv'res a festa
Com os brilhos da nossa alegria ;
Brótem flores da espessa floresta,
Cantem ninhos dos ramos um dia.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa, do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Chovam benções dos céus em cascatas
Sobre o seio materno da terra ;
Contra a morte inclemente das matas
Surja a nossa bandeira de guerra.

Verde, verde da nossa esperança
Cresça, verde e formosa do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Guerra aos ímpios, ingratos machados,
Trégua ao fogo impiedoso e sem dó,
Que amortalham as flores dos prados
E transformam os bosques em pó.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa do chão,
Cada planta que ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Neste céu, todo azul e esplendores,
Altos hymnos refuljam agora,
De creanças e plantas e flores
Congraçadas em rútila aurora.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Sob a meiga e bemdita turqueza
Desta gloria do olhar de Cabral,
Foi S. Paulo que teve a riqueza
Deste exemplo de brilho immortal.

Verde, verde da nossa esperança,
Cresça, verde e formosa do chão,
Cada planta que, ao rir da creança,
Pede á terra da vida o condão.

Araras, 7 de Junho de 1902.

Velhas arvores

Olha estas velhas arvores, mais bellas
Do que as arvores novas, mais amigas :
Tanto mais bellas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procellas...

O homem, a féra e o insecto, á sombra dellas
Vivem, livres de fomes e fadigas :
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarellas.

Não choremos, amigo, a mocidade !
Envelheçamos rindo ! envelheçamos
Como as arvores fortes envelhecem :

Na gloria da alegria e da bondade,
Agazalhando os passaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem !

OLAVO BILAC.

COPA VERDE

Deixa-te sacudir do temporal violento,
Copa verde ! E' tortura e é beneficio o vento ;
Faz-te gemer, mas leva a poeira que se afoita,
Vinda do immundo chão, a te manchar ; açoita,
Torce-te os ramos, mas as folhas sans te deixa
E as mortas te despega ; á alma prantiva queixa
Te arranca, mas vê bem : na furia em que te assalta,
Agua que aqui não tens, rócio que aqui te falta,
Frescura, vida, emfim, traz-te de longe. Chora,
Grita, raiva, pragueja, uiva e soluça, embora !
O despeado tufão em que vês um castigo,
Um flagello do céu, é teu melhor amigo !
Si te fizer lascar com um impeto mais forte,

Inda assim, copa verde, inda a baquear na morte,
Em teu ultimo arranco uma benção lhe envia,
Pois de teu tronco viuvo has de mais bella um dia
Renascer. . . Como a nós, quando tambem nos passa
Pela vida um tufão, um sopro de desgraça,
Si fortes somos, póde o ramo mais viçoso
Da illusão abater: em seu logar glorioso,
Outro rebentará mais florido e mais lindo,
Onde virão cantar, e acasalar-se, unindo
Asas e asas, a um sol claro, a campear na esphera,
Novas aves de amor, a nova primavera.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Arvore secca

Sobre o despenhadeiro debruçada,
Retorcida, convulsa, immensa,
Com as raizes já frouxas, e mirrada,
Está uma arvore annosa, e pensa.
Passou a vida com os festões que abriram
E murcharam de tantas flores,
Com as galas que os seus ramos revestiram,
Com o sol, com a luz e com os amores.
O que ora vês e para o chão se inclina,
Como um velho tremulo e absorto,
E' a sombra do que foi, espectro, ruina,
Rude tronco infecundo e morto.

Porque não cáes, arvore inutil? Olhas
Receiosa para o precipicio,
Ondè o tempo uma a uma as tuas folhas
Arrojou, no tremendo exicio.
Irresoluta, como a idéa escura
Que impelliu a mão do suicida,
Tens-te, attentando em baixo, a atra espessura
Do abysmo, e acima o sol, e a vida.

Cáe! sem folhagem mais, cujas estomas
O ar da serra, em dias felizes,
Te respiraram, ar que em seiva e aromas
Te corria caule e raizes:

Sem joias mais — chuveiros de brilhantes
 Do almo orvalho que a noite chora,
 A rutilar nas festas deslumbrantes
 E alleluias de ouro da aurora ;
 Só e espectral, os ramos desornados
 — Longos braços mortos, abrindo,
 Que esperas mais ? Teus dias são passados !
 Que mais fazes ? Cae ! tudo é findo !

Parece-me, encarando a arvore annosa,
 Que ella fala. ella assim me diz :
 — « Homem, por tua vez, viste a formosa
 Quadra passar, flórea e feliz.
 As folhas minhas que no chão rolaram
 E onde os olhos scismando pões,
 Deixaram-me, homem, como te deixaram
 Uma por uma as illusões.
 A cada flôr que vi cahir e a rara
 Fina essencia, murcha, perdeu,
 Corresponde em teu intimo, compara,
 Uma esperanza, um sonho teu.
 Carregada de passaros, da esphera
 Clara arraiada com o esplendor,
 — Ode, esmeralda e luz. a primavera
 Celebrei, celebrei o amor.
 Tu, primavera e amor, alma vestida
 De um clarão de poesia e ideal,
 Cantaste, e em cantos se te foi a vida
 A escôar sonora e triumphal.

Envelheci. Ambos envelhecemos.
 Adeus, nitido azul dos céus !
 Caricias do ar, e sol, e amor, e extremos !
 Rumorejos, versos, adeus !
 Envelhecidos, a hesitar emtanto,
 E pavido cada um de nós,
 Sobresaltado de terror e espanto,
 Olha aos pés seu abysmo atroz.
 Qual sombras, incertezas que o consomem
 Ha de ir lá primeiro extinguir ?
 Devo cahir... Mas porque o lembras, homem
 Si tambem terás de cahir ? »

ALBERTO DE OLIVEIRA.

IDYLLIO

Ah, que ineffavel pureza !
Que candura immaculada !...
Dir-se-ia que a natureza
Nasceu esta madrugada !...

A primavera opulenta,
Estremecendo d'amores
Palpita, aneia, rebenta,
Em cataclysmos de flores.

O olhar d'oiro das boninas
Contempla o azul ; ao vél-as,
Dir-se-ia que nas campinas
Cahiram chuvas de estrellas.

Entre as sebes orvalhadas
Dos rumorosos caminhos,
As madresilvas doiradas
Tapam as bôcas dos ninhos.

Heras, roseiras, silvedos,
Numa doida confusão,
Abraçam-se aos arvoredos
Como Dalila a Sansão.

Os negros melros farçantes
Dão risadas zombeteiras,
Dos loureirae verdejantes
Nas luminosas trapeiras.

Com a estrella d'alva, Flora
Abriu os olhos ideaes ;
Os seus pés da côr da aurora
Vôam nús sobre os trigaes.

Eil-a a correr e a atirar
Co'as roseas mãos pequeninas
Borboletas para o ar,
Lilazes para as campinas.

Calca com os pés aéreos
A morte cheia de horrores,
Alastrando os cemiterios
D'uma inundação de flores.

Polvilha d'oiro e de prata
O campo, o bosque, o vergel;
Aos seus labios de escarlata
Vae buscar a abelha o mel.

GUERRA JUNQUEIRO.

A arvore

« Mal vem da subterranea lucta obscura,
Mal nasce e irrompe, ensaia arborecer,
Floresce, fructifica... ora é factura,
Ora é consolo e allivio, ora é prazer.

Frondeja? a sombra é para nosso gôso.
Dá flôr? é para nosso encantamento
Ephemero, voluvel, mas ditoso.

Põe fructo? o fructo é nectar e alimento,
Remedio salutar, miraculoso
Para o labio famélico ou sedento.

E quando humanas mãos a abatem, ella
Dá-nos a mesa, o leito, o throno, o altar:
— Chamma a clarear a noite de quem véla,
— Lareira a arder, espirito a queimar...

O seu cadaver alimenta a chamma,
A sua chamma aquece o frio ao pobre...
— Bemdita, em flôr e fructo, em tronco e rama!

Sacia as aves e os insectos; cobre
O viajor da ampla sombra que derrama...
Arvore caridosa, santa e nobre!

Vem para outrem e vae por outrem. Lucta,
E entre luctas e penas, se bemdiz,
Feliz de a tanta gente ingrata e bruta
Ter feito menos bruta e mais feliz! »

A LOCOMOTIVA

(A Gaspar da Silva)

Da penedia o dorso se espedaça.
 Accelera-se o rio espavorido,
 Abrem o seio escuro bipartido,
 A selva e o monte; o trem de ferro passa...

Sibilla e corre a machina; esvoaça
 Dos passaros o bando foragido;
 Bufo o monstro e do bojo ennegrecido
 Golpha rolos de turbida fumaça...

Rijo, forte e veloz; é uma Ideia
 Condensada em metal, em ferro espesso;
 Não recúa, não cáe, não t'itubeia;

E vòa, e rasga o luminoso ingresso,
 O ramo arterial, a grossa veia
 Por onde corre o sangue do progresso.

RAYMUNDO CORREIA — (*Symphonias*).

NO JARDIM

Scena domestica

Ella estava sentada em meus joelhos
 E brincava commigo — o anjo louro,
 E passando as mãozinhas no meu rosto,
 Sacudia, rindo, os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
 Feliz, sorvia nesse olhar suave
 Todo o perfume desta flor da infancia;
 Ouvia alegre o gazear dessa ave!

Depois, a borboleta da campina,
 Toda azul — como os grandes olhos della —
 A doudejar gentil passou bem junto,
 E beijou-lhe da face a rosa bella.

« Oh! como é linda! disse o louro anjinho
 No doce accento da virginea fala;
 Mamãe me ralha se eu ficar cansada;
 Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a! »

Eu segui-a chamando-a, e ella, rindo,
 Mais corria, gentil, por entre as flôres;
 E a — flôr dos ares — abaixando o vôo,
 Mostrava as azas de brilhantes côres.

Iam, vinham, á rôda das acácias,
 Brincavam no rosal, nas violetas,
 E eu, de longe dizia: « — Que doidinhas!
 Meu Deus! Meu Deus! são duas borboletas!... »

CASIMIRO DE ABREU.

O POEMA DA LARANJEIRA

Semente outr'ora fôra, e tenra, e delicada...
 Talvez de uma ave o bico, ou rija ventania,
 Do fructo em que nascêra a despregára um dia,
 Levando-a pelo espaço; e, após, abandonada
 A' tôa, pelo ar, qual coisa que não presta,
 Alli fôra cahir, no seio da floresta,
 E alli crescera... O sol deu-lhe o calor e orvalho,
 A seiva forte e san, de um vigoroso galho
 Pingada dia a dia. A Natureza inteira
 Foi-lhe mãe carinhosa, emfim; e a laranjeira,
 Soltando pelo espaço, altiva, agradecida,
 A rama vigorosa, alli cresceu com vida...
 A selva, porém, feia, escura, emmaranhada,
 Vivía emmudecida e triste e desprezada...
 A avezinha canóra, insectos zumbidores,
 Tudo o que é alegria e tudo o que ama as flôres
 — Como se foge á Sombra (era-lhe ella o arremedo) —
 Della em bandos fugiu, levados pelo medo...

Chegára a primavéra; e bella, a Natureza,
 Num hymno colossal, soberbo de grandeza,
 A vida festejava. As flôres iriadas,
 Beijadas pelo sol, de perolas orladas,
 Garridas e louçans, fremiam nos hastís,
 A selva vae enchendo de perfumes subtís...
 A bella parasita, a orchidéa e a palmeira,
 Todos os vegetaes da flora brasileira,
 Desde a gramminea anan ao féto colossal,
 Do pinho ao alecrim, ao aureo ipê real.
 Vaidosas cortezans, por essa primavéra

Se toucaram, de tudo o que, em si, a Flora encerra . . .
 Emtanto, a selva escura e feia e emmaranhada,
 Jazia muda e triste, e triste e abandonada.

Da laranjeira a um ramo nascera a flôr primeira.
 Mil outras logo veem . . . e assim a cabelleira,
 Que de uns outros após nevando os fios vão,
 Em breve se formou da alvura o algodão.
 Fendeu-se cada flôr numa urna perfumada
 Que a aragem matutina, a beijos, delicada,
 Tratava de entornar, com o aroma em si contido.
 Embalsamando o ar . . .

Um beija-flôr, vencido

Por tão divina essência, inquieto, num ligeiro
 E electrico ruflar, d'além chegou, primeiro.
 Depois, outro no encalço; e assim, inteiro, o bando,
 Empós ao beija-flôr, tambem se foi chegando . . .
 Depois a abelha veiu, a rude proletaria,
 Que tira em cada flôr o mármore do seu lar . . .
 Depois, a borboleta, a alegre procellária
 Da florida estação, nesse rumorejar
 Sempre crescente, a selva escura e triste outr'ora,
 Encheu-se de harmonia, e fez-se numa aurora . . .

Na fimbria do oriente, o sol, fecundo artista,
 Do transparente céu, na limpida amethysta,
 Traçára com vigor a luz da madrugada.
 Do leito verde-claro, em pejos inflammada
 Aos beijos matinaes, leve, a rosa levanta
 A fronte purpurina; uma outra empallidece;
 Esta inclina a corolla; aquella outra sé espanta,
 E arfando o lindo seio, á aragem estremece . . .

Um ninho canta agora . . . Outro, que além se esconde,
 Da espessa ramaria em breve lhe responde;
 Mais outro, um outro mais . . . e num crescendo enorme,
 Harmonico, viril, esplendido, uniforme,
 Rompeu de mil gargantas, repentinamente,
 Um côro divinal, translucido, fremente,
 Polvilhado de luz, impregnado de aromas.
 Enchendo todo o espaço, até as verdes cômas . . .

.
 De si jogando ao solo o orvalho que a roreja,
 Naquelle mesmo instante, a bella laranjeira,
 Qual deslumbrante noiva ao regressar da igreja,
 Surgia da penumbra, altiva, perfumada,
 No arminho do seu véu magestosa e faceira,
 Num ósculo de luz da loura madrugada . . .

Visita á floresta

.....

O' clareiras do bosque! ó penumbras sagradas!...
 Como o sol entra aqui a rir, ás gargalhadas,
 E como a natureza é virginal e pura!
 A alma se me esváe, fundida de ternura,
 Em murmurios d'amor, em extasis de crente!
 Como isto moraliza e diviniza a gente!
 Dá-me vontade de ir subindo essas encostas.
 Ajoelhado, a beijar a terra, de mãos postas!
 Eu quizera enroscar-me aos robles como a hera,
 Ser perfume no lirio e ser vigor na fêra,
 Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
 Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flôres,
 Com as aguias voar no oceano infinito.
 Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
 De fôrma que eu andasse, em átomos, disperso,
 No céu, no mar, na luz, na terra — no universo!...

.....

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,
 Entre a vida brutal das arvores gigantes
 Levantando ao azul os pulsos seculares,
 Entre as vegetações frescas de nenufares,
 De cactos, de jasmíns, de silvas, de roseiras,
 De serpentes em flôr — isto é, de trepadeiras,
 A escrever, a romper da terra funda, escura,
 Debaixo desta rica igreja de verdura,
 Trespasada da luz cruel do sol faminto.
 O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,
 Sinto bem que nasci do teu enorme flanco.
 E que o homem e o tigre e o cedro e o lirio branco
 São filhos a quem dás de mammar no teu seio,
 Eternamente bom e eternamente cheio!

GUERRA JUNQUEIRO.

A LAGRIMA

Manhan de Junho ardente. Uma encosta escavada,
Secca, deserta e nua, á beira de uma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha.
Bebendo o sol, comendo o pò, mordendo a rocha.

Sobre uma folha hostile d'uma figueira brava,
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprende, compassiva e divina,
Uma lagrima ethérea, enorme e cristallina.

Lagrima tão ideal, tão limpida que, ao vê-la,
De perto era um diamante e de longe uma estrella.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,
Elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— « No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar :
Ha safiras sem conta e brilhantes sem par.

« Ha rubins orientaes, sangrentos e doirados,
Como beijos de amor a arder, cristallizados.

« Ha perolas que são gottas de magua immensa,
Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa,

« Pois brilhantes, rubius e perolas de Ophir.
Tudo isso eu dou, e vem, ó lagrima, fulgir

« Nesta c'roa orgulhosa, olympica, suprema,
Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema! »

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Oviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,
Passa no seu ginete um cavalleiro andante.

E o cavalleiro diz á lagrima irisada :
« Vem brilhar, por Jesus, na cruz de minha espada!

Far-te-hei relampejar, de victoria em victoria,
Na terra Santa, á luz da Fé, ao sol da Gloria!

« E á volta, ha-de guardar-te a minha noiva, ó astro,
Em seu collo auroral de rosa e de alabastro.

« E assim alumiarás com teu vivo esplendor
Mil combates de heróes e mil sonhos d'amor! »

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Ouiu, sorriu, tremeu... e ficou silenciosa.

.
.
.
.

Debaixo da figueira então um cardo agreste,
Já resequido, disse á lagrima celeste:

« A terra onde o lilaz e a balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra.

« Se a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,
O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,
Ouvi trinar, gorgear a musica dos ninhos.

« Nunca junto de mim ranchos de namoradas
Debandaram, cantando, em noites estrelladas...

« Vôa a ave no azul e passa longe o amor,
Porque, ai! nunca dei sombra e nunca tive flôr!...

« O' lagrima de Deus, ó astro, ó gotta d'agua,
Cáe na desolação d'esta infinita magua! »

E a lagrima celeste, ingenua e luminosa,
Tremeu, tremeu, tremeu... e cahiu silenciosa!...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,
Reverdecendo, dava uma flôr côr de sangue,

D'um roxo macerado e dorido e desfeito,
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito..

E ao calix virginal da pobre flôr vermelha
Ia buscar, zumbindo, o mel, doirada abelha!...

GUERRA JUNQUEIRO.

A PRIMAVERA

A primavera é a estação dos risos ;
Deus fita o mundo com celeste affago,
Tremem as folhas e palpita o lago,
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flôres
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhan colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso á criação modula :
Canta a calhandra, a jurity arrula,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa : — Como é linda a veiga !
Responde a rosa : — Como é doce o orvalho !

CASIMIRO DE ABREU.

O orvalho e a rosa

Na corolla duma rosa
De belleza peregrina,
Brilha uma gotta formosa
De agua pura e crystallina.

Os mais varios cambiantes
Della se expellem a flux,
Como de finos brilhantes
Postos aos raios da luz.

A rosa, o calix dobrando,
Da brisa ao passar fagueiro,
Rescende um perfume brando,
Fino, suave e ligeiro.

Alguem se approxima; ao vê-las,
Segura o mimoso galho,
E exclama: — São ambas bellas,
A flôr e a gotta de orvalho!

— Exhala a rosa o perfume
Entre as flôres sem rival,
Lança scentelhas de lume
A perola matinal...

— Duma o perfume se admira,
Doutra o brilhante fulgôr...
Que eu não sei qual preferira,
Si esta perola, ou si a flôr...

A rosa pouco modesta
Por se julgar a primeira,
Do orvalho o valôr contesta,
Falando desta maneira:

— Bella é a perola que apontas,
Porém, si eu quizer, esmago-a...
Não passa no fim de contas,
Duma pobre gotta d'agua...

Cahiu-me aqui no regaço,
De mim se alimenta e medra;
Sou eu apenas que a faço
Parecer valiosa pedra...

Si acaso a desempoleiro
Da sua opulenta cama,
Verás então, lisonjeiro,
Tornar-se a perola em lama...

E tendo assim discorrido
A' fala juntando a acção,
Num gesto atroz, sacudido,
Lançou o orvalho no chão.

Disse a perola, cahindo
Sobre a areia do jardim:
— « Antes do dia ser findo
Em vão chamarás por mim...

Não tarda que o sol escalde
Da rosa o mimoso galho
E ouve-se a rosa debalde
Chamando a gotta de orvalho...

MAGIA SELVAGEM

Com ledo rosto e coração festivo,
Seguindo o atalho do regato á beira,
Entro ás vezes na selva que peneira
Orvalho e sol, como um dourado crivo.

Fronte ensombrada, aspecto pensativo
De arvores mil, abobada altaneira
De entrançados festões, — estranho e vivo
Templo, arcadas de lucida madeira ;

Passaros, flôres, pétalas ungidias
De orvalho, errantes plumas coloridas,
Rios, penhascos, sol esplendoroso,

Claros de céos radiando em flóreo prisma...
Tudo, ajoelhado e tremulo, me abysma,
Cégo de assombro e extatico de goso.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

A ARVORE

I

Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil varios cipós de espiras infinitas,
Mil orchideas em flor, mil flores, — sobranceira,
Forte, erecta, na altura a basta fronde abrindo,
C'roada do ouro do sol, aos ventos sacudindo
A gloriosa cimieira ;

A arvore, abrigo e pouso á aguia real, sorria.
Dez leguas de redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o val, e os montes longe, tudo ;
Nuvens cortando o ar, e passaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esphera radiando,
Como fulgente escudo.

Ampli-ondeante a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rigida armadura
Vestir-lhe. A intacta frente, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que diga si era forte,
Quando o intentou dobrar ; que o diga o irado norte
Com o seu tropel inteiro.

Passaram sem feril-a, esbravejando ás soltas,
 Ventos e temporaes ; e das nuvens revoltas
 Alumiu-a, á luz do raio, a tempestade ;
 Mas, chegando a manhã, lá estava, altiva e bella,
 Incólume, a cantar, zombando da procella,
 A aria da liberdade.

Vinham então grasnar em seu negro fastigio .
 Os bravos corvos do alto e ouviam-se em remigio
 Grandes aguias a luz cruzando, tenebrosas ;
 Emquanto, de echo echo, um berro immenso atroava
 A selva, e o touro, a ouvil-o, hispido o pello, arruava
 Nas planicies umbrosas.

E que ubérrimo seio a toda vida aberto
 Era o seu ! Quanto amor á sombra do deserto,
 Quanto ! quando, o raizame ao sólo preso, as cimas
 Dava esta arvore á luz e o orvalho brando, ao vento,
 Via-se a gottejar, de momento em momento,
 Das ramagens opimas !

Giganta e mãe, alteando os hombros, quanta vida
 No ar não fez florescer dos flancos seus nascida !
 Quando a versuda cópa ás virações extranhas
 Entregava, aspirando o puro ambiente, a quanto
 Ser não nutriu, fecunda, agarrado ao seu manto
 Ou ás suas entranhas !

Ia-lhe caule acima, em longos cirros, toda
 A hera da floresta, os vegetaes em roda
 Deixando-a vêr mais alto o céu, mais livre agora ;
 E o lichen verde, o musgo, o féto, as capillarias,
 As gynandrias gentis, epiphytas, e as várias
 Bromelias côr da aurora.

De seus braços em volta — enroscadas serpentes,
 Leves, a suspender as maranhas virentes,
 As bauhinias em flôr alastravam ; abriam
 Os cyclanthos, e ao lado, acompanhando os liames-
 Das bignonias, ao sol, em tremulos enxames,
 As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscillando, ao pincaro suspensa,
 A trama dos cipós se desatava immensa ;
 Em seu cóllo não raro, a cobra a fulva escama,
 Com os éstos do verão fez esmaiar, — emquanto
 Tardo passaro estivo, em suspiroso canto,
 Voava de rama em rama

Não raro, em bando inquieto, as variegadas plumas,
Viram aves, talvez, ahí crescer. E algumas,
Talvez, entre a expansão trichotoma e sadia
Desses ramos, á sombra, o ninho penduraram
E, primeiras da selva, as asas levantaram
Para saudar o dia.

Mais que um seio de amor, um tecto de piedade
Foi est'arvore. Ao vento, á chuva, á tempestade
Fugindo, brenha a brenha, e de terror vencido,
Não raro o tigre um pouso aqui teve seguro,
Emquanto atroava o raio, em firmamento escuro,
O espaço ennoitecido.

Não raro o val soturno a côrça e o leão transpondo,
Quando o incendio estouraz ao longe em rouco estrondo,
De raiva inflado, a um sopro, aleava as furias, vieram ;
E, afuzilando o olhar, o pello hir-uto, á mingua
D'agua, o orvalho estival cahido aqui, com a lingua
Nestas folhas beberam.

Não raro ! E quanta vez de extincta raça, á aragem
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem
Saudando o sol aqui, sob esta arcada ! E, á lua,
A' noite, quanta vez, na aura vernal trazido,
Não se viu perder de extranha dansa o ruído
Nesta folhagem núa !

E era grande ! e era bella est'arvore assombrosa !
Tudo a amava, e ella, altiva, ella, entre a luz, gloriosa,
Lançava aos céus robusta a sua frente, em festa ;
E immenso cânto echoava aos pés da soberana...
Mas... Como a palpitar do canto agreste á liana,
Não tremeu a floresta !

II

... Entrava a selva um dia um homem. Sopesava
l'ersa, afiada segure. Em torno a vista crava,
A arvore vê. Levanta o truculento olhar...
Toma-lhe a altura enorme aos ramos, á espessura
Ao tronco. E o ferro audaz de solida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar volteia o tetrico instrumento,
E sôa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. Para fendel-a, ao braço heroico e rude
Mais esforço é mistér.

Pois novo esforço. Gyra a arma assassina ao pulso
 E lá vae, lá bateu, que é força entrar. Convulso
 O homem de novo ás mãos sacode-a. Inda outra vez
 Sacode-a. O aço lampeja, e do cortante gume
 A furia estona o tronco. E ha, talvez, um queixume
 No madeiro, talvez...

Mais outro esforço. No ar, como mandrão guerreiro,
 Zune o ferro, e feriu precipite, certoiro:
 A casca espicaçou-se em laminas subtís...
 Correu longo tremor o caule informe, erguido,
 E, subterraneo, ouviu-se o echo de um gemido
 Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas lascas vòa
 Picada a casca, e da arma ao rude embate echòa
 A solidão. Pergunta espavorida a flôr
 A' ave: — Que voz é esta? — E o tigre a furna entrando:
 — De onde parte este grito? — E os rufos leões, parando:
 — Quem faz este rumor?

E é da ruina estupenda o lugubre alarido
 De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido
 Tudo, da grimpã excelsa ou da planura, o val
 E o rio, o cédro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
 O olhar nos céus, escuta aquelle excidio hediondo
 E crime sem igual!

A grande arvore cae! A ramaria forte
 Treme em cima, dansando uma dança de morte.
 Rompeu-lhe o alburno agora e vae-lhe ao coração
 O atro golpe. Uma a uma as fibras rangem; fala,
 Ringe, arqueja o madeiro, e, pouco a pouco, estala,
 A' mortal vibração.

A grande arvore cae! Já se lhe inclina e verga
 A fronte, e aos pés, a gruta, — o seu sepulcro, enxerga!
 Astros, sol, amplidão, esphera de ouro, céus,
 Nuvens, sopros do mar, e passaros da aurora:
 A grande arvore cae! mandae-lhe em pranto agora
 O vosso ultimo adeus!

A grande arvore cae! Com os ramos seus robustos
 Ide envoltos na quéda, ó vós que a amaes, arbustos;
 Segui-a ao somno extremo, ó corvos, vós que a amaes!
 Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
 Cosei-lhe em flôr e em luz esplendida mortalha,
 Florestas tropicaes!

E caiu! rudemente e com ella rodaram
 Ainda os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
 Rasgou-se ao bosque o tecto, a tunica se abriu;
 E a ave, e a féra, e o insecto, e o proprio homem, tranzido
 De horror, tudo fugiu de prompto, espavorido,
 Quando a arvore caiu!

E da ruina estupenda o lugubre alarido
 Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
 Tudo, da grimpã excelsa ou da planura, o val
 E o rio, o cédro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
 O olhar nos céus, tremem áquelle excidio hediondo
 E crime sem egual!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

ARVORE AMIGA

Na campina deserta e silenciosa havia
 uma arvore só. Quando o rio crescia,
 as margens inundando impetuosamente,
 como um titan batia a furia da torrente
 numa lucta brutal, num desespero eterno...
 Tinha um seculo já. Nas passagens do inverno,
 a arvore despia a tunica viçosa
 e oppunha os braços nús á força prodigiosa
 das aguas, ao soprar dos furacões, batida
 pelas chuvas, exposta ao frio... A sua vida
 foi o eterno combate, a sanguinosa lucta
 da existencia esmagando a Natureza bruta!...
 Eu tinha um grande affecto ao vegetal sombrio.
 Quando se approximava o laborioso estio,
 afastando, esquecendo as maguas infinitas,
 no tronco alimentava as plantas parasitas,
 e cheio de bondade e cheio de carinhos.
 vestia-se de folhã, enchia-se de ninhos!
 Uma vez encontrei — surgia a madrugada
 no horizonte inflammado — a arvore derrubada
 na campina deserta. Ella que resistira
 ao frio, á chuva, ao sol, aos vendavaes, cahira
 aos golpes do machado em ímpeto leonino...
 Alguem, quem quer que foi o barbaro assassino,
 arrancou, destruiu desapiedadamente
 um seculo de vida e de trabalho ingente,
 em lucta com o inverno e em lucta com o sol.
 Diluia-se no azul o vivido arrebol

da madrugada clara; e o roble destruido,
quando a aurora vestia o azul indefinido,
morreu saudando a luz nas amplidões suaves,
beijado pelo sol, chorado pelas aves
melancolicamente, em saudosa elegia...
e no eterno bater das aguas, parecia
que a magua torturava o coração do rio!
No inverno ha de choral-o o furacão sombrio,
como um rei desgrenhado ao vento das procellas;
hão de sempre verter-se o pranto das estrellas,
e nas manhãs do estio, ao despontar da aurora,
as lagrimas de luz que a Natureza chora!...
Exilado do sol, dos bosques, das florestas,
nunca mais gozará nas rumorosas festas
da Natureza, quando o resplendor de maio
lança um riso de luz e um beijo em cada raio!
Roubado á paz da terra em que elle germinara,
nunca mais ouvirá, na verdejante seara,
a limpida canção ingenua das ceifeiras,
como um bando gentil d'arveloas palreiras,
colhendo alegremente os sazoados fructos!
Nunca mais, nunca mais, sem lagrimas, sem luctos,
na sua virginal dalmatica virente,
verá morrer o sol n'angustia do poente,
assistindo, na paz dos grandes luctadores,
com surpresa risonha ao rebentar das flores!
Nunca mais, nunca mais, oh vegetal antigo!
Choro-te, porque emfim; eu era teu amigo!
Muitas vezes dormi á tua sombra calma
o somno virginal que nos repouisa e acalma,
como o somno que dorme o pequenino infante,
guardado pelo braço herculeo d'um gigante!
Hoje, quem sabe lá que vento ou que destino
te levou pelo mundo em frágil desatino,
saudoso do luar, dos bosques, do arvoredado?
Sózinho, abandonado á noite d'um degredo,
quem sabe si tu és, oh! roble destruido,
a taboa a que se abraça o naufrago perdido,
um berço, um cadafalso, um tumulo, um altar,
ou si andas pelo céu no fumo d'algum lar?!

ANTONIO FEIJÓ.

AO REBENTAR DAS SEIVAS

Vem depressa, ó primavera,
Que estamos á tua espera!
Vejo dispostos os teares
E armados os bastidores,
Que são para tu bordares
A oiro do sol e a côres,
Charneças, varzeas, pomares,
Arvores novas e velhas,
De folhas verdes e flores
Que dão o mel as abelhas
E a alegria aos lavradores...
Vem depressa ó primavera,
Que estamos á tua espera!

(Conde de Monsaraz)

CANÇÕES DAS ROSAS

Rosas d'Abril! Cada rosa
E' uma bocca viçosa
Que se abre para cantar
Canções que a alma com ellas,
Tem de subir ás estrellas,
Para as poder escutar!

Sóbem revoadas de versos,
Presa aos aromas dispersos
Que são as vozes das flores...

.

Só ouvem cantar as rosas,
As tristes almas anciosas: —
Os poetas e os sonhadores.

HYMNO À ARVORE

Bem dita sejas, arvore bondosa,
Quer abrigues, nas grandes soledades,
A doce passarada sonora,
Quer sombra dêś ás gentes das cidades!

Na tua verde copa é que se esconde
A orchestra dos aligeros cantores,
A cujos sons se expande a tua fronde.
Na opulencia dos fructos e das flores.

Aformoseando o seio da floresta,
Oh! que poder o teu encanto encerra!
Gigantesca, plethorica, ou modesta,
A chuva attraes ás visceras da terra!

Sem ti não se ergueriam nossas casas,
Nem os mares sulcára audaz navio.
Que seria do pão sem tuas brazas?
Quem espancára a escuridão e o frio?

Quer sobranceies, rumorosa, os valles,
Quer enriqueças campos e collinas,
Mitigam varios dos humanos males
Teus balsamos, essencias e resinas.

Nada do que produzes se despreza;
E's util, viva ou morta, á terra inteira,
E a tua lactea seiva é uma riqueza
Das maiores da Patria Brasileira.

Tu foste deusa do selvagem bronco;
Derribou-te, porém, rijo machado,
Quando o homem fez a choça do teu tronco
E delle fez seu leito de noivado.

Sem ti, que fôra a vida no universo?
Alimento nos d'és, nos dás conforto,
E, si forneces á creança o berço,
Tambem forneces o caixão ao morto.

Eis porque nós, ó arvore, te amamos,
Louvando-te as virtudes bemfazejas.
Como cantam as aves nos teus ramos,
Assim cantamos nós: — Bem dita sejas!

BASILIO DE MAGALHÃES.

Os tres reinos

(«DAS RIMAS E PROSA»)

O VEGETAL

Quem sou? Que gloria é a minha? E que valor ostento
Real, perante o mundo? Uma pergunta ousada!
Sabei — chamam-me o Reino Vegetal, e nada
Póde a mim se egualar na fórma e no portento.

Vêde a palmeira altiva, erguendo ao firmamento
A elegante estatura em luz toda banhada:
Vêde o jequitibá, o cedro e essa copada
Paineira no deserto a balouçar-se ao vento!

Lançaê vossa attenção agora para estas
Do bosque secular mil, construcções formosas!
Que ramagens gentís! Que troncos! Que florestas!...

E quem produz, como eu, taes cousas primorosas,
— A relva, o leve musgo, a violeta e as mestas
Flôres do vasto campo, e encantadoras rosas?

O MINERAL

Que vaidade, meu Deus! E que illusoria
A vossa pretensão! Sabei, vaidoso,
Que eu valho muito mais, sou o famoso
Grão Reino Mineral, d'aurea memoria!

Tão occulto vivo eu, e é tanta a gloria
Que guardo no meu seio amplo, assombroso,
Que o mundo faço estremecer de gôso,
Ao mostrar-lhe em meu vulto a minha historia.

Sabeis o que em mim guardo? Amplo thesouro,
Guardo o carvão, o marmore, o granito,
O diamante, a esmeralda, a prata, o ouro!

Silencio, pois, vaidoso! Este bemdito
Erario meu, brilhante, soncroso;
Vale mais que as estrellas do infinito!...

O ANIMAL

Calae-vos, vós também! Fala o primeiro
Dos tres Reinos da vasta Natureza...
Fala o Reino Animal! A luz accesa
Sinto do genio meu, grande, altaneiro!

Eu valho mais que vós! Eu sou o obreiro
Do que vive e se move. Oh! que belleza
Faço ostentar na eterna redondeza
Dos viventes expondo amplo viveiro.

Creastes bosques, vós! Pedras? Diamantes?
Luxo, poesia — o sonho de uns instantes...
Cousas futeis que aos poucos se consomem...

Pois eu fiz mais — Criei visões gigantes:
— Entre os milhões de seres triumphantes,
Dei vida ao rei da Creação — ao homem!...

CARLOS FERREIRA.

PRESTITO FUNEBRE

Que alegrias virgens, campezinhas, fremem
Neste immaculado, limpido arrebol!
Como os gallos cantam!... como as noras gemem...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem,
Refulgente e novo passarinha o sol!...

Pela estrada, que entre cerejaes ondeia,
Uma pequerrucha, — tró-la-ró-la-rá! —
Vae cantando e guiando o carro para a aldeia...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh, que donairosa, linda boieirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'aguilhada em punho lépida caminha,
Com a graça aérea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveloa, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulvo das ábelhas;
Fresca como os cravos pelo amanhecer;
Brincos de cerejas presos nas orelhas,
Na boquitta rósea tres canções vermelhas,
Na aguilhada, ao alto, uma estrellinha a arder!

Descalcinha e pobre, mas sem ar mendigo,
Nada mais esvelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéo é palha que inda ha um mez deu trigo,
A saia é linho inda ha bem pouco em flôr!...

E os dois bois enormes, collossaes, fleugmaticos,
Na alleluia immensa, triumphal, da aurora,
Vão como bondosos monstros enigmaticos,
Almas porventura d'ermitões extaticos,
Ruminando biblias pelos campos fóra!...

Ao arado e ao carro presos noite e dia,
Como dois grillhetas, quer de inverno ou v'rão
E, submissos, uma pequerrucha os guia!
E nos sulcos que abrem canta a cotovia,
As boninas riem-se e amadura o pão!

Levam as serenas fronte magestas
Enramalhetadas como dois altares;
Madresilvas, loiros, pampanos, mimosas,
Abelhões ardentes desfolhando rosas,
Borboletas claras em noivado, aos pares...

E eis no carro morto o castanheiro, enquanto
Melros assobiam nos trigaes além...
Heras amortalham-no em seu verde manto...
Deu-lhe a terra o leite, dá-lhe a aurora o pranto...
Que feliz cadaver, que até cheira bem!...

Musgos, lichens, fétos, — chimica incessante! —
Fazem montões d'almas d'essa podridão...
Já nesse esqueleto secco de gigante,
Sob a luz vermelha, num festim radiante,
Mil milhões de vidas pululando estão!...

Sempre a fortaleza casa-se á doçura;
Como o leão da Biblia morto num vergel,
Do seu tronco ainda na caverna escura
Um enxame d'oiro rutilo murmura,
Construindo um favo candido de mel!...

Oh, os bois enormes, mansos como arminhos,
Meditando extranhas, incubas visões!...
Pousam-lhe nas hastes, vede, os passarinhos,
E por sobre os longos, torridos caminhos
Dos seus olhos cáem benções e perdões...

Chorarão o velho castanheiro ingente,
Sob o qual dormiram sestas estivaes?
Almas de arvoredos, o seu olhar plangente
Saberá acaso mysteriosamente
Traduzir a lingua em que vós falaes?!...

Castanheiro morto! que é da vida extranha
Que no ovario exiguo d'uma flor nasceu
E criou raizes, e se fez tamanha,
Que trezentos annos sobre uma montanha
Seus trezentos braços de colosso ergueu?!...

Onde a alma origem dessas formas bellas?
 Em tão varias fórmas que sonhou dizer?
 Qual a ideia, ó alma, convertida nellas?
 E desfeito o encanto, que nos não revelas,
 Que apparencias novas tomará teu ser?...

Noite escura!... enigmas!... Ai, do que eu preciso,
 Boieirinha linda, linda d'encantar,
 E' d'essa innocencia, d'esse paraizo,
 Da alegria d'ouro que ha no teu sorriso
 Da candura d'alva que ha no teu olhar!...

Grandes bois que adoro, p'ra fortuna minha,
 Quem me dera a vossa mansidão christã!
 Arrotear os campos, fecundar a vinha,
 E nos olhos garços d'uma boierinha
 Ter duas estrellas virgens da manhã!...

E tambem quizera, mortos castanheiros,
 Como vós erguer-me para o sol a flux,
 Dar trezentos annos sombra aos pegureiros,
 E num lar de choça, em festivaes braseiros,
 A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!...

GUERRA JUNQUEIRO.

A figueira

Velha figueira secca e carcomida
 pelo tempo feroz que não perdôa,
 já foste, um dia, verde, nesta vida
 e foste carinhosa e bôa.

Outr'ora déste abrigo a muitos ninhos
 e foste um templo de esponsaes alados;
 eras amada, então, dos passarinhos
 porque os teus galhos eram enfolhados

Um verde glauco toda te vestia,
 em todas as estações do anno:
 teu forte tronco, para o céu, se erguia
 triumphalmente, soberano.

Pomona e Flora, ambas te estimavam,
 cobrindo-te de fructos e de flôres.
 Até as borboletas te rondavam,
 soliloquiando os seus amores...

Mas os annos te foram engelhando
e as folhas te caíram, de uma em uma ;
perdeste mesmo o porte venerando,
que te punha em destaque até na bruma !

Hoje não cantam aves em teus galhos,
és uma sombra do que foste um dia :
nem o frescor dos hispidos orvalhos
te communica uma feição sadia.

Tudo sumiu, velha figueira mésta...
Nem mesmo uma folha amarella
nesses teus galhos retorcidos resta,
embora fosses viridente e bella.

Emtanto és mais feliz que nós, figueira,
porque mesmo depois de estares morta,
irás manter o fogo na lareira
e nos dar o calor que nos conforta.

FILEMON MARCONDES.

Pelas arvores

I

Arvores santas, que ereis, d'antes,
O lar dos nossos ancestraes,
Para saúdar-vos, nós, infantes,
Erguemos córcs festivaes.

Contra a canicula, frondosas,
Daes-nos abrigo protector.
A vós, gentis plantas annosas,
O nosso amparo, o nosso amor...

II

Arvores santas, florejando
Pelas rechans deste paiz,
Crueis vos foram devastando
Homens perversos, homens vis....

Mas para vós bemdita aurora
Reponta cheia de fulgor,
Pois as creanças vêem agora
Offerecer-vos seu amor...

III

Viçae, crescei, abrindo ramos
Verdes, gentis, de Norte a Sul.
De novo agora vos plantamos:
Desabrochae em pleno azul.

Arvores tendo fructos de ouro,
Fructos de aroma e de sabor,
Valeis, por certo, aureo thesouro.
A vós; portanto, o nosso amor.

B. OCTAVIO.

ARVORE DA RUA

Quando te vejo, amiga, balançando
no ar impuro e bulhento da cidade
a velha fronde empoeirada: quando
te considero o manso aspecto, invade

toda minha alma, repentinamente
uma onda de tristeza commovida.
E' que eu sou como tu, triste e doente,
vivo isolado, como tu, na vida.

Tu nasceste de certo, no amplo seio
da Natureza, a grande mãe extrenua,
em meio de outras arvores, em meio
de arroios mansos e de gente ingenua;

e hoje, abrindo essas ramas com desgosto,
neste ar tão carregado de impurezas,
tens o aspecto doentio e descomposto
de aves selvagens que definham presas.

Eu, que tambem nasci, como nasceste,
na doce paz bucolica da aldeia,
tambem padeço nesta vida, neste
ambiente cruel que nos rodeia.

Quando moves o vulto escuro e lento
com um soluço maguado em cada galho,
queixas parecees derramar aos ventos,
como eu aos ventos minha dôr espalho.

Ninguem percebe, entanto, nossas dôres,
nem vê que já perdemos a magia
que em tua côpa rebentava em flôres
e que minha alma de illusões floria.

Que plantamos quando uma arvore plantamos?

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos?

— Tudo o que se constróe com seu tronco e seus ramos.

Plantamos o navio, as lindas caravellas,

E o mastro que supporta as enfunadas velas.

Plantamos a carlinga; a forte e grossa prancha,

Que aos temporaes resiste e nunca se desmancha;

O leme que faz ir na desejada trilha;

A hélice veloz; a cortadora quilha.

Quando plantamos, pois, pequenó arbusto esguio,

Na realidade nós plantamos o navio.

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos?

— Tudo o que se constróe com seu tronco e seus ramos.

Plantamos do moinho a longa e movel asa,

E plantamos tambem a minha e a tua casa.

Plantamos o barrote, as ripas, a cumieira,

O soalho, a viga-mestra, emfim toda a madeira

Que entra na construcção das molduras, das telas,

Do tecto, dos portaes, dos muros, das janelas.

Todas as partes, pois, da casa em que moramos

E' o que plantamos, quando uma arvore plantamos.

Que é que plantamos, quando uma arvore plantamos?

— Tudo o que se constróe com seu tronco e seus ramos.

Plantamos um milhar de cousas muito boas,

Gratas aos corações, como uteis ás pessoas:

E' ella que nos dá — a arvore plantada —

A haste em que se prende a bandeira adorada,

E a mesa, em torno á qual nossa familia inteira

Se juncta ás refeições, e o fogo da lareira.

— Ella é que nôl-os dá, e ainda uma outra cousa:

O berço para a vida, o esquife para a lousa...

Quando plantamos, pois, cheia de seiva e viço

Uma arvore qualquer — nós plantamos tudo isso.

RENÉ BARRETO.

Seja bemvinda

Que bellezas, que encantos não encerra a Natureza!

Como pôde um educador privar as gentis crianças de admirar esse painel grandioso, esse verdadeiro enlevo da alma?

Como obrigar os alumnos a ficarem tanto tempo presos entre quatro paredes, quando teem tanta necessidade de ar e de luz, tornando-se cada vez mais irresistivel o desejo de fazer resoar livremente as suas vozes argentinas como as avesitas o seu canto mavioso?

Não commette um imperdoavel *crime* o professor, principalmente rural, que quer dar lições de agricultura e botanica, servindo-se unicamente das estampas que adornam as paredes da aula, quando tem diante de si o *livro* aberto da propria Natureza encantadora?

Emquanto não se abandonar inexoravelmente essa inveterada rotina, tornar-se-ão improficuos todos os esforços tendentes a inspirar na criança o amor pela vida campestre.

E' preciso infundir nos meninos o amor pelo reino vegetal desde a infancia, fazendo-lhes experimentar o prazer de possuir um canteirinho em que elles possam semear e cultivar pequenas plantas de facil cultura.

Mas, objectará alguém, como fazer isso nos grupos das cidades onde nem espaço para o recreio dos alumnos ha?

Neste caso os professores poderiam fazer como nós faziamos, ha tres annos, no grupo escolar « Rangel Pestana ». Convidar cada discente a trazer uma latinha cheia de terra e, em um dia préviamente marcado, mandar que os alumnos plantem, contemporaneamente, um grão de feijão (ou a semente que o professor julgar mais conveniente) e então o educador teria ensejo de apreciar o prazer que sentem os pequenitos ao ver germinar a semente por elles mesmos semeada.

Com que interesse, com que satisfação acompanham elles o crescimento da tenra plantinha!

E que occasiões esplendidas se não offerecem ao professor para mostrar realmente o embryão, os cotyledones, a radícula, o cauliculo, a gemmula, etc..

Deste modo as crianças iriam, certamente se *afeiçoando* ás plantas, á agricultura que é a nossa principal fonte de riqueza.

O professor não deveria descurar nenhum meio, nem mesmo os aparentemente pueris, para infundir no *espírito* dos alumnos o amor pela agricultura, pelo reino vegetal.

O ensino das sciencias naturaes, ministrado com tino pedagogico e os passeios campestres, onde a Natureza, revestida de um verde perenne, parece sorrir ás mimosas e gentis crianças, contribuirão poderosamente para a realização do almejado *desidera'um*.

Seja bemvinda, pois, a instituição da *Festa das Arvores*.

CLEMENTE QUAGLIO.

EXCERPTO

(PROSAS BARBARAS)

Sou de uma antiga familia de carvalhos, raça austera e forte que já na antiguidade deixava cabir, de seus ramos, pensamentos para Platão. Era uma familia hospitaleira e historica: della tinham sahido navios para a derrota tenebrosa das Indias, côtos de lanças para os allucinados das Cruzadas e vigas para os tectos simples e perfumados, que abrigaram Savanarola, Spinosa e Luthero. Meu pae, esquecido das altas tradições scnoras e da sua heraldica vegetal, teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres moraes antigas, nem a ideal tradição religiosa, nem os deveres da Historia. Era uma arvore materialista. Tinha sido pervertida pelos encyclopedistas da vegetação. Não tinha Fé, nem alma, nem Deus! Tinha a religião do sol, da seiva e da agua. Era o grande libertino da floresta pensativa. No verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava, movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de passaros bohemios, cuspiu chuva sobre o povo curvado e humilde das hervas e das plantas e de noite, enlaçado pelas hervas lascivas, resonava sob o silencio sideral. Quando vinha o inverno, com a passividade animal dum mendigo, erguia para a impassivel ironia do azul, os seus braços magros e supplicantes!

Por isso nós, os seus filhos, não fomos felizes na vida vegetal. Um dos meus irmãos foi levado para ser tablado de palhaços: ramo contemplativo e romantico, ia todas as noites, ser pisado pela chufa, pelo escarneo, pela força e pela fome! O outro ramo, cheio de vida, de sol, de poeira, aspero solitario da vida, luctador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado dentre nós para ir ser taboa de esquite! — Eu, o mais lastimavel, vim a ser forca!

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

Os velhos carvalhos violentos e propheticos, os choupos desfallecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos gigantescos, as ramagens e os silvados eriçados, onde o vento brada afficto, todas

aquellas verduras vivas e sãs, que cantam ao sol, no empoeiramento da luz crúa — toda aquella sombria Diana esguedelhada, que se chama a floresta, dormia sob as oppressões da neve, triste, silenciosa, estoica e soberba. O lenhador com o machado erguido, ia por entre a floresta; elle conhecia aquellas extranhas attitudes, aquelles escarpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo o emmaranhamento de ramos, de flôres, donde cáem gottas como um echo de chuvas passadas: e todavia, ao endireitar-se contra um velho carvalho, empalideceu, como diante de uma profanação. Seu coração simples e bom não comprehendia, mas sentia aquellas vidas immoveis, silenciosas e sonoras, que são arvores, ramagens, arbustos, florescencias; elle tinha compaixão dos gemidos dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilaceradas, e sentia que sacrificava alli á fome dos filhos, vidas infinitas de arvores. O lenhador atirou o machado contra o tronco do carvalho — e toda a arvore immensa ficou tomada de vibrações dolorosas; e as suas ramagens estenderam-se cahidas, sem vida e sem força, pelo tronco, como para se verem morrer sem gemidos, num silencio soberbo e selvagem. O sol veio livido, molle, desfallecido, sem força, sem vitalidade, sem ascensão flammejante e sagrada, entre névoas arrastadas, entre esvaecimentos lugubres de nuvens. Começavam a esvoaçar os passaros, piando tristemente.

EÇA DE QUEIROZ

A ARVORE

Ella é a purificadora do ar que respiramos, ella é que nos garante a fonte que jorra para a nossa sêde e para a régua dos campos, ella é a fiandeira de sóes: — cáem-lhes na cópa os raios caniculares e ella, desfiando a flamma, dá apenas o calor ao que se achega á sua sombra; ella é a medicina, ella é a belleza cercando a morada em que vivemos, ella é a nossa confidente discreta, por que é sob seus ramos que abrimos francamente o coração, deixando livres as saudades e as reminiscencias — assim é a arvore viva. Morta ella é tudo — o principio e o fim: berço e esquite, e, entre esses dois pólos tudo mais é floresta: a casa e o templo, o leito nupcial e o altar, o carro que trilha os campos, o navio que sulca os mares, o cabo da enxada e a haste da lança, tudo é madeira, tudo é arvore, é a floresta.

COELHO NETTO.

MULTIPLICAIE AS ARVORES

Parte bella e rica da pródiga Natureza, as arvores devem merecer os cuidados e o amor de todos nós.

Pela exuberancia de materia prima que encerram, pela riqueza de colorido, pelo abrigo embalsamado e bom que ellas nos dispensam, as arvores merecem nossos carinhos e attenção.

Dizem que o seculo é de utilitarismo. Seja.

Mesmo pela sua utilidade conservemos e multipliquemos as arvores.

Contornando a residencia do homem, ellas são a riqueza e o conforto.

Uma arvore só deve ser abatida para que outra mais util occupe o logar. Flôres, fructos, riqueza, tudo a arvore amiga nos offerece sem esperar de nós cousa alguma.

Na Natureza, no conjuncto dos seres, as arvores dão ao homem tudo, e nada exigem.

O tempo, esse viajante invisivel e eterno, ahi está a lhes dar corpo e belleza.

Fechou-se a choupana que abrigou um dia o camponio feliz.

A mão vigilante e forte não mais protege o pequeno lar de outr'ora, mas as arvores poupadas, as arvores plantadas, os gigantes vegetaes que em torno á mansão querida irromperam, com a sua cópa protectora convidam ao repouso o viajante que passa, offerecendo-lhe o doce refrigerio de seus delicados fructos.

A desolação, a miseria nunca escolheu para acampamento as regiões povoadas de gigantes vegetaes.

E' que elles nos amparam e sustentam, servindo ainda como um ultimo reducto na defesa da terra de nossos paes, do berço de nossos filhos.

Multiplicaie as arvores.

R. ROCCA.

A Festa da Arvore

(TRAD. DE R. CAVALHEIRO)

I

Seu fim educativo nas escolas

Em todos os tempos o homem instinctivamente sentiu a necessidade de solennizar os factos que mais vivamente interessam a familia e a sociedade. O nascimento, o casamento e a morte são factos solennes da vida familiar. O anniversario dos acontecimentos que se prendem com a liberdade, o bem estar e a gloria de um povo, são objecto de festivas solennidades nacionaes. As religiões, por seu turno, celebram cada anno, com grandes festas rituaes, os successos mais ou menos lendarios e symbolicos dos seus cultos.

Todas estas festividades são respeitaveis e respeitadas, emquanto obedecem ao espirito de continuidade historica, orientando o homem no caminho do progresso; deixam, porém, de o ser, quando pretendem impôr á humanidade, em nome do passado, o retrocesso a usos ou nórmas que, embora uteis noutro estádio da civilização, se tornaram improgressivos, por inuteis ou prejudiciaes em nossos dias.

Entre as festas mais sympathicas, que a humanidade vem de muito longe celebrando, conta-se a da plantação da arvore. Nalgumas nações essa festa tem subsistido através dos tempos, modificada embora no ritual e na sua primitiva significação. Noutros paizes a tradição festiva perdeu-se de todo e com ella foi esquecida dos povos a utilidade social da arvore, que, de amiga, respeitada e sagrada outr'ora, se volveu em objecto de inexplicavel rancôr, sendo em muitos logares votada a um barbaro exterminio pela insensibilidade das populações desconhecedoras do estreito laço que prende os destinos dos homens á existencia das arvores e destas faz depender as condições do solo e do clima, o que vale tanto como dizer — as condições do globo em que habitamos.

Ora, é essa tradição, entre nós perdida, que importa reatar agora, e, para o conseguir, precisamos appellar para as gerações novas, indo ás escolas ensinar a utilidade dos arvoredos e fa-

zendo reviver no Brasil, o culto da antiga arvore, modificado porém de tal fórma que se possa adaptar ás exigencias da moderna mentalidade.

E' este o fim educativo da festa da arvore nas escolas.

II

A arvore nos cultos antigos

O que foi o culto da arvore para os povos da antiguidade conhece-se pela Mythologia ou historia das religiões.

As arvores foram, talvez, os primeiros templos ou santuarios em que o homem adorou as divindades.

A poetica Mythologia dos gregos soube alliar a cada um dos seus numerosos deuses uma arvore sagrada, symbolo de alguma das suas qualidades divinas mais eminentes. Assim, ao poderoso Jupiter era consagrado o *carvalho*, emblema da força. Em Dódona, no Epiro, havia uma densa floresta de carvalhos, que fazia parte do famoso templo do pae dos deuses, e em cuja espessura sombria o oraculo dizia o futuro, tirando os seus augurios do mysterioso ramalhar do bosque sacrosanto.

O *loureiro* foi a arvore consagrada a Apollo, deus da poesia e da mocidade radiosa. As virtudes do loureiro eram divinas e multiplas: — preservava do raio, trazia a felicidade á casa deante da qual fosse plantado, sarava os enfermos, tornava em realidade os sonhos venturosos e, pelo crepitar de suas folhas olorosas, lançadas na fogueira, ensinava aos augures os segredos do porvir.

A *oliveira* foi a arvore escolhida por Minerva — deusa da sabedoria. Symbolo da paz e da concordia, a oliveira fornecia cordões para ornar as cabeças dos noivos afim de lhes dar a paz e a harmonia no domicilio conjugal.

A Venus, deusa da formosura e do amôr, foi consagrado o *myrto*, a murta sempre verde, emblema imarcessivel da juventude perenne e triumphante.

A Plutão, deus da morte e dos infernos, era votado o funebre *cypreste*, ainda hoje a arvore escolhida para ornar a triste mansão dos mortos.

Os romanos continuaram o culto das arvores herdado da civilização grega, sinão já primitivo dos povos aborigenes da Italia.

Fóra da antiguidade classica dos gregos e romanos, vemos, tambem, o culto da arvore entre os povos barbaros da Europa. Os gaulezes tinham a adoração do carvalho e sobre elle colhiam os Druidas o visco sagrado, com grande pompa religiosa, quando

o crescente lunar se recortava finamente no azul do céu, annunciando o inicio da cada mês.

No continente africano ainda hoje os negros fetichistas adoram certas arvores, principalmente o colossal *baobab*, tambem chamado « *imbondeiro* » ou arvore dos feitiços.

Nas ilhas Canarias, os *gauchos*, povo aborigene do archipelago, adoravam as arvores, sendo celebre o dragoeiro santo de *Oratava*, em Teneriffe, arvore gigante com o tronco já carcomido em parte quando os espanhões descobriram a ilha ha mais de cinco seculos, mas que ainda subsiste, embora muito damnificado pelas successivas tempestades.

O christianismo teve que lutar vigorosamente contra os cultos pagãos, e, entre elles, contra o culto da arvore. E' com certeza dessa lucta religiosa que vem o odio que na Europa se desenvolveu durante a idade-média contra as arvores florestaes e que hoje, inconscientemente, se perpetua ainda em quasi todas as populações.

Apesar, porém, da enorme preponderancia que o christianismo alcançou, muitos povos conservaram ainda, mais ou menos em fórmãs disfarçadas, o antigo culto da arvore. E' a propria Historia que nos vem provar o que affirmamos. Em França, através da idade média, subsistiu a adoração dos carvalhos, embora o culto druidico fosse modificado para dar-lhe um attributo referente ao christianismo. Disto é exemplo o celebre carvalho de Allouville, em Ivetot, no departamento do Sena inferior, não muito longe de Paris: é um colosso que méde 10 metros de circumferencia na base do tronco, tendo ahí uma cavidade transformada em capella, e tendo no alto uma cella monacal encimada por um campanario.

Em Portugal tambem tem havido arvores-ermidas, principalmente annos castanheiros ou carcomidos carvalhos e ainda hoje as « *a'minhas* », adornadas com oratorios ou quadros religiosos que se expõem ao culto dos viandantes.

As arvores que a devoção colloca ao pé dos templos e capellas não raro participam do mesmo culto religioso. Assim, na alcantillada serra da Arrabida, em Portugal, magestoso amphitheatro sabiamente escolhido pelo senso esthetico dos frades para edificação do seu austero convento, sobre as duas cumiadas, que, em recortes profundos, ladeam o pittoresco valle, vemos junto de cada uma das alvejantes capellinhas, alli alcandoradas, e como seu indispensavel complemento, o vulto esguio e verde-negro do cypreste pyramidal, arvore sagrada dos ascetas, symbolo da penitencia e da morte.

III

O symbolismo da arvore

Ao quasi extincto culto religioso da arvore seguiu-se, historicamente, o seu symbolismo.

A *arvore de maio* estabelece a transição entre o culto religioso e o culto symbolico. Sabe-se que entre os romanos consagrava-se o mês de maio ás deusas *Maia* e *Flora* e que estas duas divindades eram, durante esse mês, festejadas, ornando-se-lhes os templos com floridos ramos ou plantando se-lhes arvores verdejantes em frente dos seus santuarios.

Com o progresso dos tempos as festas de *Flora* e de *Maia* tomaram um character mais orgiastico e passaram a ser pretexto para a crescente e irreprimivel divinização da belleza feminina ou, antes, para o culto naturalista da mulher. Contra isso se insurgiu mais tarde o christianismo e, como na lucta reconhecesse a impossibilidade de aniquillar a arreigada tradição das festas de *Flora* e de *Maia*, habilmente ladeou a dificuldade, substituindo o culto licencioso destas deusas pelo da Virgem *Maria*, imagem idealizada das virtudes da mulher e cuja sublimidade como virgem e mãe a Igreja poetica celebra cada anno, durante o mês de maio, entre flores, canticos e incenso.

O povo, porém, a despeito da adaptação catholica das festas pagãs de *Flora* e de *Maia*, não abandonou inteiramente a tradição e continuou até hoje a plantar as arvores de maio, como symbolos de alegria ou de saudação e homenagem ás pessoas queridas e respeitadas.

Em França, ainda nalgumas povoações é uso plantar arvores de maio ou ramos floridos deante das habitações dos deputados e das autoridades. Este uso tem o seu equivalente em Portugal, principalmente no Algarve, onde ainda hoje, no primeiro dia de maio, as pessoas amigas mutuamente se offerecem ramos floridos symbolicos.

A celebração operaria de 1.º de maio, tambem, no seu symbolismo, obedece mais ou menos á antiga tradição popular das festas de *Flora* e de *Maia*.

Onde, porém, o symbolismo da arvore apparece com toda a clareza é na *arvore da liberdade*, innovação trazida pela Revolução Francesa de 1789 e rapidamente espalhada em quasi toda a Europa.

A arvore da liberdade—quasi sempre um carvalho ou um choupo—plantava-se na praça publica e ornava-se de flores e fitas tricolores, tendo no vertice o symbolico barrete phrygio.

Em torno da arvore da liberdade é que os servos libertos da longa oppressão feudal vinham accender fogueiras e nellas queimar os velhos e odiados pergaminhos da nobreza oppressora. Mais tarde, quando á orgia da Revolução e do Imperio succedeu a Restauração da realza em França, as arvores da liberdade foram objecto de perseguição das auctoridades administrativas que, por toda a parte, procuraram destruir esses symbolos vivos do regimen revolucionario.

O symbolismo da arvore é ainda notado no uso familiar, plantando-se em memoria de algum acontecimento privado como o nascimento, os esponsaes, o casamento. Ainda ha poucos annos o enamorado e moço rei de Espanha, em vespas de se casar, plantou com sua noiva em Biarritz duas arvores symbolicas dos seus jubilosos esponsaes.

Finalmente, o symbolismo da arvore apparece-nos ainda, sob outra fórma, na architectura de certos monumentos notaveis, como entre outras a Cathedral de Colonia e a Igreja dos Jeronymos, em Belém. Na cathedral de Colonia as innumerables columnas e pilastras do grande templo symbolizam os troncos das antigas e sagradas florestas que povoaram a Germania. Na Igreja dos Jeronymos, edificada em honra do descobrimento das Indias, as formosas e potentes columnas que sustentam a gigantesca abobada do tecto, pelo arrôjo dos fustes e pela profusa expansão terminal dos seus capiteis em irradiantes e arqueadas nervuras, lembram os espiques e a ramaria magestosa dos palmares do Oriente, essa terra do sonho que, por dilatados annos, escandecceu a ingenua imaginação dos portuguezes.

A festa escolar da arvore é, tambem, um symbolo, mas um symbolo que visa sobretudo instruir as gerações novas e ensinar-lhes que, si a arvore tem em seu favor tantas tradições poeticas, tornadas venerandas pelo peso dos seculos, mais vale ainda pela utilidade social que representa e pelo papel que exerce nos destinos da Humanidade.

Tratemos, pois, de demonstrar ás crianças das escolas que a arvore, além de poetica, é util e indispensavel; que ella nos ensina a ser previdentes; e que a vida humana está em intima e indissoluvel solidariedade com a vida da arvore.

O PROBLEMA DO TRIGO

(Ext. do "Estado de São Paulo")

Juizos absurdos sobre as condições geographicas e climatologicas do Brasil.

Todos os estudiosos que procuraram bem conhecer o clima do Brasil, sentem a difficuldade da tarefa pela falta dos necessarios dados que só um grande numero de estações meteorologicas, convenientemente distribuidas pela vastidão enorme do pais, poderia fornecer. E quem, algum dia, dispondo desses dados, se propuzer ao estudo do assumpto com a amplitude que os elementos assim colhidos tornarão não só possivel, mas indispensavel, terá deante de si um trabalho longo, mas bello e patriotico.

O Brazil não tem "um clima", mas, uma grande variedade de climas. Si nos orgulhamos de formar uma só nação, não é menos certo que o territorio brasileiro comportaria muitas nações geographica e climatologicamente distinctas.

Pondo de parte a ignorancia que, a este respeito, revelam muitos estrangeiros letrados, quando se manifestaram sobre o nosso Pais, é triste reconhecer que, mesmo entre nós, não faltam escriptores que, julgando-se habilitados a emittir juizos sobre o nosso clima e a nossa gente, comparam, só pela consideração da latitude, o meio physico brasileiro ao africano, abrindo, apenas, uma excepção para o Estados mais meridionaes, excepção essa que, por muito favor, estendem até ás vizinhanças do parallelo de 20°.

Dahi para o N., o calor, dizem, debilita o homem, entorpece-lhe as energias, tornando o meio incompativel com o desenvolvimento de uma civilização adeantada...

Os que assim pensam, revelam a mais profunda ignorancia da nossa geographia, da nossa historia, do nosso clima, das nossas riquezas naturaes e do grande progresso que o brasileiro, do norte e do sul, tem realizado, sem possuir escolas que ministrem uma educação pratica, sem vias de comunicação, sem uma protecção constante e bem orientada dos governos, mas, contando, unicamente, com a sua intelligencia, coragem e grande capacidade para o trabalho.

O homem vive e progride onde pode gosar de boa saúde e, esta condição, no estado actual da sciencia, é um méro problema de saneamento, que a engenharia resolve com segurança.

A classificação dos climas em "salubres" e "insalubres" não tem mais razão de ser. A acção dos poderes publicos e a hygiene individual tornam todos os climas salubres, embora uns sejam mais agradaveis do que outros.

Nem somos uma raça estacionaria ou decadente. Só poderá pensar assim, quem desconhecer o valor do jagunço da Bahia, do sertanejo do Ceará e de Pernambuco, para só falarmos dos habitantes do norte do Brasil.

Si esses povos não fossem fortes e valorosos, viveriam, até hoje, sob o dominio hollandês, contra o qual, os seus antepassados lutaram durante 24 annos, até á victoria definitiva. E' ao cearense que devemos o Acre.

A Australia possui uma civilização adeantada; tem boas estradas, escolas, opulentas cidades, produz muito trigo e cria grandes rebanhos. E' riquissima; poderia manter um bom exercito e uma forte esquadra, si tivesse necessidade dessas forças. No entanto, ella se encontra sob o tropico, tendo a sua metade septentrional na zona torrida. A isotherma de 25.º corta-a ao meio, como acontece ao Brasil. O seu clima é tão quente, sinão mais do que o do grande planalto brasileiro.

Scott, na sua "Meteorologia", referindo-se ás mais altas temperaturas de ar, de que se tem noticia, conta que na Australia, em Cooper's Crück, um thermometro graduado até 53ºc, deixado sobre a forquilha de uma arvore, partiu-se em consequencia da expansão do mercurio, tal foi o effeito da temperatura.

Tem o Brasil, no nordeste, extensas regiões assoladas periodicamente pelas seccas. Pois bem; no interior da Australia chove menos que no Ceará. Treze annos de observações regulares feitas em Quixeramobim, distante 200 kilometros da costa, deram-lhe para altura média de chuva annual, 569 m/m., distribuidos por 69 dias. Mais da metade da Australia tem menor altura pluviométrica do que essa localidade do sertão cearense.

O que a Australia não tem, seguramente, são escriptores nacionaes que se esmerem em descrever o meio physico daquelle pais como incompativel com uma civilização adeantada.

Bem poderíamos mandar-lhe os nossos.

Outro argumento com que se procura deprimir o Brasil, consiste na affirmção, duplamente erronea, de que a nossa terra não póde produzir trigo para alimentar os seus habitantes, porque esse cereal só vegeta normalmente nos climas frios, com temperaturas médias de 5º a 13º, dos paises situados entre as lati-

tudes de 40° a 60°, latitudes essas que, assim, delimitam a zona das grandes civilizações, das raças fortes e progressistas. O Brasil, estando fóra dessa zona, não póde ter pão e sem o pão, como principal alimento, nunca surgiu raça alguma capaz de uma sobrevivencia victoriosa, só podendo existir povos fracos, condemnados á estagnação e á decadencia...

E' difficil imaginar-se conceitos mais absurdos!

A condição de latitude, acima enunciativa, viria excluir da zona das grandes civilizações a metade dos Estados Unidos da America do Norte, toda a Australia, bôa parte da Italia, de Portugal e da Espanha, a maior parte do Japão, a parte mais populosa e adeantada da Republica Argentina, incluindo porém, a Mandchuria, a Mongolia, a Turquia etc.

Por outro lado, o Egypto, productor de trigo, decahiu da sua antiquissima civilização para viver sob o dominio de outros povos. H je prospera, não porque seus habitantes comem trigo, mas em virtude da bôa administração inglesa que estabeleceu a ordem no pais.

Não se alimentavam de trigo os bandeirantes que, pela sua intrepidez, dilataram as fronteiras do Brasil colonial.

São Paulo progride, mas é o caboclo, comedor de feijão e farinha de milho, que desbrava os sertões, constróe as primeiras casas, abre as primeiras estradas, faz as primeiras plantações para, então, chegar o colono europeu. O japonês comedor de arroz, aparentemente fraco, venceu o russo, comedor de trigo.

O Brasil já produziu trigo e póde e ha de produzi-lo em grande quantidade. Os primeiros colonizadores portuguezes introduziram essa cultura que prosperou nas terras que se estendem de S. Paulo e Minas para o sul. São innumerous os documentos a este respeito. Mas, diante da grande variedade de productos alimentares que a terra fornecia abundantemente com menor trabalho e de mais facil preparo para o consumo, como o feijão, o milho, o arroz, a mandioca, a batata, a banana, sem contar os muitos productos animaes, os habitantes foram abandonando o uso do trigo e, consequentemente, a sua cultura. Aliás, um pais que tem todos esses recursos, não precisa do trigo para conservar e desenvolver a robustez dos seus filhos. Comemos pão por habito, por gulodice, ou pela facilidade de encontral-o feito, mas, nunca, pela falta de alimentos que o possam substituir.

Pensa-se, geralmente, que o trigo é planta dos climas frios. Não póde haver maior erro. Nos tempos da mais remota antiguidade, a cultura do trigo era feita nos paises mais quentes que então se conheciam, florescendo na India, na Persia, no Egypto etc., onde ainda existe. Deslocando-se a civilização para paises de climas frios, o trigo acompanhou-a.

« Criaram-se variedades adaptaveis ao nosso meio, as primitivas regiões frumenticias voltaram á barbaria, a cultura da preciosa gramínea decahiu, de maneira que as gerações actuaes concluem do que observam que o trigo é um cereal dos climas frios, o que é grande engano. Todavia, não resta duvida que hoje em dia, ha variedades de trigo para todos os climas, com excepção unica, talvez, do clima equatorial maritimo. » (Gomes Carmo — « O Problema Nacional da Produção do Trigo. »)

Uma estatística, recentemente organizada pelo Ministerio da Agricultura, demonstra que em 69 municipios do Rio Grande do Sul, é praticada a cultura intensiva do trigo, tendo sido de 114.380 toneladas a produção total do Estado no anno de 1916. Essa produção vaé em augmento constante.

O municipio que mais produziu foi o de Guaporé, que figurou com 12.000 toneladas ou 800.000 arrobas. Esse municipio tem a temperatura média de 17°,6 sendo 22°,0 no verão e 13°,3 no inverno, temperaturas essas muito aproximadas das encontradas para os municipios paulistas de Faxina, São João da Boa Vista, São Roque, S. Paulo e Cunha, e bem mais altas que as observadas nos Campos do Jordão (Villa Jaguaribe) onde a média annual é de 15°,4, tendo o verão 16°,2 e o inverno 9°,2. No Estado de Minas, Caldas, Caxambú, Lavras, Passa Quatro, Barbacena, Muzambinho, Palmyra, tem as suas temperaturas médias annuaes comprehendidas entre 17°,3 e 18°,8 havendo muitas regiões, que, pela sua altitude, devem ter clima semelhante ao de Villa Jaguaribe ou ainda mais frio. No planalto central de Goyaz, onde se pretendia estabelecer a futura Capital do Brazil, a média actual observada foi de 19°,5 sensivelmente igual á de Cruz Alta (Rio Grande do Sul) que é de 19°,2 e cujo municipio produziu 5.000 toneladas de trigo, segundo a já referida estatística.

Vejamos, agora, os seguintes dados relativos aos climas de outras regiões, « productoras de trigo », os quaes demonstram mais uma vez que o argumento de temperatura não póde ser invocado contra essa cultura em extensas regiões do vastissimo planalto brasileiro.

INDIA INGLEZA

	<i>Latitude norte</i>	<i>Verão maxima</i>	<i>Inverno minima</i>	<i>Média annual</i>
Agra	27°10'	49°,0	1°,1	25°,8
Allahabad	25°28'	48°,8	2°,2	25°,8
Nagpur	21°09'	47°,8	4°,2	26°,4
Bombaim	18°55'	36°,9	13°,3	26°,3

NORTE DA AFRICA E SUL DOS ESTADOS UNIDOS

	<i>Inverno</i>	<i>Verão</i>	<i>Média annual</i>
Alger	12°,1	25°,0	18°,1
Tunis	11°,3	27°,3	19°,6
Tripoli	12°,2	26°,0	20°,1
Alexandria	14°,4	26°,2	20°,6
Cairo	11°,9	29°,1	21°,3
Jacksonville	10°,7	27°,6	18°,9
Galveston	11°,3	28°,5	22°,1
Los Angeles	11°,2	21°,9	16°,4

Que o Brasil não póde produzir trigo para alimento de sua população, que o nosso clima é desfavoravel ao desenvolvimeto de uma raça forte, são lendas que devem desapparecer com as trevas da ignorancia.

O nosso país precisa de estradas e portos que facilitem a circulação e a exportação dos seus productos, tão abundantes e variados e de milhares de escolas praticas de agricultura e de profissões elementares, onde tambem se ministre a instrucção civica. Com esses elementos, a amenidade do clima, a fertilidade do sólo, as riquezas mineraes deste, e as excellentes qualidades da nossa raça levarão o Brasil, em alguns decennios, a ser contado entre as nações mais ricas e adeantadas do globo.


A. de Padua Dias.

Piracicaba, Escola Agricola, 3-5-917.

O estudo da natureza nas escolas
publicas.

Folheto do mestre, organizado sob
a direcção do Dr. Oscar Thom-
pson pelo Dr. Clinton D. Smith
da Escola Agricola "Luis de
Queiroz".

Boletim n. 1.



(Trad. do Inglez)

Dr. Oscar Thompson,

Inspector do Ensino Publico.

São Paulo.

CARO SENHOR

Satisfazendo ao pedido que me dirigistes ha pouco, preva-
leço-me da primeira opportunidade para vos remetter, inclusa,
a série inicial de boletins adaptados ás necessidades dos grupos
escolares com relação ao estudo da natureza (*nature study*).
Permittir-me-eis que, nesta carta, exponha minh s idéas sobre
os fins e methodos desses estudos para, si, porventura julgardes
que estou em erro, me orientardes convenientemente, antes de
proseguir o que já está feito.

O principal objectivo desta especie de trabalho é formar
particularmente no espirito dos estudantes o habito de observarem
o que se desenvolve ao seu derredor em a natureza. O grande
mysterio da vida é o principio vital, esta acção que converte a
materia morta em fórmãs vivas. Visam estes estudos interessar
as crianças de um e outro sexo nas varias manifestações desse
principio, mostrando primeiro plantas e depois animaes, con-
forme o tempo e a opportunidade que as escolas permittirem.
Lembro, por isso, o seguinte alvitre para expôr o assumpto aos
vossos professores: Será organizada, tomando eu esta obrigação,
uma série de boletins sobre os diversos tópicos referidos abaixo.
A' medida que fiquem promptos, elles vos serão remettidos, para
serem traduzidos ou mesmo adaptados no caso de não ter eu
formado uma idéa justa do que seja possível aos vossos pro-
fessores. Logo que esta carta e o primeiro boletim sejam recé-
bidos, promptifico-me a chegar até ahi para, encontrando-me
comvosco e com os vossos professores, explanar todos os de-
talhes, ainda que tenha de realizar sobre o assumpto duas ou
mais conferencias. Podereis publicar, então, os boletins si jul-
gardes conveniente. Mais tarde, quando tiverdes recebido outros
dous boletins, estarei prompto a ir outra vez até ahi, para accre-
scentar tantas explanações quantas sejam precisas. Dou abaixo
os titulos dos diversos boletins que tenciono apresentar. O tra-
balho, confôrme notareis, é dividido em duas séries — uma, re-
lativa ás plantas; outra, ao sólo. Depois que tenham sido

estas utilizadas, prometto organizar uma outra sobre a vida animal, mostrando como são variadas as manifestações da actividade do principio vital entre os animaes e as aves mais communs.

SÉRIE N. I

Quanto ás plantas :

- 1 — As sementes e a germinação.
- 2 — A plantinha.
- 3 — A planta e a agua.
- 4 — A planta e o ar.
- 5 — Plantio do jardim-escolar.
- 6 — As flôres do jardim-escolar.
- 7 — Hortaliças do jardim-escolar.
- 8 — Exercicios de colheita no jardim-escolar.
- 9 — Como estudar botanica, sem livros, no jardim-escolar.
- 10 — As leguminosas.

Outros boletins sobre outras classes de plantas conforme o pedido indicar.

SÉRIE N. II

Quanto ao sólo :

- 1 — O espaço vasio no sólo.
- 2 — Como a agua existe no sólo.
- 3 — Areia, argilla, terra roxa e o sólo do jardim.
- 4 — Por que e como se cultiva.
- 5 — Estes e outros boletins que o progresso do trabalho fôr indicando.

Talvez se vos afigurem estes titulos extremamente technicos e pareçam inexequiveis ao professor publico. Cada cousa depende do methodo por que é apresentada. Fundo-me na suposição de que o professor tomará interesse pelo trabalho, munindo-se dos poucos instrumentos precisos e dos materiaes absolutamente indispensaveis. Supponho tambem que os boletins serão illustrados com algumas gravuras, mostrando claramente o que seja necessario e como usar o material. Servirão estes boletins para auxiliar os professores e não de compendios. Estou finalmente, para todo este assumpto, ás vossas ordens. Decidireis sobre a adopção dos meus boletins. Si conseguirmos desenvolver apenas nos alumnos das escolas deste Estado o habito de observarem e de pensarem por si mesmos, teremos conguido muito.

Fraternalmente

VOSSO :

CLINTON D. SMITH.

As sementes e a germinação

PREFACIO

Funda-se o estudo da natureza em observar e tirar as deducções convenientes do que se vê. Não é elle nem um estudo systematico de agricultura, nem tão pouco uma successão dispersiva e desordenada de observações incoherentes. E', sim, um ensaio que visa despertar nos alumnos de grupos escolares e outros estabelecimentos o interesse pelo trabalho da natureza circumstante. E' lêr o grande livro da natureza com intelligencia e curiosidade. E' examinar de perto o que a natureza faz para a producção das plantas ou para o crescimento dos animaes. E' mais do que isto. E' a formação de habitos de observação nos alumnos das escolas publicas. Mais tarde, na vida, serão estes habitos um dos mais proveitosos resultados de seus estudos.

O methodo de ensino será o de investigação. Si o estudo da natureza se prender ao «curriculum», si fizer parte de licções assignaladas de ante-mão para cada dia, o seu proposito verdadeiro será frustado. Afaste-se o mestre de livros feitos pelo homem para a observação de cousas que a natureza fez, afim de repousar os olhos, o corpo e o espirito dos alumnos por uma transformação prompta e completa do assumpto e methodo. O estudo da natureza é como um periodo de descanso em meio do trabalho diario; não é um estudo a mais, não é uma sobrecarga. O alumno, quanto o possivel e desde o começo, faz o trabalho. Vê a cousa e diz o que vê. Nunca fará uma recitação. Talvez dez ou quinze minutos por dia seja o tempo sufficiente, segundo o interesse despertado pelo assumpto. O estudo da natureza implica, da parte do professor, um vivo interesse pelas sementes, terras, plantas e animaes estudados, sem que, aliás delle se exija um conhecimento profundo e completo de botanica ou physica. Requer do professor a honestidade precisa para não se arrecear de dizer «não sei», quando a cousa a explicar estiver fóra dos limites de seus conhecimentos. Esbarramos entre as plantas e animaes com uma infinidade de formas que toma o principio vital. Esperar que um professor esteja habilitado a responder uma questão qualquer é acreditar

que elle o esteja tambem para conhecer o que succederá depois de amanhã. A característica do professor digno deste nome será o amor pelas plantas. Estudará com os seus alumnos a marcha seguida pela natureza ao differençar a vida da planta. E' desnecessario saber porque ou como uma semente produz uma especie de planta, quando, uma outra semente, no mesmo sólo e sob as mesmas condições produz um typo completamente diverso. E' bastante saber que assim é e estudar as leis geraes applicadas ao crescimento de todas as plantas. Colloque-se o professor na mesma categoria em que está o alumno, como um simples estudante, apenas um pouco mais avançado no caminho. Isto significa que os professores publicos terão necessidade de auxilio. Antes de pretenderem guiar os outros, devem primeiro adquirir o preparo necessario. E's porque se organizou esta série de folhetos: simplesmente para suggerir alguns assumptos que offereçam interesse ás crianças e como despertar esse interesse. A escola commum não póde ensinar agricultura como sciencia nem a chimica ou botanica, ou qualquer officio ou profissão como a engenharia; mas, póde fazer melhor: póde provocar e levantar o interesse pelas cousas que rodeiam o alumno cada dia e assim lhe desenvolver habitos de observação applicada e systematica. E' superfluo dizer que estas observações devem relacionar-se com o trabalho diario. Si uma composição escripta, porque o alumno deixará de fazer uma resenha do que tenha visto? Si a materia de estudo fôr a arithmetica, porque não se utilizar o trabalho relativo ao sólo ou ao crescimento das plantas como base dos problemas ou, indo mais longe ainda, porque não tomar cada dia da vida do estudante como a origem de todas as questões de arithmetica e para a explanação de todas as regras? Em certas partes de outros países, a introduccão do estudo da natureza deu uma vida nova ás escolas, transformando-as nas mais poderosas agencias para elevar a vida de toda a população. As escolas ensinaram as crianças a observar e pensar por si mesmas. E as crianças ensinaram os paes. E' indifferente que estes folhetos sejam ou não usados pelos alumnos. Nunca deverão ser utilizados como compendio ou para lhe fazer as vezes.

AS SEMENTES E A GERMINAÇÃO

(O material necessario para a série de observações abaixo indicadas são algumas favas, aboboras ou cabaças, amendoas e outra especie de sementes graúdas apropriadas, inclusive o milho. Como apparatus, lastam alguns pratos, rasos ou fundos, algumas folhas de mata-borrão e um vaso de lã argilla).

Poucos objectos serão menos interessantes do que estas sementes seccas. Um exame desta fava mostra, por exemplo, uma casca lisa servindo de involucro a uã massa branca quasi redonda ou reniforme. Verifica-se a presença ou ausencia de rugas sobre a superficie, porém, isto não tem maior importancia. Na parte concava da fava reniforme, acho um ponto aspero, onde, de modo visível, a semente se prendeu á vagem. Tomando e abrindo uma vagem egual á que está sendo estudada, encontro a semente presa á casca nesse ponto aspero.

Junto desse ponto aspero, encontra-se um ponto mais pequeno, um simples signal que alguma coisa póde indicar quanto ao conteúdo desta fava e nos mostrar uma parte da anatomia da semente, da maior importancia para o crescimento da planta.

Consignarei afinal no meu caderno de notas que ha os mesmos pontos pequenos em todas as favas, para podermos vêr mais tarde si elles teem ou não alguma importancia. Desviemos por enquanto nossa attenção destas outras sementes, concentrando nossas observações nestas favas. Tão duras ellas se encontram, que deixei algumas de molho, afim de as estudar melhor. Que descobris em primeiro lugar ?

Isto : a natureza envolveu a semente em uma delicada cobertura tão fina e bonita como o vestido de mais raro valor por vós imaginado e adquirido. Assim, si observarmos outras sementes, verificaremos serem todas cobertas de uma casca que as protege dos ventos e das intemperies. Será preciso estonar as favas antes de as cozinhar ? Penso que não, pois, como as cascas são muito macias, nenhum damno podem causar ao estomago.

Teem sido inventados machinismos para descascar, porém, a experiencia demonstra que nenhuma vantagem advem dahi. Observo agora uma cousa singular: logo que a fava é descascada, a semente se parte em duas metades presas uma á outra.

neste ponto. Noto mais, examinando outras favas, que este ponto de união das duas metades corresponde exactamente ao pequeno ponto que vimos na superficie da fava secca. Que significa esta divisão em duas metades e esta pequena connexão? Para o descobrir, observemos algumas favas que tenham sido humidecidas durante cerca de tres dias neste mata-borrão molhado ou nesta terra. Tomando em primeiro lugar esta que se conservára na terra apenas dous dias, descubro que deste pequeno ponto de união rebentou uma plantinha, trazendo com ella as duas metades da fava. Quaes os serviços que prestam essas duas metades da semente á plantinha? Esperemos até que a mesma planta responda á questão. Surge em meu espirito uma pergunta: Por que cresceu tão molle esta fava e germinou justamente a tempo de a observarmos hoje? Estas favas foram todas colhidas ha mais de um mês e ainda nenhuma fizera o que esta fez no espaço dos ultimos dous dias. Porque?

Respondeis a um tempo: porque ellas se conservaram seccas, e as favas sabem muito bem que não brótam estando seccas, pois sem agua não podem crescer. E, depois disto, onde motivo para espanto? Ellas não brotam enquanto estiverem seccas. Podemos collocal-as em terra secca, para as limpar dos escaravelhos que depositam nellas os ovos e nol-as estragam assim. Comtudo, ellas não brotam, a menos que a terra se torne humida.

Quando, ao mesmo tempo, as favas se tornam molles e esta plantinha começa a crescer aqui neste lugar, dizemos que ellas estão brotando. Tive curiosidade de saber si muita agua, durante dous ou mais dias, faria mal. Conservei estas favas neste prato cheio de agua que antes fizera ferver para fazer sahir o ar. Observaes que nenhuma dellas brotou e todas principiaram a morrer. Pelo que toca ás favas póde dizer-se, portanto, que, para as sementes brotarem, devem receber agua e ar, tanto como calor.

Em outros climas é importante esta ultima condição, menos no Brazil, onde raras vezes o frio excessivo prejudica a germinação das favas.

Si excluimos a agua, as favas nem morrem, nem germinam. Si damos agua e excluimos o ar não germinam, porém, morrem. Por isto, quando tivermos mais tarde de preparar o solo para as favas, devemos ver si elle contém ar e agua, afim de que a semente possa germinar.

Si examinarmos esta amendoa, veremos que a natureza teve muito cuidado com esta semente, dando-lhe, para cobertura, uma grossa casca exterior e outra delgada por dentro. Pondo de molho a amendoa, depois de a partir, a semente divide-se fa-

cilmente em duas partes, como no caso da fava. Um estudo deve ser feito não só quanto á germinação da amendoa, como sobre a anatomia e os característicos de diversas destas sementes. Si houver ensejo e quanto fôr possível, devemos arranjar frascos pequenos e fazer collecções de sementes para nossas classes e nossos estudos em casa, onde podemos dispôr de mais tempo e onde outros aprendem, como nós aprendemos. Devemos tambem observar quanto tempo gastam as sementes para germinar. Um exame deste grão de milho revela que a natureza aqui obedeceu a um plano differente do que tomou para a construcção da fava. Depois de amollecido na agua, achamos a mesma cobertura exterior, porém dentro, em vez de duas metades, encontramos apenas uma. Devemos, nos dias seguintes, examinar ainda outras sementes, como as da laranja, bolotas de carvalho, as do algodão ou outras quaesquer de nossas collecções, afim de observarmos si ha duas metades deste tamanho na semente, ou si esta, como o grão de milho, não se divide em duas partes. Convém estudar ainda as membranas exteriores das sementes, para se apreciar como em alguns casos a natureza fornece os meios para a semente se espalhar em tôno do campo ou mesmo pelo municipio. As sementes que houvermos plantado nesta terra, deixaremos para um outro dia, afim de verificarmos o que succede a uma semente depois de germinada e o que resulta da germinação.

O estudo da natureza nas escolas
publicas.

Folheto do mestre, organizado sob
a direcção do Dr. Oscar Thom-
pson pelo Dr. Clinton D. Smith
da Escola Agricola "Luís de
Queiroz".

Boletim n. 2.



A PLANTINHA

Ao estudarem o crescimento da plantinha, pódem os alumnos fazer uma collecção, tão completa quanto possível, de sementes dos productos mais communs cultivados na localidade onde estiver situada a escola.

Além desta collecção geral pertencente á escola, convem ainda animar os alumnos, mesmo os rapazes e moças, a organizarem, cada um de per si, uma collecção para seu uso particular.

Far-se-ão germinar, então, algumas sementes de cada variedade num caixote de terra, grande ou pequeno, podendo-se assim determinar o methodo de crescimento.

Verificar-se-á em primeiro logar que nem todas as favas teem o habito de crescimento mencionado no primeiro boletim. As da Florida, por exemplo, desenvolvem-se de modo completamente differente.

Antes de ir mais adiante, é de vantagem o plantio de favas, ervilhas, trigo, milho, algodão, alfafa, café, e de outras especies de sementes que possam ser obtidas, observando-se com todo o cuidado durante uma semana o modo por que brotam da terra.

Supponhamos agora que temos a estudar justamente uma dessas plantas. Tomemos o milho, cuja semente é a mais commum entre nós. Precisamos saber como elle cresce e onde obtem seus materiaes de crescimento, seus alimentos. O milho nada póde crêar e dos alimentos que receber de fóra depende seu crescimento. Exactamente o que succede conosco: precisamos de alimentos para crescer ou, ainda mesmo, para viver sem crescimento.

Vejamos primeiro como cresce o pé de milho, onde cresce e, depois, donde lhe vem o alimento.

Para mostrar que as raizes se desenvolvem em comprimento, colloquemos alguns grãos entre as dobras de um panno humedecido. Conservemos o panno quente e humido até que os grãos tenham brotado e as plantinhas attingido um comprimento de tres ou quatro centimentros.

Tenhamos á mão um par de vidros quadrados para vidraça, de oito centimetros por dez (ou maiores), um retalho de panno escuro e um pouco de linha tambem escura. Colloquemos um dos vidros numa cassarola, de modo que uma extremidade fique encostada ao fundo e a outra sobre a borda da vasilha, formando

assim o vidro um plano inclinado. Extendamos o panno, depois de o molhar, sobre o vidro. Tomemos um grão de milho brotado e colloquemol-o sobre o panno junto á borda de cima. Atemos as radículas sem as apertar com os fios de linha, deixando entre os laços o intervallo de um centimetro e procedendo-se de modo que as raizes não sejam damnificadas.

Colloquemos o outro vidro por cima das raizes e do panno, deixando a borda inferior abaixo das extremidades das raizes e a superior levantada sobre o outro vidro por meio de um pequeno espeque de madeira. Dobremos tambem o panno em volta da semente, deitemos um pouco d'agua na cassarola e, depois de um ou dous dias, os resultados virão mostrar onde as raizes crescem, si na ponta ou ao longo de todo o seu comprimento.

Chamemos a attenção dos alumnos para o facto do animal poder deslocar-se em qualquer direcção afim de procurar alimentos, movendo sua bocca para onde estes se achem e transportando-os, depois de mastigados, ao estomago, onde se realiza uma parte da digestão. Ao passo que a planta está presa á terra, não póde mover-se exceptuando-se as extremidades de suas radículas que se distendem pela acção do crescimento.

Solicitemos tambem a attenção do alumno para a ligação deste facto com a necessidade de se afogar a terra em beneficio do crescimento das tenras raizes que, distendendo-se através das camadas do sólo, vão ahí procurar alimentos e agua para a planta. E' muito activa a imaginação infantil e es movimentos dessas radículas na terra escura, descendo para subirem de novo, rompendo caminho ora por entre passagens estreitas, ora através de passagens mais largas, pódem despertar bastante interesse pelo estudo das raizes no proprio sólo.

O caule da plantinha será estudado tambem por este modo.

Notemos como as folhas mais velhas do milho protegem as mais novas. Notemos ainda que o crescimento da fava se dá pela extremidade do caule e que um ponto qualquer assignalado no caule não se move para cima; porém, que o augmento de comprimento sempre se opera pela ponta da folha ou do caule, e não pelo movimento ascencional do mesmo caule.

Reparemos, depois, emquanto se dá o crescimento, como o grão de milho ou as duas metades da fava ou a massa de uma semente qualquer crescem menos e menos, estacionam. Veremos mais tarde que as reservas assim armazenadas na semente fôram aproveitadas emquanto esta crescia e amadurecia pela planta em desenvolvimento. Até que as raizes e folhas estejam promptas para desempenhar suas obrigações, a plantinha vae retirando seus alimentos de reservas assim armazenadas.

Observemos depois que a planta está dividida em duas partes : uma que cresce em direcção á luz e outra que cresce em direcção opposta.

Não é exacto que as raízes cresçam invariavelmentê para baixo e os caules e as folhas, para cima. Para mostrar que é a luz e não sómente um puxão da terra (o que chamaremos a attracção da gravitação) que produz o movimento do caule para cima e o da raiz para baixo, tomemos uma chicara cheia de terra bem socada e plantemos no centro um grão de milho com o rebordo mais largo para baixo. Colloquemos a chicara, depois de humidecer um pouco a terra nella contida, sobre um buraco da mesa ou pousemol a inclinada sobre dous pequenos supportes de madeira, um de cada lado, de modo que a terra tenha a superficie exposta á luz. Ver-se-á, no fim de poucos dias, o caule, inclinado, crescer de cima e as raízes para baixo na terra escura. As raízes gostam de trabalhar na escuridão, emquanto o caule e as folhas, especialmente estas, não pódem viver sem luz.

Cubramos as folhas e o caule de uma planta que esteja crescendo com um panno preto, ou deixemos a planta em um aposento escuro e logo veremos as folhas se tornarem brancas ou pelo menos ficarem de verde-gaio.

Deixam de ser perpendiculares.

Si tiver sido plantada uma grande porção de diversas especies de sementes, será conveniente mostrar a variedade de fórma das folhas e tambem a differença da maneira por que se dispõem as veias das folhas, seguindo longitudinalmente no caso do milho ou espalhando em rede por todo o corpo da folha, como se vê na maior parte das plantas.

Si existir na escola um vidro de augmento, embora de pouca força, os estudantes poderão examinar as raízes nas suas extremidades.

Algumas sementes de rabanetes collocadas entre folhas de mata-borrão de modo que permaneçam humidas, germinam depressa e deixam de ver bem o aspecto que as raízes de muitas plantas apresentam proxima á ponta.

A raiz é lisa, na extremidade, porém meio centimetro para traz ou menos começa uma zona de largura variavel onde a superficie da raiz é coberta por uma vegetação tufosa de innumeros pellos que chamaremos os cabellos da raiz. A função destes cabellos é sugarem a agua e nesta os alimentos retirados da terra para a planta.

E' conveniente informar os alumnos que não existe meio algum para o alimento solido entrar na planta, que não ha nenhuma bocca para o receber e nem dentes para o mastigarem e

que, por isto, todo o alimento, para penetrar na planta, deve ser dissolvido, entrando no estado de solução,

E' verdade que nem todos os alimentos que entram na planta veem por meio das raizes, mas tambem é verdade que todas as cinzas, todos os alimentos mineraes entram pelas raizes e, sugados por esses cabellos radicaes, acham então, como estudaremos mais tarde, seu caminho em direcção ás folhas e ao caule, contribuindo para o crescimento da planta e para a formação da semente.

Assim tambem, com o auxilio de um vidro de augmento, estudaremos a superficie inferior da folha, achando ahi os póros que são pequenos buraquinhos existentes nessa superficie, cada um dos quaes se abre cercado por cellulas especiaes que protegem pequenas cavidades existentes na substancia da folha. O fim dessas cavidades, assim guardadas, é regular a evaporação de agua da planta e, por outro lado, regular a respiração do vegetal.

O sol brilha sobre a folha e realiza uma funcção que estudaremos depois, enquanto na pagina inferior da folha estes buraquinhos cumprem o seu importante dever, deixando escapar a humidade em porção sufficiente para o melhor crescimento da planta.

Sem um vidro de augmento, de poder relativamente grande, estes póros não podem ser estudados. Nos paizes tropicaes, o tecido das folhas é relativamente muito cerrado e as aberturas muito pequenas, para que possam ser distinguidas sem o preparo conveniente e sem um exame cuidadoso.

O estudo da natureza nas escolas publicas
Folheto do mestre, organizado sob a di-
recção do Dr. Oscar Thompson pelo Dr.
Clinton D. Smith da Escola Agricola
"Luiz de Queiroz".

BOLETIM N. 3.



A PLANTA E A AGUA

Vimos em nosso ultimo boletim, onde alguma cousa já aprendemos sobre a anatomia de cada uma das partes da planta, que esta se compõe de raizes, caule e folhas. Isto nos permitirá estudar agora com prazer o que fazem as raizes, quaes e como se realizam as funcções do caule e das folhas. O fim principal da planta é naturalmente crescer o mais depressa possível e produzir a semente. Necessita de alimentos abundantes e variados. Gostamos de carne, legumes e fructos. As plantas gostam, ou melhor, necessitam de certas substancias mineraes que devem retirar do sólo por meio das raizes; e de outras como o amido e o assucar, que devem retirar do ar.

Queime-se uma colher de assucar e não ficam cinzas. Queime-se uma colher de amido que se emprega para engomar roupa e nada restará. Queime-se um pedaço de madeira. Resta um punhado de cinzas. Desappareceu o grande volume de madeira, voltou para o ar donde veio, onde uma sua porção diminta se reduz com effeito a essas cinzas que formam a parte tirada da terra na agua absorvida pelas raizes. Pata mostrar agora o que fazem as raizes, antes de estudar como ellas funccionam, uma das primeiras experiencias simples a fazer é aquecer por alguns minutos dous litros de areia branca em uma pá ou em uma vasilha de ferro como as que são usadas para torrar café.

Deixe-se a vasilha ao fogo até que a materia vegetal contida na areia seja queimada. Depois de fria, colloque-se a areia queimada, dividida em partes eguaes, em duas vasilhas de estanho, que por meio de um prego, serão perfuradas no fundo para se facilitar a drenagem. Plantem-se cinco favas graúdas em cada vasilha, escolhendo sementes do mesmo tamanho e tão parecidas quanto possível. Reguem-se as duas vasilhas com agua de chuva e conserve-n'as, em logar quente para as plantas crescerem. Cuide-se egualmente das duas vasilhas como adeante se vê, apenas com esta differença; uma será regada com agua de chuva e a outra — uma vez por semana — com uma solução de terra fresca e estrumada de jardim. Antes de ser feita a régua, enchagõe-se ligeiramente a terra, deixando primeiro o lodo assentar. Quando fôr precisa a solução para melhor a planta, cõe-se a agua depois que a terra ficar assentada no

fundo. A solução assim obtida conterá os alimentos de que a fava precisa. Quando as plantas tiverem pegado e attingido a uma altura de 5 a 6 centímetros, arranquem-se de ambos os vasos as plantas mais fracas, deixando tres pés aproximadamente do mesmo tamanho. Continue-se a réga durante 4 ou 5 semanas, molhando um dos vasos com agua pura e o outro com a solução de terra. Observe-se a differença no crescimento das favas nos dous vasos, differença devida simplesmente ao alimento que a planta absorve da solução de terra. Aliás esta solução póde ser tão clara como crystal ou mesmo completamente incolor. A agua que usamos neste e em outros paizes deriva em grande parte de fontes onde ella se filtra atravez de uma camada espessa de terra. Esta agua póde ser perfeitamente clara, o que acontece quasi sempre com effeito e mesmo assim conterá muitas viscosidades e outros saes, de modo que precisamos lavar a vasilha onde tenha sido fervida para a limpar dessas substancias. Assim tambem, dissolvidas n'agua se acham outras substancias mineraes de terra que se introduzem na planta quando a agua é absorvida pelas raizes e fornecem justamente ao vegetal os alimentos de que elle precisa, indispensaveis para o seu crescimento. Mostra uma outra esperiencia que a planta requer os seus alimentos em uma solução perfeitamente diluida. Si tentardes regar as favas, na esperiencia precedente, com uma decoada de estrumeira, matareis provavelmente a planta.

O mesmo succederá si dissolverdes n'agua uma quantidade demasiada de saes uteis de que a planta precisa realmente, como os de potassa e os phosphatos. O poder creador dispoz, de tal modo não só a natureza da planta como o seu apparatus de absorpção, que é necessaria a agua quasi pura, afim de que grande quantidade do liquido possa atravessar a planta para cada porção dos alimentos accrescidos. Podemos calcular que para kilogrammo de material fornecido á planta, trezentos kilogrammos de agua, pelo menos devem ser absorvidos pelas raizes. Naturalmente apenas uma quantidade diminuta da agua absorvida é guardada pela planta. Que acontece á maior parte dessa agua? Para mostrar que ellas saem pelas folhas, tome-se uma planta qualquer crescida em um vaso, cubra-se a terra com um papelão, de maneira que a agua não possa vir d'ahi. Para isto, rasgue-se uma fenda no papelão e ajustemol o em redor da planta que lhe deve occupar centro. Tapemos a fenda com breu ou cera.

Emborquemos então um copo sobre a planta e conservemol-a n'um logar quente e exposto ao sól. O interior do copo não tardará a ficar coberto de humidade condensada da porção despendida pelas folhas.

E' impossivel, entretanto, medir a quantidade de agua assim lançada, conseguido-se, apenas, por este modo, patentear o facto da transpiração aquosa. Mostra-se facilmente que a agua é levada pelas raizes, privando-se de agua as plantas que crescem na sala de aula. Começam ao mesmo tempo a definhar e morrerão, finalmente, si a falta d'agua se prolongar.

Uma experiencia bem simples provará que a agua sobe ao longo do caule. Encha-se de agua tingida de vermelho ou de outra côr viva, dous terços de um copo. Tomem-se algumas rosas brancas, apanhadas de fresco, ou flores de outra especie, porém, dessa mesma côr ou alguns galhos verdes guarnecidos de folhas novas.

Cortem-se de novo os pedunculos dessas folhas para immergir suas pontas no liquido colorido. Após alguns instantes, ver-se-á o liquido erguer-se atravez do pedunculo e logo apparecar no branco das flores ou no verde das folhas patenteando côres brilhantes.

Como esta agua se ergue nas plantas a despeito da força de gravidade? Que força é essa existente nas plantas vivas que faz as raizes sugarem a agua e depois a suspende pelo caule até os topos das arvores mais altas? Aos estudantes que não tenham nenhum conhecimento pratico de physica, este phenomeno permanecerá nas dobras do mysterio. A explicação, entretanto, não é de alcance difficil, si bem que a experiencia abaixo descripta, um tanto difficil de ser realizada com perfeito successo, mostre apenas que o movimento da agua se produz pelas raizes sem explicar o methodo ou a causa.

Seria difficil, sem um microscópio, fazer ás jovens intelligencias comprehenderem que a planta é formada de cellulas separadas, cada uma das quaes é constituida de uma massa de substancia gelatinosa protegida por uma pellicula ou casca de material mais resistente e forte. Agrupam-se estes saccos para formarem juntos á raiz, o caule, as folhas ou qualquer outra parte da planta. Imagine-se a miniatura de uma porção de saccos cheios de café, empilhados, justa-postos de ponta á ponta e todos presos tambem pela adherencia dos lados de um aos do immediato. Assim, em cima e em baixo do caule e das raizes, estão estas cellulas ou saquinhos arrançados em linhas, ás vezes bem definidas, ás vezes em ordem regular, e ás vezes apparentemente, sem ordem definida, segundo a função da parte individual.

Os liquidos passam de uma cellula á outra em consequencia de uma força que esta experiencia illustra, sem todavia explicar. Tome-se uma garrafa de bocca larga, não tão larga que por ella se possa fazer passar um ovo que deve apenas poder tapal-a

com a sua ponta mais grossa. Deite-se agua na garrafa até a encher. Quebre-se e tire-se com todo o cuidado, de modo que a pellicula fique intacta, a casca da ponta mais grossa de um ovo, deixando-se a parte descascada com dois centímetros e meio de diametro.

Parta-se a casca da ponta mais fina de modo que offerça espaço sufficiente para ahí se ajustar a extremidade polida de um tubo de vidro com um centimetro de diametro. Este tubo deve ter dez centímetros, ou menos um pouco, de comprimento. Fure-se com o tubo um pedaço de véla de dous centímetros de comprimento.

Solde-se o pedaço de véla na ponta mais fina do ovo por meio de um arame quente com o qual se derreterá um pouco de cera, de modo que a soldadura cubra o espaço d'onde foi retirada a casca. Introduza-se o tubo no buraco aberto na véla e solde-se bem, de maneira que nenhum ar possa penetrar ou o liquido escapar por entre o tubo e o ovo. Tape-se a bocca do vidro com a ponta mais grossa do ovo, cuja delicada membrana se terá o cuidado de não romper. Faça-se correr o tubo e quebre-se a pellicula do ovo no ponto onde foi ajustado o tubo ôco. Espere-se algum tempo e ver-se-á o conteúdo do ovo subindo pelo tubo, ao passo que a agua da garrafa vai atravessando a membrana. Nenhum orificio é descoberto pelo microscopio nessa delicada membrana; todavia, a agua passa por ella quando um dos seus lados é banhado com uma solução de agua salgada e o outro com agua sómente. E' assim que a agua carregada de alimentos para o vegetal entra nas raizes da planta. Esta passagem da agua através de uma membrana e tambem a força que a produz tem o nome de *osmose*. Esta mesma força faz com que o liquido se mova no interior da planta passando de uma outra, através das paredes das cellulas. Cada cellula se prende immediatamente á vizinha pela construcção da propria planta, e, assim, desde que o conteúdo de uma cellula se torna mais fraco, isto é, quando a proporção de agua é maior que a da cellula contigua, ha um movimento de agua da primeira para a ultima, até que a composição do liquido seja a mesma em ambas as cellulas. Uma experiencia mais simples illustra a mesma força. Enche-se de melação a parte mais larga de um tubo de cardo; tape-se a bocca do tubo com uma membrana, fazendo-se uma ligação impermeavel. Faça-se o tubo immergir na agua e note-se como o melação vai subindo enquanto a agua entra atravez da membrana. Todas as leis do movimento da seiva na planta não serão naturalmente bem comprehendidas, mas estas simples experiencias esclarecem o principio geral que o phenomeno envolve.

Direcção Geral das Escolas da
Provincia.

Secção Technica de Ensino Agri-
cola.

Plano de Orientação Agricola no
Ensino Primario por Joaquim J.
Barneda. Eng.^o Agronomo.



DECRETO N. 5.814 — Série A

Departamento do Governo

Cordoba, Julho 29 de 1915.

Visto o parecer relativo á orientação agricola do ensino primario, e,

Considerando :

Que o plano apresentado pelo Consultor Technico de Ensino Agricola, Engenheiro Agronomo Joaquim J. Barneda, póde ter immediata execução nas escolas primarias, por não acarretar modificações aos programmas e horarios em vigor e corresponder á necessidade de habilitar os professores em exercicio, com noções agricolas e conhecimentos orientadores para ministrar o ensino da agricultura ;

Que esse plano não é um obstaculo ao desenvolvimento de qualquer outro que se possa pretender no sentido de um preparo mais completo do professor em assumpto agricola.

O Governador da Provincia,

DECRETA :

Artigo 1.º — E' approvedo e posto em execução, em todas as suas partes, o plano de orientação agricola do ensino primario, apresentado pelo Consultor Technico de Ensino Agricola, Engenheiro Agronomo Joaquim J. Barneda.

Artigo 2.º — Imprima-se o referido plano, em folheto, em numero de mil exemplares, para os effeitos expressos no mesmo, devendo esta despesa ser feita com as « Sobras » do Conselho de Educação.

Artigo 3.º — Publique-se, communique-se aos funcionarios respectivos e volte este á Direcção Geral das Escolas, para os devidos effeitos.

Cárcano.

J. CESAR.

Orientação Agrícola na Escola Primaria

Falta de tradição agrícola

A agricultura nos rodeia por toda a parte, a industria agrícola é a principal industria nacional; seus productos formam a base de nossa alimentação, o bem estar e a riqueza do paiz dependem quasi exclusivamente da exploração ou cultura do sólo, e não obstante vemos com symptomas alarmantes o phenomeno da ausencia de tradição agrícola.

A falta de tradição explica-se pelo conhecimento da psychologia social e, si quizerem, na popu'ação nativa, como uma consequencia de preconceitos hereditarios.

Habitúamo-nos a ver no agricultor o immigrante que vem tentar fortuna, e esse preconceito geral faz com que a agricultura seja considerada entre nós como uma profissão modesta e propria de gente humilde. O proprio agricultor emmigrante dá força a essa opinião pois, logo que, após alguns annos de boas colheitas, é-lhe permittido juntar algumas economias, afasta-se da lavoura para installar-se na cidade vizinha e, se tem filhos, os educa na cidade e fomenta nelles todas as tendencias á vida urbana como um meio de elevação social.

São poucos os estrangeiros agricultores que tenham sido agricultores proprietarios em seus paizes de origem; em sua immensa maioria eram simples jornaleiros, as mais das vezes alheios ás tarefas agrícolas, e assim si explica que conquistem a terra como por assalto, sem dedicar-lhe carinhos e com unico intuito de ganhar dinheiro; dahi explorarem o sólo sem consideração alguma, tratando a terra como si fosse a gallinha dos ovos de ouro sem se preocuparem de ampliar seus conhecimentos agrícolas com novos processos e culturas; que suas residencias no campo careçam de toda a especie de commodidades; que a plantação comece no limiar da porta sem deixar nem um pequeno logar de horta com que auxiliar sua alimentação, nem uns canteiros de flores que alegrem o ambiente, nem arvoredos que offereçam sombra a elle e ás suas criações...

Nossos defficientes systemas de arrendamento concorrem tambem para este resultado.

O agricultor, filho do paiz, em geral é o possuidor da terra que descobriu que o arado melhora os campos e para conseguilo entrega aos colonos grandes porções de terra para que as arrotem e semeiem durante dois ou mais annos, com o principal interesse de recebê-las brevemente, formando campos assim melhorados para suas criações.

A tradição agrícola sobre estas bases difficilmente póde constituir-se.

Uma bôa iniciativa no sentido de criar tradições, implica a regulamentação das escolas praticas agricolas nacionaes que exige do aspirante, ser argentino, e, em seu artigo 14, que se seleccionem pelo merito de sua procedencia, preferindo-se os filbos de agricultores e jornaleiros.

Porém, o grande recurso, o unico realmente pratico e de verdadeiro alcance é o ensino primario que, por ser o formador dos futuros cidadãos póde e deve encerrar os germens de toda a orientação positiva que seja uma esperança para o paiz.

A este respeito, s. excia. o sr. Governador da Provincia em seu discurso de encerramento dos cursos escolares, em 17 de Dezembro do anno proximo passado, dizia:

« A meu modo de ver, falta principalmente em nosso ensino, orientação do pessoal docente em relação aos interesses economicos do paiz. A vida nacional é a vida de nossas industrias ruraes e, não preparar o menino para comprehendel-as, servil-as e amal-as, não é preparal-o para a vida nacional.

« A maioria da população rural carece dos conhecimentos que a riqueza e o progresso da nação impõem. Não se prezam realmente os trabalhos do campo; a rotina e o empirismo dirigem todos os serviços; produz-se pouco e produz-se caro; o capitalismo domina sem lucta toda a actividade; a ambição individual que fecunda e engrandece o esforço não impelle a classe agricultora; ganha-se para viver vegetando e não se ganha para viver e crescer; a cultura é extensiva, a plantação e o amanho da terra são feitos por braço mercenario; não existe a pequena propriedade, nem as pequenas industrias da lavoura; fóra do musculo fórte e são, admiravel como instrumento principal, faltam a comprehensão e as aptidões para a lucta diaria, constante e implacavel.

« A escola deve constituir uma machina de acção humana capaz de formar a creança vigorosa e san, intelligente e bôa, sem conhecimentos perturbadores e inuteis, que lhe forme o character e fixe as tendencias e sua conducta; que o prepare para desenvolver-se em todas as situações communs aos homens do paiz que ella educa e fortalece.

« De accôrdo com esse conceito, instrucção agrícola se reduz a despertar o gosto e conhecimento dos trabalhos ruraes, demonstrar seu proveito, iniciando a creança no methodo e progresso de todas as culturas; nenhum estudo integral da agricultura nem apprendizagem de cultivo. Nada de livros, de instrumentos, de complicações. Bastam noções essenciaes e simples,

ensinadas no momento favoravel, observadas sobre o terreno. Tudo concreto, terminante, claro, intuitivo e experimental. A's plantas familiares e á producção agricola regional deve limitar-se o ensino distribuindo no tempo em que a propria natureza distribue seu formoso trabalho; que o menino possa confiar á terra a semente, observar a gestação e o crescimento da planta admirar a flor e agradecer o fructo ».

Como se vê, pelo programma esboçado pela primeira aucto-ridade da Provincia, não se trata de converter as escolas de ensino primario, em outras tantas escolas de agricultura, onde se apprenda a arte de agricultor; quer-se sómente despertar e fomentar na creança a sua affeição ás nobres tarefas agricolas, elevar em seu espirito o conceito, da agricultura e combater com o exemplo de paes, parentes ou vizinhos enriquecidos no commercio agricola, a tendencia atávica ás profissões liberaes e os desdem aos trabalhos do campo que exigem callejar as mãos; despertar nella, o orgulho da sua nacionalidade, com o conforto de algarismos que revelem o valor do trabalho do sólo patrio, e do logar que a patria occupa entre as nações do globo pela sua força productora; inculcar nessa creança os principios fundamentaes em que se baseia a arte agronomica por meio de experiencias simples executadas por suas proprias mãos e sob a immediata direcção, e, em resumo, cultivar suas inclinações para a vida do campo, como meio moral, utilitario, são e agra-davel.

Alguns dados estatísticos

A extensão das principaes culturas da Provincia de Cordova apresenta, conforme as ultimas estatísticas, correspondentes ao anno agricola de 1911-12, os seguintes algarismos:

Trigo	2.415.496	hectares
Linho	398.981	»
Milho	421.086	»
Cevada	3.221	»
Aveia	3.569	»
Alfafa	1.967.936	»

	5.210.289	hectares

cujo rendimento, calculado para o trigo, linho e milho, em quintaes, é o seguinte:

Trigo	21.107.011	quintaes
Linho	3.414.543	>
Milho	7.338.373	»

A população, em nucleos coloniaes da Provincia, classificada por familias e por nacionalidades, (anno agricola de 1909-10), apresenta um total de 16.176 familias, das quaes unicamente 2.514 são argentinas, o que representa apenas 15,5 %.

O facto é suggestivo e sufficiente para justificar qualquer iniciativa no sentido de favorecer a maior intervenção dos nacionaes na exploração e aproveitamento da enorme riqueza agricola da Provincia.

Meios de realização

Os programmas das escolas normaes e es que são correspondentes ás escolas normaes livres carecem da disciplina — agricultura, — o que quer dizer que os professores estão isentos, em seu preparo, de conhecimentos de agricultura. Esta é uma defficiencia grave que o—Honorable Consejo de Educación—pretende reparar desde este anno com a inclusão daquella disciplina em seus programmas e a criação de escolas normaes agricolas necessarias.

Para dirigir a orientação agricola do ensino primario, o Poder Ejecutivo criou, a instancia do—Honorable Consejo—uma Secção Technica de Ensino Agricola a cargo de um Engenheiro Agronomo que tem por fim especial habilitar os professores em exercicio no conhecimento das noções que sejam uteis ao ensino, de accordo com as necessidades do meio agricola no logar da escola, para o que, periodicamente, seguindo as epocas dos trabalhos ruraes, remetterá ás escolas, circulares com instruccões, exemplos e noções ou conselhos opportunos.

Essas communicações referir-se-ão especialmente ás seguintes materias: — Arithmetica, Geometria, Botanica, Geographia; Leitura e Economia Domestica.

Em Arithmetica e Geometria, tratar-se-á de familiarizar os alumnos com todos os problemas de immediata utilidade para o agricultor; á medida que os trabalhos agricolas forem sendo realizados em tórno da escola, se resolverão, na aula, com a base de dados numericos exactos todos os casos susceptiveis de se darem na herdade, na lavoura ou na fabrica, e se aproveitará a discussão para pôr em relevo os melhores methodos e processos de cultura, plantação, colheita e venda dos productos; aquisição de machinas, sementes, animaes e gado; trabalho das machinas e dos animaes; discriminação das plantações, calculos de superficie, levantamentos de plantas, cubagens; transformação da materia prima; vantagens dos animaes e insectos uteis, prejuizos das pragas, tratamento das enfermidades; em uma palavra, tudo o que se refere á applicação pratica e imme-

diata, de conformidade com o meio, com o que se conseguirá que a escola seja realmente um prolongamento do lar do educando, desde que este encontre em muitos casos a solução em aula do que é motivo de preocupação em sua casa.

Além das instruções periodicas da Secção Technica, o professor deve aproveitar as noticias e as estatisticas da imprensa diaria em tudo o que se refira ao movimento de productos e transacções agricolas e industriaes, e, muito especialmente, os algarismos que digam respeito ao commercio e producção agricola local, para cujo fim tirará informações nas fontes mais autorizadas e fidedignas.

Os problemas resolvidos em classe serão registrados em um livro apropriado com a enumeração dos conhecimentos agricolas e complementares que os tenham illustrado. Este livro será visado pelos inspectores seccionaes em suas visitas às escolas, e pela Secção Technica.

No ensino da Botanica se aproveitará para fixar os conhecimentos basicos da physiologia vegetal que fundamentam as praticas agricolas, do preparo do solo, plantações, pódas e enxertos, por meio de experiencias simples, feitas em aula e no terreno, para o que os professores receberão, opportunamente, instruções especiaes.

Nas aulas de Geographia deve-se habilitar o alumno em tudo o que seja mais interessante, como conhecimento pratico da zona, do municipio, da provincia, do paiz, em seus meios de vida, de communicacão e de costumes.

Para illustrar as aulas de Geographia, o professor deve auxiliar-se de quadros agricolas do municipio, da provincia e do paiz; de um museu de productos da região, da provincia e da republica; museu em cuja formação devem intervir os alumnos, sollicitando-se a cooperacão dos paes; de leituras descriptivas de paysagens e costumes, de preferencia narrações campestres e agricolas, para o que se destinará uma hora por semana; de excursões ás vizinhanças da cidade e visitas a estabelecimentos agricolas e industriaes.

No ensino da economia domestica tirar-se-á partido da revelação dos recursos de que se póde lançar mão sem grande capital e só baseado no espirito economico e industrial, e tambem se accentuarão os meios ao alcance do habitante do campo em contraposição aos do da cidade, aproveitando, de passagem, a opportunidade para dar á criança uma serie de noticias sobre as pequenas industrias de um sitio: avicultura, apicultura, aproveitamento do porco, do leite, cultivo da hortaliça etc.

A orientação agrícola dentro dos meios de applicação acima expostos, será dada, tanto no ensino dos meninos, como no das meninas.

Campo de demonstração e cultura

Todas as escolas devem tratar de ter um pequeno campo de cultura, seja no proprio estabelecimento, quando o local o permitta, ou nas suas proximidades, requisitando-o das aucto-ridades ou dos vizinhos.

A extensão do campo de cultura poderá variar de um a dez ares, que reputamos o maximo sufficiente para aquellas escolas, cuja matricula numerosa assim o exija.

No campo de cultura se farão as experiencias a que nos referimos aos nos occuparmos do ensino de Botanica. Ahi se demonstrará a influencia da luz, do calor, do arêjamento, da humidade e dos adubos, sobre a vida vegetal; se observará a germinação e se praticarão todos os meios de multiplicação das plantas.

Tambem se estabelecerá em um espaço de pequenas proporções um mostruario das principaes variedades de culturas da zona para que os alumnos se familiarizem com o conhecimento das plantas e seu desenvolvimento; bastará para isso dar um metro quadrado de superficie a cada producção representada nesse espaço; deve estabelecer-se um canteiro para hortaliças mais communs, cuja colheita poderá ser distribuida entre os alumnos ou ser vendida com o proposito de lhes demonstrar o valor em dinheiro do seu trabalho, e, portanto, da sua importancia utilitaria.

Para a installação dos campos de demonstração e cultura deve solicitar-se a cooperação dos paes dos alumnos, sob a fórma de dadivas de ferramentas, instrumentos e sementes.

A Secção Technica remetterá proximamente projectos de campos de demonstração, determinando pormenores e ao mesmo tempo dará instrucções para a sua installação e cultivo.

Excursões

Assim como na escola os trabalhos agricolas se realizarão com o proposito que temos definido, sendo necessario explicar aos alumnos o modo porque elles se executam na pratica, para o que o professor organizará excursões aos estabelecimentos proximos á escola.

Estas excursões serão objecto de uma regulamentação especial, para lhes assegurar os resultados.

Museu agrícola escolar

A instituição do museu é um complemento precioso para o ensino, si elle fôr formado judiciosamente. Convem evitar a collecção de objectos ou productos raros e curiosos, defeituosos ou inuteis; ter-se-á sempre presente que os materiaes do museu devem servir para objectivar as licções, e, por consequencia, se attenderá a que cada objecto tenha sua oportunidade de ser apresentado em aula: aquelle que não satisfaz este proposito deve rejeitar-se, sem outra consideração.

O museu será constituído, principalmente, de collecções de sementes e de producções, mostruarios de plantas atacadas de enfermidades, quadros das diversas especies de enxertos, herbarios etc.

Na formação do museu, como dissemos anteriormente, deve-se permittir aos paes das crianças a intervenção que naturalmente lhes compete, sollicitando-se seu auxilio, do modo pelo qual o professor julgue conveniente.

Commemorações

Ha tres datas importantes na vida das escolas da Provincia: a inauguração das aulas, o fim do primeiro periodo escolar e os exames de fim de anno.

As tres datas serão motivo de commemorações agricolas: a inauguração das aulas, do «dia da flor»; o fim do primeiro periodo de ensino, do «dia da arvore», e o fim do anno, da «festa da espiga».

O «dia da flor» dará motivo a um concurso de floricultura. Para preparar este concurso, no fim do anno escolar precedente, se distribuirão entre os alumnos sementes de flores da estação, para que as cultivem em suas casas, durante a época das férias, entregando-lhes, ao mesmo tempo, instrucções para seu cultivo.

O «dia da flor», coincidindo com a abertura das aulas, symbolizará a esperança de uma profiqua colheita de conhecimentos.

O «dia da arvore» se festejará ao terminar o primeiro periodo do ensino, ou seja em um dia da segunda quinzena de julho, com o que teremos uma data agricola mais apropriada da que se vem adoptando em annos anteriores.

A «festa da espiga», reservada para o fim do anno, constituirá uma commemoração symbolica, que patenteará o aproveitamento escolar do anno que se finda.

Para essas commemorações a Secção Technica delineará programmas e proporcionará elementos, e o «Honorable Consejo» organizará concursos de cantos e de jogos escolares para cada uma dessas commemorações.

Tal é, a grandes traços, o plano de orientação agricola que o «Consejo de Educacion de la Provincia» se propõe realizar com a cooperação entusiasta dos professores e dos paes dos alumnos.

O «Honorable Consejo» julga assegurado o êxito dessas commissões, pois, sem duvida, seus membros pensarão patrioticamente com o primeiro magistrado, que: «A vida nacional é a vida das nossas industrias ruraes, e que não preparar a criança para comprehendel-as, servil-as e amal-as, não é preparal-as para a vida nacional.»

Aos Professores

Este programma de orientação será lido em cada escola, em acto publico, convidando-se préviamente os vizinhos, com o fim de constituir para cada estabelecimento uma commissão de tres ou mais cidadãos, com o proposito de alcançarem, de accôrdo com o professor, os recursos necessarios á realização desses fins. Constituida a Commissão, communicar-se-á immediatamente á Direcção Geral.

Eng. Agronomo Joaquim J.
Barneda.

~~~~~  
Orientação Agrícola no En-  
sino Primario.





## Introducción

*A pedagogia não será realmente uma sciencia sinão quando pudér acompañar a propria natureza.*

J. F. ELSLANDER — (*La Escuela Nueva*).

E' o momento de todas as iniciativas em relação ao ensino. Uns, impressionados pelos algarismos acabrunhadores da recente estatística, que accusa elevada porcentagem de analfabetos em todo o Paiz, reclamam a multiplicação de escolas primarias; outros, analysando os característicos de nosso ensino primario, acham que elle é em geral apropriado para todo o mundo e alheio, em particular ás nossas necessidades praticas; outros, levados pelo seu entusiasmo, esquecem-se do caracter e extensão desse ensino e projectam transformal-o em commercial e technico; outros, não satisfeitos com a educação primaria e secundaria, as fraccionam e apresentam um terceiro typo intermedio para realizar o ideal americano: — que as noções passem das mãos á cabeça; outros levam suas reformas até a Universidade, quebram os moldes classicos e criam um centro de cultura technica, á similhaça dos muitos que existem na grande Republica norte-americana... O ambiente é propicio a toda innovação, a consciencia feita de que a orientação de nosso ensino, em geral, é deficiente, e as iniciativas succedem-se e são acolhidas como satisfazendo uma necessidade.

Em cada Estado argentino, governantes, pensadores e professores, esporadicamente, excursionam pelo campo do ensino, sabem que ahí é necessario um novo leito que permitta ao limo fecundante se extender sobre as areias da vida, não cahindo na valla hostile e funesta do dogmatismo verbalista e theorico, que sómente se dirige á intelligencia, que paralysa o exercicio do proprio pensamento e se torna inflexivel como o crystal em seu doutrinarmto, e que, como o crystal, se esphacela e pulveriza nos embates da vida pratica, a que é alheio por falta de flexibilidade e de adaptabilidade; dogmatismo vasado num molde mechanic da memoria dos textos, producto de parasitismo intellectual, nivelador de intelligencias, que faz do mestre a primeira victima—soffredora da necessidade absoluta das muletas de um programma — incapaz de investigar racionalmente o phe-



nomeno mais simples da natureza, ou de resolver por si proprio uma difficuldade pratica, da vida diaria.

E' que a nossa escola primaria, que deve procurar o desenvolvimento integral e harmonico das faculdades da criança, em vez de fazel-o dentro do exercicio dessas mesmas faculdades, no meio em que vive, a subtrae do meio natural, encerra-a entre as quatro paredes de uma sala, e obriga-as, conseguintemente, a substituir os recursos naturaes com invenções mais ou menos engenhosas que se catalogam nisso que se chama a arte da methodologia.

A criança, dentro da mechanica de tal arte, converte-se em mais uma peça; a fabrica, que é a escola, é para ella um ambiente unico, que não encontra fóra dahi naquelle momento e nem encontrará jámais na vida. E essa circumstancia actúa nella no momento mais delicado de sua existencia, quando, precisamente, as impressões que seu espirito em formação recebe, são mais fortes e indeleveis. Entre as quatro paredes da escola, ouve, diariamente, falar de uma infinidade de coisas que não são usuaes, nem em sua casa, nem no meio em que vive, e a sua intelligencia é impressionada como se fosse um disco sensível de phonographo. Passa o periodo escolar e, quando o momento de lançar mão das noções adquiridas, ai! delle se não quebra o disco e se torna independente do circulo do seu verbalismo tyrannico!..

Para vencer na vida é preciso aprender na vida. Por isso não é raro nem reprehendente encontrar que o menos apto na escola, aquelle elemento perturbador que não soube sujeitar-se á violencia physica de quatro horas nos bancos nem á violencia mental de encaminhar a sua intelligencia dentro dos moldes de um programma, acabe sendo um triumphador, ao passo que o alumno, modelo de disciplina e de applicação, esperanza dos seus e dos extranhos, perambula com a sua sapiencia pelos escriptorios e repartições publicas, eterno repetidor mental das concepções e da experiencia alheia.

Esta molestia, bem definida e conhecida, producto da orientação educativa, não nos é propria, tem corroido o character e continúa corroendo naquelles paizes em que, como o nosso, se inspiraram o seu plano de educação nos systemas classicos. A reacção já se vem operando lenta, porém, seguramente; o que até hontem não era sinão o sonho dos philosophos e pensadores. — a preparação para a vida, na propria vida — hoje, em muitos paizes, vae-se convertendo em realidade positiva, a escola vae deixando de ser a casa rigorista enquadrada em suas formulas, para se transformar em um organismo vivo, sujeito ás



mesmas variantes e condições do ambiente moral e material que a rodeia.

Congressos e academias se vêm pronunciando com unanimidade suggestiva em favor da mais intensa acção pratica no ensino, pratica que se deve traduzir na instrucção primaria por uma maior compenetração das necessidades do meio em que a escola funciona.

Cada zona, cada região deve ter sua escola, que satisfaça as exigencias da vida local. Ter para toda a população escolar um unico padrão, tem sido e será sempre um erro grave. A população de uma zona mineira, de uma zona agricola, industrial ou de criação, carece de escola em que se ensinem assumptos referentes a seus problemas diarios, não tanto para que os educandos sejam amanha mineiros, agricultores, industriaes ou criadores, como para que apprendam a observar e ler no grande livro das actividades humanas.

O ensino estabelecido sobre essas bases adquire uma vivacidade e interesse que não lhe offerecem, sem duvida, o formalismo nem a mnemotechnica, e o professor deixa de ser o individuo indifferente ás necessidades do meio, que elle não sente, por estar a coberto dessas necessidades que não o commovem em sua tarefa mechanica e diaria de encaixar a vida mental de seus educandos no molde adoptado para todos os climas, para todas as regiões, para todas as circumstancias.

Entre nós, se offerece a particularidade de que, emquanto a lei nacional de ensino primario indica em seu artigo 6.º,—que define o *minimum* de instrucção obrigatoria — as noções de agricultura e pecuaria nas escolas rurais, e em seu artigo 7.º, prescreve que o ensino das materias que comprehende o *minimum* devem desenvolver-se convenientemente *segundo as necessidades do paiz*, nas escolas normaes formadoras do pessoal de ensino, faltam os conhecimentos agricolas e de pecuaria e o ensino adquire tinturas scientificas e literarias que não correspondem á nossa vida material.

Como, pois, sanar deficiencias de orientação tão graves que afasta a escola das condições que nos são proprias e que lhe dariam verdadeiro caracter nacional?

Este é o thema de nosso trabalho, resultado, não de um preparo especial e de erudição, sinão de uma intenção san e patriótica.

---



## A Escola Primaria e a Agricultura

Ha algum tempo, em um projecto de orientação agricola para o ensino primario, (1) esboçamos ligeiramente as razões do porquê, a nosso ver, não existe tradição agricola entre nós. Diziamos, entre outras cousas, que a falta de tradição origina-

(1) Approvado e posto em execução na provincia de Córdova pelo seguinte decreto :

Decreto n. 5.814 — Série A.

Departamento do Governo.

Córdova, Julho 29 de 1915.

Visto o expediente relativo á orientação agricola do ensino primario, e, Considerando :

Que o projecto apresentado pelo Consultor Technico de Ensino Agricola, Engenheiro Agronomo Joaquim J. Barneda, póde implantar-se immediatamente nas escolas primarias por não acarretar modificações aos programmas e horarios em vigor e correspondendo á necessidade de habilitar os professores em exercicios com noções agricolas e processos de orientação relativos á agricultura e seu ensino ;

Que esse projecto não é um obstaculo ao desenvolvimento de qualquer outro que se possa projectar no sentido de um preparo mais completo do professor em materia agricola.

O Governador da Provincia,

Decreta :

Artigo 1.º — Fica approved e posto em execução, em todas as suas partes, o projecto de orientação agricola no ensino primario, apresentado pelo Consultor Technico de Ensino Agricola, Engenheiro Agronomo Joaquim J. Barneda.

Artigo 2.º — Imprima-se em folheto o referido projecto, em numero de mil exemplares, para os effeitos que no mesmo se contém, devendo esta despesa ser feita com « Sobras » do Conselho de Educação.

Artigo 3.º — Publique-se e communique-se a quem corresponda e volte esta á Direcção Geral das Escolas, para os seus effeitos.

( a. a. ) CÁRCANO.

J. Cesar.



va-se do menosprezo, ou melhor, do preconceito herdado de nossos maiores em relação ao trabalho agrícola e por analogia aos trabalhos manuaes, que se julgam proprios de pessoas de humilde condição, preconceito que traz como consequencia que o agricultor, quando enriquece, somente em seus filhos toda a especie de inclinações para a vida das cidades como o meio de elevação social, o que redundava em afastar da lavoura os melhores e mais aptos elementos, aquelles que por seus antecedentes poderiam ser propulsores habéis da agricultura, que por esse motivo repousa permanentemente sobre o braço immigrante são e forte, carecendo, porém, ordinariamente, da aptidão necessaria para a pratica da industria agricola, ou, pelo menos, da industria nas condições nacionaes.

Para remediar este inconveniente, prejudicial aos interesses agricolas do Paiz, o unico meio seguro e de verdadeiros resultados é o ensino primario que, como formador do futuro cidadão, deve possuir, em germen, todas as orientações positivas e que sejam uma esperança nacional. E' da escola que deve nascer a tradição agricola com o prestigio do trabalho rural e com o orgulho da nacionalidade, a base do logar preponderante conquistado pela Patria entre as nações productoras do planeta.

Além di so, os factores economicos de nossas industrias principaes se modificam cada vez mais com o accentuado progresso dos meios de producção; as sciencias applicadas á agricultura melhoram, dia a dia, os productos nos paizes mais adeantados do que o nosso e lhes facilitam a concorrência.

Hoje não basta levar a criação aos campos, espalhar a semente, exprimer a uva, coalhar o leite..., a vulgarização dos principios scientificos, o aperfeiçoamento das machinas, a acção social e dos governos, pesam de mais, para poder triumphar com os meios primitivos e rotineiros que acabam por fazer da agricultura, que é a sciencia da previsão por excellencia, um simples jogo de especulação, a mais aleatoria das industrias.

Ha que combater a rotina agricola, evidenciando desde o ensino primario que a agricultura descança inteiramente sobre a sciencia, desde que a arte agricola põe em contribuição a physica, a chimica, a zoologia, a botanica, a geologia, a mineralogia, as mathematicas, a bacteriologia, a hygiene, a economia politica, o direito, sendo a agricultura, como arte, a mais humana, e, como sciencia, a mais complexa, visto que se utiliza de todas e que, graças a essa contribuição, o commercio e a exploração dos campos, das aguas, da criação do gado, das industrias extractivas e de fermentação, da exploração de bosques, piscicultura, de lacticinios, da obtenção e da elaboração de fructas e legumes, da producção dos adubos etc., tem-se podido



determinar em fórmulas precisas e desenvolver-se, amparadas pela legislação e pelo crédito, de conformidade com o progresso maravilhoso que caracteriza todas as manifestações da actividade humana neste último meio século.

Compete á escola, pois, levantar o prestígio da profissão agrícola, pondo em relevo que é um trabalho de intensa intellectualidade, e despertar nas crianças a afeição aos trabalhos rurais, respeitando e admirando os vizinhos e parentes que com o arado têm escripto e continuam escrevendo as paginas fecundas da historia da prosperidade nacional.

Será uma nova campanha de nacionalismo, positiva e attraente, campanha que interessará igualmente ao mestre, pela maior amplitude dos seus horizontes no ensino, que ampliará os limites da casa-escola, e ao pae de familia, que encontrará nos novos conhecimentos dados a seus filhos um thema de actualidade para os commentarios da tarefa diaria, muito a miude de accordo com as suas proprias inclinações e preoccupações. O lar e a escola terão, assim, um ponto de contacto e a orientação agrícola constituirá entre nós mais um passo a nos approximar do ideal da « escola para a vida ».

Não temos a pretensão de resolver pela escola primaria o problema agrario, como algum commentador do nosso projecto, em sua oportunidade nos observou, mas temos a convicção, que contribuiríamos para a sua solução dignificando desde o ensino primario a arte agrícola, como fazem, desde muitas décadas, as nações europeas e americanas, que encontraram na educação um meio de combater o abandono da lavoura.

---



## Lugar da Agricultura no Ensino Primario

Embora não haja discrepância sobre a necessidade de que em nosso paiz todos os cidadãos possúam algumas noções de conhecimentos agricolas, desde que directa ou indirectamente o bem estar de cada um está subordinado ao progresso das principaes industrias, pela sua preponderancia na fortuna publica, não ha entre nossos reformistas accôrdo em definir a extensão e o caracter das noções de agricultura a dar na escola primaria.

São, sem duvida, bem notorios os factores que determinam sua limitação e que especificam as suas condições.

Em primeiro logar, sendo a agricultura uma arte de applicação variavel, segundo as circunstances do meio e cuja observação exige um gráu de intelligencia que as crianças, na idade escolar, não possuem, não se póde pretender que ellas cheguem a adquirir na escola a technica de nenhuma das especialidades agricolas. Peccam por isso os projectos que incluem no ensino da agricultura a horticultura, a arboricultura, as industrias ruraes, a criação, e até a contabilidade agricola, nos diversos annos da escola primaria.

O conhecimento theorico dessas mesmas especialidades constituiria mais um impecilho na pesada bagagem do dogmatismo imperante.

A escola primaria não póle ser convertida em escola agricola sem perder seu caracter de extensão, nem tampouco o seu fim de preparar agricultores.

Além disso, um ensino tecnico qualquer, na escola primaria, obrigaría a que o professor fosse um especialista. Já fizemos sentir que os conhecimentos agricolas faltam nas escolas normaes, pelo que o professor, sem outro preparo, não está habilitado a ministrá-los theorica, e ainda menos, praticamente. Emquanto não se criam estabelecimentos especiaes para o preparo dos professores em agricultura, e, não se modifica a orientação actual do ensino normal, deve-se ter em conta, muito especialmente, esta circumstancia de effeitos todos negativos para o ensino da agricultura.

Como, pois, intervirá a escola primaria para firmar o prestigio das profissões agricolas sob a pressão de condições adversas á idade do educando e á falta de preparo dos professores que torna impossivel o ensino da agricultura ?



Como poderão os professores cultivar e desenvolver nas crianças a afeição pela vida agrícola, cujos recursos desconhecem ?

Este é o momento de precisarmos o que denominamos — orientação agrícola do ensino primario — cuja realização não carece de um professor especializado, nem obriga a escola a dar cursos que não interessam aos educandos, os quaes ainda não estão nas condições de adquiril-os.

## A Orientação Agrícola

Synthetizemos com Lonay ( 1 ) :

« Enunciaremos, talvez, bem o nosso pensamento, dizendo que é conveniente e é bastante que a atmospherã das nossas escolas ruraes seja agrícola, porém hygienicamsnte agrícola ; que impere ahí um ambiente que desenvolva nos alumnos o sentimento da nobreza do trabalho agrícola, das alegrias da vida rural, do grande resultado da agricultura progressista sustentada pelas instituições agrícolas de toda especie. Formemos na escola primaria lavradores instruidos, educados, orgulhosos e amantes da sua condição, indicando-lhes, para isso, a grande perspectiva e o grande futuro aberto á agricultura, pela sciencia ».

« Por isso, todo o ensino e toda a educação devem estar impregnados de noções que correspondam ás necessidades sociaes e economicas da população rural : assim, parece, deve entender-se o que se póde chamar o ensino agrícola na escola primaria . »

« O ensino agrícola, assim entendido, nós o designamos pelo nome de orientação agrícola.

As disciplinas susceptiveis de « impregnar-se », de orientar-se, em relação á agricultura são as que chamaremos praticas : leitura, exercicios de redação, arithmetica, geometria, licções de coisas, e sobre a natureza, geographia, economia domestica, desenho, contas e jogos.

De conformidade com essa orientação, seriam organizados os museus escolares, as bibliothecas em relação a assumptos ruraes, as excursões a estabelecimentos agrícolas, feiras e exposições, as commemorações, os ensaios de cultura e de experiencias na escola.

Não nos demoraremos sobre a importancia da leitura e dos exercicios de redação, como meios de ministrar conhecimentos,

---

(1) A Lonay *L' enseignement agricole á l' école primaire*. Gand, Van Dorselaere. 1909.



um para adquiril-os, os outros para fixal-os no espirito do educando ; são esses os recursos de que o professor ordinariamente se utiliza sabiamente, como meio de educação e de ensino. No entanto, seria procedente uma revisão dos textos de leituta sob o ponto de vista da orientação e que os professores déssem entrada nos annos superiores ás revistas agricolas illustradas, ao jornal e ao livro sobre assumptos ruraes de facil e animada leitura. Em compensação, vamos indicar a fórmula em que as outras disciplinas podem concorrer para o fim de uma boa orientação agricola.

-- Em arithmetica e geometria, por exemplo, tratar-se-á de familiarizar os alumnos com todos aquelles problemas de utilidade immediata para o agricultor. A' medida que os trabalhos agricolas fossem sendo realizados na zona em que estiver localizada a escola, se resolveriam em classe, com a base de dados numericos exactos todos os problemas susceptiveis de apresentar-se na fazenda, na chacara ou na fabrica, e se aproveitaria a discussão do resultado obtido para pôr em relevo os melhores methodos e processos no preparo dos campos, na plantação, nas colheitas, na venda dos productos ; aquisição de machinas, sementes, ferramentas e animaes ; trabalho das machinas ou animaes ; disposição das plantações, calculos de superficie, levantamento de plantas, cubagens ; transformação da materia prima ; vantagens dos animaes, insectos uteis, prejuizo das pragas, sua destruição, curas das enfermidades das plantas, em uma palavra, tudo o que fosse de applicação facil e immediata ás circumstancias do meio agricola, com o que se conseguiria que a escola rural fosse realmente um prolongamento do lar do educando, onde elle encontraria em muitas occasiões a solução em aula das questões que o preoccupassem em sua propria casa.

Já tivemos oportunidade de assistir a cursos de mathematica, realizados em escolas normaes, cursos que se poderiam classificar, uns, de mathematica pura, e outros, de mathematica recreativa.

No primeiro caso, os problemas se reduzem a especulações numericas, têm toda a aridez dos algarismos abstractos, sem que os vivifique o colorido de uma necessidade a resolver. No segundo, os assumptos que demandam uma solução, apresentam-se como adivinhações ou quebra-cabeças, divertidos sem duvida, porém alheios á orientação que o alumno-mestre deve ter da mathematica na escola primaria.

Conhecemos mais de una escola normal, das que são chamadas ruraes unicamente pela sua collocação, que preparam os seus alumnos-mestres com problemas como este :



« Uma pobre mulher que levava ao mercado uma cêsta com óvos, foi, involuntariamente atropellada por um transeunte, que a fez cahir e quebrar toda a sua mercadoria; o transeunte desejando reparar o damno causado, pergunta á mulher quantos óvos carregava, ella responde que não sabe; lembra-se, porém, que, contando-os de dois em dois, de tres em tres, de quatro em quatro, de cinco em cinco e de seis em seis, sobravam sempre alguns, e que, contando-os de sete em sete, não sobrava nenhum: com essa base, calcular o numero de óvos que a mulher trazia ao mercado. »

Problemas como este, que, accidentalmente e como um descanço poderiam ser acceitos em um curso de mathematicas, eram os problemas diarios, e professores e discipulos rivalizavam nas proposições de taes adivinhações...

— Para a orientação agricola na escola primaria actual, sem professor apto em agricultura, torna se necessario nos Conselhos de Educação uma repartição technico-agricola que periodicamente forneça aos professores, por meio de boletins ou circulares, toda a especie de suggestões, dados estatisticos, noticias e instrucções a respeito do movimento agricola da zona em que está installada a escola. Dessa fórmula, o alumno poderá, dentro e fóra da escola, viver em um ambiente agrario e os assumptos tratados em classe serão a consequencia das necessidades locais.

Assim, por exemplo, si a escola estiver situada em uma zona de cereaes, os problemas de classe, em vez de obedecerem ao eterno estribilho — de « João comprou de Pedro », se poderia dizer: si é occasião da plantação, com os algarismos correspondentes ao numero de kilos a semear por hectare e com o resultado das experiencias das instituições agricolas sobre a variedades de milho, para fazer sobresair as variedades mais convenientes ou com a extensão e valor de uma plantação empregando para ella semeadoras differentes ou com os algarismos que indiquem a preparação e o preço da calda bordaleza necessaria para a lavagem prévia da semente, ou com os dados do preço do milho na localidade e nos outros mercados, ou com o numero de pés contidos em cada hectare, de conformidade com a distancia das linhas na plantação e das linhas entre si etc.; ou, então, na oportunidade dos trabalhos de cultura, colheita, conservação e venda do producto.

Parallelamente ao que podemos chamar a mathematica do plantador, em geographia, por exemplo, ensinar-se-ia a área em que se produz milho, em correlação com o clima e a terra, a extensão da cultura na fazenda, na provincia e na republica, a importancia do commercio mundial do milho e o peso ou importancia da nossa producção na balança commercial do mundo;



em desenho, dar-se iam os esboços graphicos indicando a estatistica correspondente a esses mesmos algarismos e se objectivariam com a folha, a planta, a espiga ; e em botanica, acompanhar-se ia o processo da sua germinação, seu desenvolvimento e seu cultivo com o estudo das suas necessidades biologicas nas parcellas correspondentes da plantação da escola ; em economia domestica, detalhar-se iam as multiplas fórmas da utilização do milho na economia rural, economia que não termina no liminar da casa, sinão que se estende até o forno, a horta, o galinheiro, a colmeia, o chiqueiro. . . ; no museu, colleccionar-se iam espigas de milho de distinctas procedencias e variedades, espigas hybridas, chôchas, ou doentes, e abi acharia o alumno a explicação succinta das causas e dos meios de remedial-as ou cural-as ; nas excursões visitar-se iam, periodicamente ou na occasião da colheita, as plantações, os paiões, as fabricas de farinha ou mais productos do milho, as feiras e exposições em que elle fosse exhibido, e nos jogos e nos cantos procurar-se iam assumptos que lembrassem as alegrias e efolgares da vida rural.

— A geographia, arida é indigesta tal como ella é ensinada commumente, cheia de informações sobre a altimetria, geodesia ou hydrographia que pouco ou nada explicam á imaginação das crianças, e que são de tão relativa utilidade, que ninguem se lembra dellas e que até o proprio mestre para ensinal-as se vê obrigado, a cada passo, a recorrer aos textos e transmittil-as aos alumnos — « a martello » — para esquecel-as logo, a geographia é uma das disciplinas mais apropriadas para elevar o conceito da agricultuta com a descripção animada dos meios de vida, de communicações e de costumes da familia argentina, pelo que o educando, habilitado pelo conhecimento da região, do municipio, da provincia e do paiz, ficará convencido de que a exploração do solo e o aproveitamento de suas producções, são as bases mais seguras e firmes da independencia economica da patria.

Em vez de uma longa exposição dos nascentes do rio Paraná, por exemplo, da direcção do seu curso, dos kilometros que percorre e dos caracteristicos de suas costas, quanto mais interessante e util não seria a exposição e descripção de uma viagem a bordo de um navio, com escalas pela successão dos seus portos, descrevendo a importancia dellas e numerando os productos do seu inter-cambio? Uma collecção de cartões postaes com photographia das margens e uma visita ao museu da escola, onde o alumno encontre amostras das principaes madeiras da região ; algodão, fumo, herva-matte, canna de assucar e outros productos tropicaes ; milho, trigo, linho e demais cereaes e productos do littoral ; trabalhos em vime, em alamo, em salgueiro, e fructos de suas margens, dirão muito mais á criança, de uma



maneira indelevel, a importancia dessa via fluvial, que canaliza as riquezas de uma tão grande extensão de nossa terra.

— Em botanica, aproveitar-se-ia para dar a criança, as noções basicas da agricultura racional, por meio de uma série de experiencias simples, sobre os phenomenos da germinação, da respiração, da assimillação, da fructificação etc., conhecimentos difficeis de adquirir fóra da escola e que, no emtanto, são os fundamentos de todas as praticas de altura, visto que o exito do agricultor consciente basea-se em satisfazer, dentro de seus meios de acção, as exigencias biologicas das suas culturas.

As experiencias vegetativas poderiam realizar-se, umas, dentro da aula, e outras, no campo de experiencias da escola, e os professores receberiam, em cada caso, instrucções precisas da repartição technica para o seu desenvolvimento e execuçãc.

— Em economia domestica, tirar-se-ia partido da revelação dos recursos de que se póde lançar mão sem capital e sómente baseado em um trabalho economico e industrial, o homem da lavoura em opposição ao da cidade, dando-se á criança nessa occasião um conjuncto de noções a respeito das pequenas industrias na lavoura, avicultura, apicultura, criação, aproveitamento do leite e cultura de hortaliças etc.

— A instituição do museu escolar é um complemento precioso para o ensino, ai elle é formado judiciosamente. Si se tiver em conta que os seus materiaes devem servir para objectivar o ensino das classes e os que não satisfaçam essa condição devem ser postos de lado, sem outra consideração, deixando-se de colleccionar objectos curiosos, defeituosos ou inuteis.

Para os fins da orientação agricola, o museu escolar deve ser formado principalmente com amostras de productos e de sementes, desenhos de doenças das plantas, das raças de criação, de aves, de machinas, quadros de enxertos, herbarios etc.

O que puder ser visto e conseguido em seu estado natural, não deve ser substituido com representações no museu escolar; mais vale para exercitar as faculdades da criança a observação directa do objecto em seu meio natural ou em seu movimento.

Na installação do museu escolar dar-se-á aos paes, a intervenção natural que lhes compete, recorrendo, além disso, ao commercio agricola e ás instituições agrarias locais, provinciaes ou nacionaes, compefindo á repartição technica orientar a permuta dos objectos entre as diversas escolas.

— As excursões, tão agradaveis ás crianças, por isso que nellas o seu horizonte visual vae além das quatro paredes da sala de aula e seu horizonte intellectual liberta-se do circulo das palavras e se expande sobre as cousas e a natureza, as excursões, estudando-as préviamente com habilidade em seus propositos e



preparando-as com habilidade em seus meios, offerecem riquissimo manancial de estudo e variadissima gymnastica intellectual. Poderiamos dizer que proporcionam ás crianças as alegrias de um dia festivo e os beneficios de um exercicio hygienico, mental e physico.

Não é a excursão em fórma de passeio o que nós preconizamos, nem a excursão em caravanas, em que os alumnos em largas filas, dois a dois, visitam uma sala de exposição, um jardim, uma fabrica, sob a vigilancia dos professores que estrategicamente distribuidos ao longo das linhas só se preocupam com a correcção, a ordem e a distancia entre as crianças; estas excursões são uma tortura para os mestres e discipulos, as quatro paredes da escola foram substituidas pelo rigor da disciplina e os professores só desejam se refugiar de novo na escola, para tomar a seus commodos sem a violencia da incessante vigilancia e sem a desagradavel impressão de que estão servindo de objecto de curiosidade perante o publico.

Em compensação, quanto proveito não se conseguiria em beneficio de todos, si, em lugar da sahida dos alumnos em massa, as excursões fossem feitas pelos diversos annos, seleccionando ainda, os alumnos, de conformidade com sua applicação e comportamento durante a semana, que elles tivessem certeza, com o auxilio de uma ou varias prelecções previamente feitas, do objectivo da excursão e da obrigação consequente de expôr nos cadernos escolares o resumo de suas observações!

No ensino, as excursões não devem ser uma improvisação e sim um meio pratico de completar o ensino das disciplinas, de conformidade com a methodologia escolar e com os recursos naturaes que a vida offerece em torno da escola e com os recursos que lhe possam ser uteis.

Para os fins da orientação agricola o programma das excursões seria preenchido com visitas ás fazendas, chacaras, jardins, leitarias, engenhos de canna, estabelecimentos de machinas de beneficiar arroz, café etc, feiras, exposições, e aos campos de cultura das outras escolas.

— Os campos escolares de cultivo e experiencias offerecem ao professor o meio mais favoravel para desenvolver nas crianças a observação, o espirito de investigação exercitando-as, nos raciocinios e na formação de suas idéas.

A criação do campo escolar de experiencias não deve ter por fim a apprendizagem pratica da cultura, porém, deve ser um mosaico das culturas regionaes e um quadro de ensaios vegetativos que demonstrem os principios fundamentaes da vida vegetal, para familiarizar os alumnos com o conhecimento das plantas cultivadas na região e para lhes revelar as exigencias



da vida das plantas e os processos agricolas que derivam dessas mesmas exigencias.

O campo escolar de experiencias é o meio pratico para os professores dar a *razão do porquê* de innumeraveis phenomenos naturaes e dos trabalhos agricolas cu, o que é o mesmo, da acção do homem sobre a natureza, e em cuja investigação pôde pôr em actividade todas as faculdades da criança.

Em outros paizes, Estados Unidos, França, Belgica, Inglaterra, os campos escolares de experiencias utilizam-se, além disso, para pôr em relevo os beneficios da associação para cujo effeito estimulam a formação de pequenas associações de mutualidade entre as crianças para o cultivo e aproveitamento commum das produções parciaes.

Na França, por exemplo, na região do Loire e dos Voges as escolas têm multiplicado as mutuas florestaes em terrenos doados por vizinhos generosos ou pelas Communas e a produção dos viveiros, repartida proporcionalmente entre os alumnos constitue a « bolsa de retirada », ao sair da escola, quando terminado o curso.

No Franco Condado ha mais de duzentas pequenas associações escolares denominadas — *societates pastoris florestaes* — que em poucos annos plantaram, sob a direcção de seus professores mais de dois milhões de arvores em terrenos das Communas. (1)

A parcella do cultivo individual provoca no educando a consciencia de sua responsabilidade, e a collectiva o inicia nas vantagens da associação.

— A bibliotheca agricola é outro meio pratico de orientação ou de ensino da agricultura na escola primaria, nos paizes que possuem publicações agricolas especiaes para as crianças.

Entre nós, a bibliotheca agricola escolar seria difficil de estabelecer, pela escassa bibliographia argentina em materia de industrias agrarias e pela pouca ou nenhuma attenção prestada á necessidade de dar á criança noções de agricultura.

A bibliotheca escolar, no emtanto, se poderia ir formando com as publicações gratuitas que o Ministerio da Agricultura offerece aos lavradores, com as revistas illustradas agricolas, com as paginas ou artigos sobre assumptos ruraes, tambem illustrados, de revistas e jornaes em geral, e com os poucos bons livros de narrações campestres da litteratura nacional.

Facultando aos alumnos, para serem estudados e lidos em suas casas os exemplares dessa bibliotheca, chegar-se-ia a esta-

---

(1) *Manuel de l'arbre*. Publicação do « Touring Club », França.



belecer, indirectamente, um meio de progresso regional agricola, desde que esses escriptos fossem lidos provavelmente pelos paes e pelas familias dos proprios alumnos.

— As commemorações agricolas são outro meio educativo de que lançar mão, para o maior prestigio dos trabalhos agrarios.

Em nosso plano de orientação agricola para a escola primaria de Cordova, estabelecemos tres commemorações annuaes, correspondentes ás tres datas que enquadram a vida escolar da provincia : a inauguração dos cursos, o primeiro termo do ensino, e os exames de fim de anno.

Essas tres datas dariam motivo a festivacs agricolas : a inauguração dos cursos, ao « dia da flôr » ; o primeiro termo de ensino ao « dia da arvore », e o fim do anno á « festa da espiga ».

O « dia da flôr » daria logar a um concurso de floricultura. Para preparar esse concurso, do anno escolar precedente, distribuir-se-iam ás crianças, sementes de flôres da estação, para que as cultivassem em suas casas durante as ferias, dando-lhes, ao mesmo tempo, instrucções para seu cultivo. O dia da flôr, coincidindo com a abertura das aulas, symbolizaria a esperança de uma colheita proficua de conhecimentos na escola.

O « dia da arvore » festejando a terminação do primeiro periodo escolar, em um dia da segunda quinzena de julho, teria data agricola mais apropriada do que a que tem sido até agora determinada.

A « festa da espiga », reservada para o encerramento das aulas, constituiria outra commemoração symbolica, indicando o aproveitamento do anno escolar que se finda.

Por meio de concursos se adptariam cantos e jogos apropriados a essas commemorações.

Tal seria, a nosso vêr, o plano de orientação agricola no ensino primario, realizavel com os professores actuaes sob a superintendencia de uma repartição technica central, a cargo de engenheiros agronomos, que, por motivos bem visiveis, deveriam tambem ser professores.

A repartição technica viria estabelecer, em realidade, um curso extensivo de agricultura por meio de correspondencia, facilitando aos professores todas as informações necessarias á sua orientação. Serviria, tambem, para pôr em contacto o professorado com a massa productora do paiz, organizando questionarios de interesse agricola, conferencias sobre agricultura nas escolas e concursos inter-escolares dos productos de cada zona. Tambem corresponderia a essa repartição technica, a organização de commissões locaes que se dedicassem ao commercio agricola, e cuja designação seria feita sob proposta dos conselhos escolares.



Cumpriria ás commissões locais angariar os recursos e os meios de acção para o desenvolvimento do plano de orientação agricola ; seriam as correspondentes da repartição technica em materia de agricultura regional e ellas exerceriam uma acção post-escolar estimulando a formação de clubs agricolas á similitude dos já existentes na America do Norte : *Corn-Club*, *Pig-Club*, *Camming-Club* e outros.

Rapetimos : Não acreditamos trazer soluções em materia de educação, nem para a economia rural, porém, temos a convicção de que, nosso plano de orientação de ensino primario é uma fórmula pratica de nacionalizar o ensino, isto é, de subordinar-o ás necessidades do meio. Si nosso trabalho despertar interesse no professorado, veremos satisfeito o nosso proposito, pois do interesse á realização só mediariam a bôa vontade e o zelo, que, com justiça reconhecemos, são os seus caracteristicos.

---



**UMA OPINIÃO VALIOSA**



## Carta do Eminente Educador Brasileiro

Dr. Oscar Thompson

DIRECTORIA DA ESCOLA NORMAL SECUNDARIA DE SÃO PAULO.

MARÇO 3 DE 1917

Sr. Eng.º Joaquim J. Barneda

Saudações

Foi com viva satisfação que recebi a carta de V. S. por intermedio do illustre engenheiro agronomo, sr. José O Dowling, sobre a introdução do ensino agricola nas escolas elementares da Republica Argentina. E minha satisfação foi maior ainda, depois da leitura do folheto *Plan de orientacion agrícola en la ensenanza primaria*, ao verificar que nossas idéas e nossos projectos coincidiam perfeitamente.

Em 1909, comecei a estudar o assumpto e desde logo tive a felicidade de collocal-o, a meu modo de ver, em bom caminho. Assim, no Anuario de Ensino de 1909-1910, eu dizia ao governo:

« Os assumptos de actualidade devem ser estudados na escola. Encontra-se nella, com preferencia, o terreno apto para semear as boas idéas entre os que começam a se educar. Para conseguil-o o primeiro passo a dar é trazer ao recinto da escola, ao meio daquelles que começam a se instruir, como objecto de estudo, questões de actualidade pendentes de solução. »

« Assim, além da acção do Estado, entre os que já têm responsabilidade directa ou indirecta na solução dessas questões, é de interesse social que na escola, a nova geração seja dirigida de modo que sua futura influencia, ali devidamente encaminhada, se transforme em força convergente para a mesma solução. »

« E' conhecido entre nós o exodo da população rural para as cidades, formando o que agora se denomina o *urbanismo* e assim como a preferencia que ainda na escola primaria os educandos manifestam pelas carreiras liberaes. »

« Em nosso meio, em um paiz cuja maior necessidade economica consiste na producção de suas terras, onde a agricultura é remuneradora, essas inclinações não deveram manifestar-se de uma maneira tão intensa, como está acontecendo. »

« Nossas escolas podem concorrer a combater a manifestação dessas tendencias, mas não o têm feito. A cultura litteraria tem



sido a preocupação escolar dominante. Julgamos, por isso, que a organização das escolas publicas paulistas, sem quebra de seu espirito moderno, deve ser essencialmente agricola. Não seria máu, repetamos as palavras de Assis Brazil, que os jovens brasileiros se familiarizassem mais com a idéa de que teriam de cultivar a terra, do que o pensamento de que serão pretendentes de empregos publicos. »

« A cultura da terra é a novidade da época e nella está, não ha duvida, nosso futuro, nosso progresso. »

« Longe de nós, porém, a idéa de converter as escolas publicas em escolas agricolas, em campos de experiencia e de adestrar os alumnos no manejo dos instrumentos aratorios. »

« E' necessario, todavia, que, a par com o ensino intuitivo da botanica, da zoologia e das noções das sciencias physicas e naturaes, se faça diariamente nas escolas a descripção da vida rural. seja pelo seu lado hygienico, pelo aspecto economico ou pela belleza natural, como meio de propaganda suggestiva em favor dos trabalhos agricolas, tornando-os, assim, mais attrahentes aos olhos da infancia. »

« Os livros de leitura, as lições oraes dos professores, os exercicios escriptos, o desenho, os quadros que enfeitam a sala de aula. devem, de preferencia, tirar seus motivos de factos e scenas da vida rural brasileira. Outros são, porém, os aspectos da vida brasileira que todos os dias passam aos olhares dos alumnos de nossas escolas em uma época em que as impressões tão facil e profundamente se gravam em seu espirito. »

« E', de facto, entre os 6 e 14 annos que estudamos com elles as grandes figuras de nossa historia, aquellas que mais se distinguiram na politica, na medicina, na engenharia, no direito e na guerra. E', além, disso, nessa época que lhes damos a ler livros que descrevem e enaltecem a vida, o trabalho, os titulos de gloria dos outros povos. E' tambem nesse mesmo periodo que lhes proporcionamos para exercicios de leitura livros escriptos sem côr local, sem nenhum valor litterario e artistico. Augmentamos, por este meio, inconscientemente, a onda dos que caminham para as carreiras liberaes. »

« Tudo isto fazemos sem lhes recordar os exemplos dos homens cuja actividade foi empregada no trabalho manual, sem despertar nelles a attenção para a carreira commercial, para a industrial, e sem lhes explicar os recursos economicos, as riquezas a explorar em nossa terra. O Paiz está cheio de brasileiros e estrangeiros illustres que muito se distinguiram nas occupações manuaes, na agricultura e na industria em geral. »

« E' preciso destacar, em vivas côres os factos de nossa historia economica, para mostrar aos alumnos que não é só nas



carreiras liberaes que o homem assegura o seu futuro. Posição, fortuna e felicidade offerecem tambem as profissões manuaes, sempre que as saibamos exercer com capacidade honesta e digna. »

Para executar o plano geral então traçado, convidei, em 1910, o dr. Clinton D. Smith, illustre agronomo norte-americano, director da Escola Agricola de Piracicaba, para dar uma serie de conferencias sobre o ensino de agricultura na escola primaria e escrever alguma cousa que orientasse o professorado a respeito do espirito, do methodo a ser adoptado e sobre a materia que de preferencia deveria ser estudada.

O dr. Smith veiu á capital do Estado, deu algumas conferencias e escreveu tres folhetos que tenho a honra de remetter a V. S.

Começámos então, a dar o ensino agricola naquellas escolas cujas condições eram favoraveis. Mais tarde, o Congresso do Estado criou nas escolas normaes a cadeira de Agricultura e Zootecnia. Porém, difficuldades economicas começaram a surgir e o trabalho iniciado foi suspenso.

Em 1911, deixei a Directoria Geral do Ensino, para onde entrára em 1908, para organizar a repartição e terminado esse trabalho, voltei a meu antigo cargo, que é o de director da Escola Normal da Capital.

Algumas escolas do interior continuám fazendo pequenos ensaios a respeito do ensino agricola, cujos resultados não tenho acompanhado, infelizmente.

Continúo aqui esperando as gratas ordens de V. S. e peço encarecidamente me envie qualquer publicação que ahí appareça a respeito do ensino agricola.

Tive a melhor impressão do dr. Dowling, e acredito que fizemos bôa camaradagem. A' sua gentileza confio esta e os volumes que a acompanham.

Com alta estima e consideração,

attento servidor agradecido

(a) OSCAR THOMPSON.



## NOTAS

A Directoria Geral de Instrução Publica dirigiu ás Camaras Municipaes a seguinte circular :

S. Paulo, 20 de Março de 1917.

Sr. Prefeito Municipal de . . . . .

Desejando esta Directoria conhecer de perto a organização da obrigatoriedade do ensino primario, adoptada por algumas municipalidades do Estado, caso nesse municipio tenha sido tomada qualquer medida nesse sentido, ser-me-ia muito grato receber informações precisas a respeito, assim como as leis ou regulamentos publicados sobre o assumpto.

Antecipadamente vos apresento os meus agradecimentos, com os melhores votos pela prosperidade sempre crescente desse municipio e pela vossa felicidade pessoal.

Attenciosas saudações.

### BELLA INICIATIVA

Para formação de uma bibliotheca escolar, tão util e necessaria em nossos estabelecimentos de ensino, o Sr. Director do Grupo Escolar « Dr. Cardoso de Almeida », de Botucatú, acaba de distribuir a seguinte circular, que reproduzimos :

Botucatú ( S. Paulo ) 7 de Agosto de 1917.

Exmo. Sr. Dr. Oscar Thompson. . . . .

Attenciosas saudações.

Um dos peiores males intellectuaes do Brazil é a falta de leitura san e proficua dos bons livros. A maior parte das pessoas só manuseia jornaes e revistas, para saber da novidade, e lê romances para conhecer unicamente o enredo, que, sem ser estudado calma e intelligentemente, produz muitas vezes desastres sociaes.

As obras exclusivamente litterarias são lidas por insignificante numero de individuos. As scientificas, quando em mãos de estudante, no geral, só se prestam a uma rapida leitura, sufficiente para a conquista da approvação na materia quando em mãos de profissional, destinam-se á simples resolução de casos não communs que apparecem algumas vezes.



---

Em summa, os bons livros são estudados, quasi na totalidade das vezes, por pessoas que têm obrigação disso fazer e mui raramente por amor á instrucção.

E esse mal é gerado, em grande parte, na escola primaria, onde o auxilio do compendio aos alumnos das classes adiantadas é quasi nullo.

Affirmando, pois, baseado em experiencia anterior, que a existencia de uma bibliotheca neste estabelecimento prestará relevantes serviços aos alumnos, que terão assim farto cabedal para desenvolver licções previamente explicadas em aula e se habituarão á leitura profunda dos livros, — resolvi appellar para as pessoas amigas do progresso, pedindo-lhes a generosa offerta de uma bôa obra, mesmo com algum uso, que sirva ao fim citado.

E' o que óra vos faço, agradecendo de antemão o beneficio que ides prestar á nobre causa da educação popular.

O Director, *Luttgardes de Castro.*

---



## Escola Normal

---

Para commemorar a data do anniversario da Escola Normal, a Directoria da Escola, coadjuvada pelos corpos, docente e discente desse estabelecimento, preparou hontem uma brilhante festa, a ella assistindo, além de innumeradas familias os Srs.: Dr. Oscar Thompson, Director Geral da Instrucção Publica, Professores Carlos Alberto Gomes Cardim, Director da Escola Normal; Alcebiades de Oliveira, Inspector-technico; Zenon Cleante de Moura, auxiliar da Directoria; Dr. Antonio Sampaio Doria, Dr. Alfredo Machado Pedrosa, Dr. Ruy de Paula Souza, Professores Arlindo Pinto e Silva, Luiz Gallina Junior, Roldão Lopes de Barros, Americo de Moura, João Lourenço, Alfredo Eber, Maestro João Gomes Junir, lentes e professores da Escola Normal.

A's 13 horas foi, pelo Sr. Director da Escola, aberta a sessão, proferindo, no momento, uma allocução, convidando, o Dr. Oscar Thompson para presidir ao festival.

Ao seguir foi iniciado o programma que damos abaixo, sendo o mesmo correctamente desenvolvido por todos os que nelle tomaram parte.

Commeçou a festa com a execução do «Hymno a São Paulo», letra e musica do saudoso Dr. Cesario Motta Junior.

Logo a seguir, o lente da Escola Normal Sr. João Lourenço Rodrigues proferiu o seguinte discurso, que foi immensamente applaudido:

«O dia de hoje é de jubilo para quantos mourejam nesta casa; é um dia de gloria e triumpho para a velha Escola Normal de S. Paulo, e eis o que explica esta commemoração festiva.

E' a festa da tradição, porque por ella cultuamos o passado, no que elle apresenta de mais edificante; mas é tambem a festa da esperanza, porque, cultuando o passado, o que nós pretendemos é dar um ponto de apoio, um fulcro solido ás aspirações da mocidade que aqui se congrega!

Sim: aqui confraternizam hoje mestres e discipulos, velhos e moços, todos unidos, identificados no mesmo affecto por esta Escola, que é a matriarcha veneranda de todas as escolas paulistas. Mas, além de seu significado geral, esta festa tem ainda,



para o meu espirito, um significado especial. Faz dez annos que me foi dada a honra de presidil-a, na qualidade de Inspector Geral do Ensino. Convidado pela Directoria do «Gremio Dous de Agosto», compareci prazeroso : por mais modesto que me sentisse individualmente, queria affirmar á mocidade normalista de então a minha solidariedade e sympathia; queria — filho desta casa — trazer aos meus antigos mestres o testemunho do meu reconhecimento; queria, porém, de um modo particular, dar mais um passo pela approximação da Inspectoria do Ensino e da Escola Normal, intensificando uma obra pela qual vinha me empenhando constantemente, desde o dia em que entrei para a corporação dos Inspectores Escolares do Estado. Pois bem : aquillo que era uma aspiração, ha dez annos, constitue hoje uma feliz realidade, um facto altamente auspicioso.

Temos hoje mais do que uma simples approximação entre os dous centros directores; graças á solução feliz que se tem dado ao problema da substituição, póde-se dizer que as duas direcções acham-se actualmente fundidas ou, pelo menos, articuladas como dous orgams solidarios de um unico aparelho administrativo.

Outr'ora não faltava quem discutisse as vantagens de tal approximação. Ha dez annos não se tinha por um truismo encarecer essas vantagens, como fez o Sr. Professor Cyridião Buarque, quando aqui se reuniram, num embryão de Congresso Pedagogico, os Directores dos Grupos Escolares do sul paulista. Hoje ninguem mais admite duvidas; hoje os beneficios dessa approximação estão mais ou menos na consciencia de todos.

E eis, meus senhores, o que explica a satisfação que experimentámos todos, ha tres mezes, quando o nosso preclaro chefe foi, pela segunda vez, chamado a occupar o posto de superintendente do Ensino Publico. Foi geral o regosijo. Não era só a nossa satisfação de Lentes desta escola, ao vêr o seu "primus inter pares" destacado para um posto de confiança do Governo.

Não era só a satisfação dos nossos alumnos, nutrida pela certeza de que, ao deixarem os bancos escolares, iriam encontrar em outra esphera, que terá de ser o seu campo definitivo de trabalho, um guia previdente, um mestre amigo, paternalmente desvelado, para os encaminhar com segurança nos meandros complicados da vida pratica.

Não amo as hyperboles e por isso não direi que era o mesmo sentimento dos marinheiros inglezes, quando Nelson assumiu o commando da marinha de guerra britannica.

Era, porém, de certo, um sentimento analogo : todos sentiamos, de uma fórma mais ou menos nitida, a alta relevancia desse facto neste grave momento historico, no momento em que



estão fazendo suas provas dous systemas educativos tão diversos, tão oppostos pelas suas tendências. Sim, porque, quando se desce ao fundo das cousas, quando se faz abstracção das apparencias, dos accidentes que desorientam a analyse, o que se lobra através desta vasta conflagração mundial, é o embate de duas concepções educativas, de dous ideaes antagonicos de formação humana, dos quaes um tende para o estatismo, em nome do principio da auctoridade, e outro gravita para o particularismo, não admittindo direitos superiores aos da personalidade humana.

Ora, tratando-se como no nosso caso, de um paiz novo e quasi sem tradições, é preciso em tal conjuntura, em momento de tal gravidade, é preciso que nas duas espheras do ensino e da administração escolar, nessas espheras onde se joga o destino das nacionalidades e das raças, haja homens clarividentes, para determinar o que ha de justo e o que ha de exaggerado nesses ideaes e para os escoimar das suas demasias; é preciso que haja homens de iniciativa para interpretar a lição dos factos, recolher os seus ensinamentos e ajustal-os, adaptal-os ás necessidades peculiares do proprio ambiente social; é preciso que haja homens energicos para delinear planos e pugnar consistentemente pela sua realização, sem transigir com os preconceitos, sem se deixar levar pela grita dos impertinentes.

Não direi, preclaro chefe, que sois vós um desses homens predestinados; não direi que sois, na terra dos Bandeirantes, o homem á altura da situação, o "right man in the right place", porque o meu asserto teria a inqual-o de suspeição a velha amizade que nos liga.

Mas valem actos do que palavras, e os vossos actos recentes, como Director Geral da Instrucção Publica, falam com bastante eloquencia.

Sem pôr de lado as attribuições attinentes ao ensino propriamente dito, tendes procurado impulsionar o "escotismo", promovendo a educação physica como elemento obrigada da cultura civica, fomentando o surto do sentimento nacionalista, pois bem sabeis que, segundo a observação de Gustavo Le Bon em seus "Ensinamentos psychologicos da guerra européa", onde esse sentimento declina, sob a influencia enervadora das idéas pacifistas, a noção de patria se dessora e as nacionalidades correm o risco de afundar no abysmo.

Inscrevestes no vosso programma o ensino profissional; comprehendestes em bôa hora que é das escolas technicas bem organizadas e largamente disseminadas que depende principalmente a solução das nossas difficuldades economicas e o bem estar do povo em geral, mas sobretudo das classes proletarias. Entre



nós, nesse particular, está quasi tudo por fazer. A seara é vasta, os obstaculos não faltarão, os estímulos serão raros e as compensações tardias, porque em elaborações desta natureza os resultados só apparecem no fim de muitos annos de paciente expectativa.

A seara é vasta, repito, mas nós tudo esperamos do vosso animo varonil, porque sois, sem lisonja, um verdadeiro professor de energia.

Sêde fortes — eis o melhor voto que eu posso formular nesse dia.

Sêde fortes, porque, segundo affirma H. de Tourville, só os fortes é que podem ser authenticamente, impunemente bons.

Sêde fortes, á fé desta solennidade, que tem o valor de um symbolo e não fala sinão de união e esperanza.

Sêde fortes, na convicção de que nós, os lentes desta Escola que dirigistes com tanta honra, brilho e aproveitamento, estaremos sempre ao vosso lado, não só na hora do successo, para vos levar as palmas do nosso applauso, mas ainda e sobretudo nas asperezas da lucta, para vos alentar com a nossa solidariiedade amistosa.

E agora, carissimos alumnos: — lancemos para o passado um breve olhar retrospectivo e depois contemplemos o futuro.

Faz 37 annos que esta Escola, fechada pe'o antigo partido conservador, se reabriu numa situação liberal. Sabeis que era então Presidente da Provincia o Dr. Laurindo de Brito, mas ignoraes talvez que era elle um normalista, como vós.

Foi alumno da primitiva Escola Normal, fundada em 1846, e em plena Monarchia se elevou á curul presidencial.

Registrai esta primeira grande data da vossa classe, que é tambem a minha.

Proclamada a Republica, vemos dous outros collegas nossos entrarem para o Congresso do Estado. São elles Arthur Breves e depois Gabriel Prestes. O ultimo d'elles, depois de haver collaborado na confecção das leis de que sahio o memoravel regulamento de 1892, contemporaneo de Cesario Motta, veio occupar a directoria desta Escola, e foi essa ainda uma grande victoria do professorado paulista.

Mas o momento ascendente não para ahi: em 1907, um cutro collega vosso é elevado ao posto mais alto da hierarchia, isto é, ás funcções de Inspector Geral do Ensino. E ainda agora, vêde: é um normalista o Director Geral da Instrucção Puclica; é um normalista o actual Director da nossa Escola, e são normalistas os Directores dos nossos mais importantes estabelecimentos de ensino primario, secundario e professional.



Por muito summario que seja, este retrospecto, é de molde a incentivar o vosso esforço para a obtenção do diploma.

Os triumphos do professorado em S. Paulo, são reaes, são assignalados.

Coincidiram com a situação prospera do Estado, mas fôra injusto consideral-os como consequencia exclusiva dessa situação. Contra tal supposição protestam os factos. A classe do professorado ahi está trabalhando sempre com esforço e hombridade, embora tenha chegado para ella, como chegou para as outras classes, uma época de menos compensações.

Aquelles que não têm em mira senão glorias e proveitos, são mercenarios. O sacrificio é a lei suprema da vida, isto é, da vida no seu sentido mais nobre.

A lei do sacrificio, diz um escriptor contemporaneo, é a lei do amor; o amor sacrificio é o amor sem egoismo, é o amor que dá tudo sem nada receber; é elle o grande inspirador da honra, do trabalho, da virtude, do heroismo, sob todas as suas fórmás.

Quereis a prova? Contemplai commigo este quadro.

Faz tres annos que a Belgica, aquella Belgica pequena, mas laboriosa, que ainda ha pouco maravillava o mundo pela sua prosperidade, cultura e probidade, era intimada a dar passagem ao exercito allemão em transito para a França.

Fiel aos seus tratados, recusou-se; preferiu sacrificar a sua autonomia a sacrificar a sua honra.

Resistiu, mais foi vencida.

Desappareceu como nação, mas inscreveu nas paginas da historia a epopé; altisonante de Liége. Caiu mas ergueu-se transfigurada, na sublimidade do seu holocausto.

Em Pastoral dirigida aos seus diocesanos, em Fevereiro deste anno, o illustre Cardeal Mercier, referindo-se á nobre repulsa do Rei, disse, que, a 2 de Agosto de 1914, a palavra « nobreza » teve na Belgica toda a sua significação tradicional ».

Dous de Agosto, véde bem: esta data tão querida para os nossos corações de normalistas, é tambem hoje o marco immorredouro do heroismo belga. Que este exemplo esteja sempre deante dos vossos olhos, carissimos alumnos. Possa elle inspirar-vos e edificar-vos para que, ao deixardes esta Escola, estejais promptos para todos os sacrificios que por ventura vos esperem lá fóra, na vida pratica.

Possa elle levar-vos tambem a dar á palavra nobreza toda a sua significação tradicional.

Sabeis como?

Trabalhando com véra ambição para opulentar o patrimonio de glorias da Escola Normal de S. Paulo; protestando pelo



vosso desprendimento, pelos exemplos de uma constante abnegação, que não quereis viver parasitariamente das glórias alheias!

Seja esta a vossa divisa; seja esse o vosso compromisso no dia de hoje!»!

Seguiu-se o programma seguinte que foi executado á risca e applaudido com justiça pela assistencia numerosa e selecta.

João Gomes Junior — Canção Brasileira — Côro pelas alumnas da Escola Normal.

Guerra Junqueiro — A Lagrima — pela alumna Elvira de Carvalho Pinto.

Olavo Bilac — Pequenos e Grandes — pela alumna Maria Aparecida Voss.

J. Reuchsel — Barcarolla — trio para violino, violoncello e piano, pelos alumnos Nicoláu Mortati e Resplandiano Pedrosa e pelo Maestro João Gomes Junior.

Amadeu Amaral — Recanto Secreto — pelo alumno Walfredo Caldas.

Caio Simões — A Bolsa encantada — pela alumna Flora Simões.

Antonio Carlos — Primavera — Canção Brasileira, — pelas alumnas da Escola Normal.

Olavo Bilac — Duvida e Esperança — pela alumna Maria de Lourdes Mesquita Pereira.

Discurso pelo alumno Jayme de Aguiar.

Wenceslau Brandão — Miragem — recitado pelo autor, alumno da Escola Normal.

Nepomuceno — Baile da Flôr — pelos alumnos da Escola Normal.

Luiz Edmundo — Olhos tristes — pela alumna Altina Felicissima.

Joaquim Pontes — O crime e a Escola — pelo alumno Narbal Fontes.

João Gomes Junior — Voguemos — barcarolla pelos alumnos da Escola Normal.

Alfredo de Assis — Pranto e riso — pela alumna Jacyra de Macedo.

Discurso pelo alumno Vicente de Paula Bella.

Carlos Gomes — Fantasia do Guarany — duetto de violino e piano pelo alumno Nicoláu Mortati e pelo Maestro João Gomes Junior.

Ao encerrar a solenne festa, fez uso da palavra o Dr. Oscar Thompson, que agradeceu a distincção de presidir á mesma, felicitando a todos pelo cabal desempenho que deram ao pro-



gramma. Pediu depois que as alumnas, numa estrondosa salva de palmas, saudassem o Director da Escola e os respectivos lentes e professores.

### BANQUETE

Realizou-se hontem, ás 19 horas, na Rotisserie Sportsmann, o banquete que a Congregação da Escola Normal offereceu ao Dr. Oscar Thompson, Director effectivo da Escola Normal, em commissão como Director Geral da Instrucção Publica e ao Sr. Alberto Gomes Cardim, Director interino do estabelecimento.

A mesa estava ornamentada com muito gosto e o serviço do banquete correu bem, obdecendo ao seguinte « menu » :

Mousse de Gibier Périgueux, Crème de Volaille Reine, Filets de Sole á l'Anglaise, Vol-au-vent Financière, Tournedos aux Primeurs, Pommes, Noisettes, Choux Fleurs au Gratin, Dinde Rôtie á la Brésilienne, Jambon d'York, Salade, Bombe Mercure, Gateaux Mille Feuilles, Fruits Asortis, Café.

*Vins* : Martini Cocktail, Madère Superieur, Sauternes, Saint Emillion, Eaux Minerales, Veuve Clicquot (Extra Sec) Liqueurs, Cigarres.

Tiveram assento á mesa, além dos dous homenageados, os Srs. Professores Msenhor Dr. Camillo Passalacqua, Alberto Levy, Roldão Lopes de Barros, Luiz Gallina Junior, Reynaldo Ribeiro da Silva, Americo de Moura, João Carlos da Silva Borges, Dr. Thomaz Ribeiro de Lima, Dr. Ruy de Paula Sousa, Dr. Sampaio Dória, Alcebiades de Oliveira, Arlindo Pinto e Silva, Jeronymo Azevedo. Maestros Antonio Candido e João Gomes Junior, Clemente Quaglio, Mario Vannini, Manoel Cyridião Buarque, Dr. Djalma Forjaz, João Lourenço Rodrigues, Raul de Macedo, Dr. Alfredo Machado Pedrosa, Joaquim P. de Camargo ; bem como os Srs. João Queiroz de Assumpção, Dr. Leopoldo de Freitas e Mario Reys.

Ao servir-se o « champagne », levantou se o Revmo. Sr. Camillo Passalacqua, Lente de Portuguez e Latim da Escola Normal, designado pela respectiva Congregação para estudar os Srs. Dr. Thompson e Cardim.

S. Ex. leu o seguinte discurso, que foi muito applaudido :

Dr. Oscar Thompson, Professor Gomes Cardim. Feliz, sem duvida, mui feliz a lembrança, que tivemos quantos compomos o Corpo Docente da Escola, de patentearmos, em tão asada occasião, o grande apreço e a sincera amizade que vos tributamos. Nada feliz, porém, se me antolhou a resolução, tomada pelos collegas, de que eu fosse o seu interprete. Insistiram, de facto, allegando a minha furtuita decan'ia na Corporação ; esqueceu-



lhes, entretanto, a minha insufficiencia. A verdade é que tive de aceitar o honroso mandato.

Aqui estamos, Srs.. menos para saborear igarias varias, do que para expandir-nos em doce convivio de nossas intelligencias e corações. Queremos, no justo enlêvo do que nos vai n'alma, aproveitando a data, que hoje transcorre, commemorativa da inauguração da nossa Escola, homenagear um nosso collega, a um tempo seu director, qual sois, querido Dr. Thompson, paladino dos mais esforçados da normalização do nosso Ensino Publico, no momento em que nos ideo deixar para, pela segunda vez, assumir o alto cargo de seu Director Geral.

Queremos, outrosim, a presente homenagem se ella estenda ao tambem collega Gomes Cardim, designado para substituir o Dr. Thompson na direcção da Escola e na regencia de sua Cadeira.

Pelo que respeita á referida commemoração, afigura-se-me Srs., Não fôra de môlde, sinão obra util, retrospectivo, ainda que rapido olhar para um assumpto, que tão de perto nos interessa, e ao qual presa está a solução do mais assoberbante problema da vida nacional: solução no que toca ás Leis do Ensino em geral e seus programmas, solução no que diz preparo do Publico Magisterio — Instituições uma e outra que se devem cada vez mais unificar em toda a clarificante praticabilidade de seus effeitos. Sem ultrapassarmos os limites do nosso Estado, está no conhecimento de todos que mais dê uma tentativa registram os annaes da Publica Administração, em que se evidencia através de algumas intermittencias, a solicitude patriotica de seus dirigentes, no intuito de alargar a esphera da educação popular e de dotal-a de mestres á altura de seus providenciaes destinos. A primeira tentativa de pronunciada formação do Magisterio Paulista foi em 1816, qual fruto amadurecido de cogitações em successivas legislaturas da antiga Assembléa Provincial, desde 1833. Até então o Ensino Publico, pôde-se dizer, era remodelado pelo das *Escolas Régias* dos tempos coloniaes, melhorado, aqui e alli, pela acção intelligente dos nossos Cleros Secular e Regular e pela iniciativa louvavel de outras distinctas personagens.

Embryonaria, muito embora, essa primeira Escola Normal, havemos de reconhecer que relevantes cervicos prestou em os 20 annos de seu fundamento, desbastando, quanto possivel, de muitas escabrosidades o vetusto apparelho escolar, azo dando a estudos pedagogicos dos que floresciaem em varios centros do mundo civilizado.

Em 1875, mais um passo se deu, curando algo melhor desse apparelho e extendendo a cultura professoral ao sexo feminino,



o qual, sem flagrante injustiça, não podia, continuar afastado desse munus altíssimo. Ephemera, porém, fei a existencia dessa Escola, pois se ella fechou, não sem reclamo dos interessados em 1878.

Certo que não se atrophia impunemente uma aspiração vital, desenhava-se, cada vez mais imponente, no seio da já vasta população paulista, a necessidade improrogavel de uma Escola Normal, vasada em amplos moldes, proporcional ao grandioso e sorridente desenvolvimento da então Provincia de S. Paulo, em cujo uberrimo territorio, justamente e á porfia procurado por varias correntes nacionaes e estrangeiras, avultavam, como por encanto, todas as humanas actividades.

E, effectivamente, em 1880, surgiu, qual arvore frondosa, doirada pelos mais vividos raios do sol paulistano, a nossa actual Escola, *Alma-Mater* de quantas, a seguir, fundaram-se em diversos pontos do Estado. Era, a esse tempo, Presidente da Provincia o preclaro Conselheiro Dr. Laurindo Abelardo de Brito — e, notavel coincidencia! — alumno dos mais aproveitados que havla saído da primitiva Escola.

Crêada a nossa pela lei provincial, n. 130 de 25 de Abril, regulamentada em 30 de Junho, foi solennemente *inaugurada em 2 de Agosto* — faz hoje 37 annos.

Quem vos óra fala, Srs., era bem moço e terminado havia os estudos superiores; aguardava a idade canonica, para ascender ao Sacerdocio, exercendo, entrementes, o magisterio no Seminario, hoje archiepiscopal, onde fui longos annos Professor. Relevai Srs., essa referencia pessoal, que, aliás, vem ao nosso caso; pois esse extenso tirocinio foi para mim o que se vê foram para Camões as lymphas do Téjo, « crêando-lhe um novo engenho ardente », — tirocinio, que, em mim accentuou, sempre mais vivaz, a vocação para o magisterio, sem, comtudo, diminuir o meu ministerio sacerdotal, que ficou, assim ampliado em sua acção social. Senti-me, desde logo, attrahido, a um tempo, para os estudos pedagogicos e vasa não perdia, procurando acompanhar, com a maior solicitude, a toda e qualquer movimentação que se prendesse, á causa do Ensino Privado ou Publico. Assisti ás festas inauguraes da nnsa Escola, e presente tenho ainda que tamanho foi o regosijo dos habitantes desta Capital por essa gloriosa iniciativa, genuinamente paulista, só comparavel — dizia-se — ao do dia 9 de Novembro de 1856, quando da installação do nosso Seminario Episcopal, Instituto devido aos constantes labores de um dos nossos Bispos, poderosamente auxiliado pela generosidade tambem paulista.

Em uma, como em outra, não foi sómente o escól da nossa sociedade que se rejubilou; exultou tambem o elemento popular.



Com razão, Srs.; pois, entre ambos esses estabelecimentos, guardadas as devidas reservas, pontos ha de contacto inapagaveis quanto á elevação do nivel social; no Seminario, formam-se modolmente os Ministros de Christo, os arautos do Evangelho; na Escola Normal, fundam-se tambem em moldes as almas daquelles que se destinam á divulgação do Ensino Popular, á formação das nossas gerações nascentes; objectivamente, reinteegram-se indissolvelmente as funcções do Padre e do Professor para a felicidade do Estado, para o progresso religioso e civil da Nação.

Sabido é que a nossa Escola funcionou num velho prédio á rua da Bôa Morte, hoje Carmo, até que, em 1894, se transferiu para o magestoso edificio, onde está adrede construido, na Praça da Republica.

Assisti, posso dizer, a todo esse evoluer do nosso Ensino Normal, quasi desde os seus primordios, até 1884, quando, convidado pelo então Presidente da Provincia, exmo. Barão de Guajará para reger interinamente uma Cadeira da nossa Escola, nella fui provido, nesse mesmo anno, mediante concurso.

Não me excedo, Srs., dizendo que os primeiros annos da nossa hoje festejada Escola assignalados foram na remodelação do nosso Ensino Publico Paulista, que vem sendo apreciado dentro e fóra do Estado. No seu Corpo Docente, figuravam mestres competentes, dos quaes sobrevivem alguns, que ora compartem deste nosso modesto banquete. Dentre os professorandos, salientaram-se diversos, que têm occupado e occupam altas posições da nossa organização Escolar e nos Departamentos da nossa Administração, não sendo de menor alcance, para o regular funcionamento da technica do nosso Ensino, a necessaria aproximação e harmonia da Direcção Geral com a Escola Normal. Victoria foi esta ultima que muito recommenda a alevantada comprehensão de um collega nosso, o Professor João Lourenço, quando investido das funcções de Inspector Escolar e Director Geral, que os melhores traços empregou para effectivar essa aspiração, que se impunha a quantos tomam a serio a unificação da nossa Instrucção Publica.

Mas, Srs., não é nosso proposito traçar agora os feitos da nossa Escola, cujo anniversario, que se hoje passa, constitue mais um trophéo a engalanar a historia do nosso glorioso Estado.

Permitta-se-me, porém, crystallizar, destacando-a dentre os alumnos da nossa Escola, a figura laureada de Oscar Thompson, protagonista precipuo desta nossa festa intima.

*Prezodissimo Dr. Oscar,*

E' grande o aprazimento com que, saudando-vos, rememoramos aqui alguns feitos fulgurantes de vossa triumphal carrei-



ra pedagogica, que enquadra a vossa personalidade de educador. Relevai-nos a expansão, que, toda ella, é de verdade e de justiça, sobre ser de valente estímulo a quantos, como vós, se devoteam ao engrandecimento primacial da nossa Patria. Sois real obreiro desse engrandecimento. Acompanhamos-vos, quaes collegas que nos prezamos de ser vossos, no magisterio da Escola, e como Director que della sois, no labor arduo de todos os dias, nas cogitações perseverantes de distender, intensificando em o mesmo ideal, os horizontes intellectuaes e em apurar a indispensavel caracterização professoral dos nossos alumnos. Mourejando ao vosso lado e sob a vossa esclarecida e amistosa orientação, podemos attestar os vossos meritos. Em meio da sociedade contemporanea, não raro, burlada anda a sabia lei das competencias. A desmesurada ambição de uns, a patronagem excessiva de outros e a snobica audacia de muitos, sempre que triumpham, desorganizam a marcha dos Negocios Publicos, desequilibram os povos, aviltam a consciencia individual e entenebrecem os horizontes do mundo. A concorrência, outra lei, de todo necessaria á vida das collectividades, quando desnorteada, constitue um perigo, uma das mais affrontosas ameaças ao valor do homem e á propria justiça. Sabemos de tantos, que desempenhariam cabalmente posições médias, mas que, galgados ás maximas, superiores as suas forças, cópia má dão de si, com damno manifesto do Bem Publico ou Privado. E nós, que tal presenciemos, sentimo-nos consolados, quando, para a honra do nosso Estado, vemos surgir homens, como vós, meu Caro Dr. Thompson, cujas qualidades de espirito e adamantino character vos vêm exalçando ás posições mais elevadas, das quaes vos desempenhais com gallardia e notavel proveito para a Administração. Encómios merecem os nossos Dirigentes por vel-as confiar; applausos de nós todos que vemos reconhecidos a justiça nessa confiança. De mim para mim, cenheço-vos desde menino em constante ascensão dos mais elevantados ideaes da verdade e do bem, sem haver notado o menor esmorecimento. Ao longo da vossa refulgente trajectoria de homem publico, dou-me agora parabens de poder, qual interprete dos meus collegas, que, como eu, vos estimam e consideram, repetir estes conceitos que, si enfloram a vossa pessoa, lustre imprimem á Instituição que presidis e honram tambem a nós, vossos admiradores. O vosso talento, acuradamente cultivado e duplamente coroado pela nossa Escola e pela Academia de Direito, de par com o vosso póрте moral e exemplar disposição para o trabalho, certo vos podiam armar para luctas, cujos triumphos repercutissem em todas as esphas e mais pingues fossem os proventos. Quizestes, todavia, em lance edificante de abnegação, desposar a causa do Ensino e da Educação Popular,



nem sempre extreme de difficuldades e não raro desvalorizada por quem mais devêra apreciar-a, sendo que a sua divulgação é primordial elemento de vida para as democracias modernas.

Mais pudemos dizer agora da vossa pessoa, referindo, entre outros factos, a excursão que fizestes por varios centros da America do Norte e da America do Sul, com o fito especial de verificar presencialmente os systemas adoptados e os fructos colhidos do seio daquelles povos do nosso Continente, cujos Governos hão tanto a peito a Educação popular litteraria, scientifica e professional, por obra pondo experimentados apparelhos technicos; é dos nossos dias a criação, na nossa Escola, do Laboratorio de Pedagogia Experimental, aproveitando-se as luzes do professionalista emerito Dr. Hugo Pizzoli, bem como os Estatutos de Technica Psychologia e de Anthropologia Pedagogica e o Curso Pratico dessas materias, em que tomaram parte os professores Publicos do Estado, sob a luminosa direcção do mesmo Dr. Pizzoli; o aperfeiçoamento nas varias dependencias do nosso Instituto Normal, sem contar o ininterrupto curso que prestais aos altos Poderes do Estado. Receiamos, todavia, melindrar a vossa proverbial modestia, que vos é tão propria, como propria sóe ser dos homens de valor real.

O que, synthetizando, podemos affirmar, é que, si tivesse de escrever a vossa biographia, que refulgente espelho será de muitas virtudes publicas e particulares, mistér não se ha de fazer apégue-se o vosso biographo ao banalismo das phrases feitas; material mais que sufficiente proporcionarão os vossos feitos, as vossas glorias e os vossos triumphos. Educadores, que tambem somos, a nossa palavra reveste, antes de tudo, o cunho da verdade, e o que affirmamos, merece tanta fé, quanto repellimos quaesquer refólhos de simulados elogios.

A vossa separação, si bem que temporaria, do nosso convivio de todos os dias, é nos suavizada pela formal promessa de que, ao menos, moralmente, continuareis connosco em constante reflução de pensamentos e de sentimentos, que nos irmanara, e pela presença do vosso digno substituto, o nosso distincto collega Gomes Gardim.

*Professor Gomes Gardim.*

As honrosas credenciaes, de que me investiram os collegas, visam tambem a vossa pessoa, para quem a minha palavra é de saudação, de applausos e de esperanças.

Escolhido dentre nós para substituir o nosso querido Dr. Thompson, congratulamo-nos com o Governo, connosco e com toda a escola. As substituições, maximé no caso presente, são,



de facto, como dissestes, no dia da vossa posse, alli na sala da nossa Congregação, "inçadas de difficuldades". Esváem-se, felizmente, esses temores, tratando-se da vossa pessoa, cujo passado e presente arrhas nos dão de vossa eficiente operosidade. A vossa folha de brilhantes serviços ao Ensino Publico recommenda-vos; a uniformidade de vistas, com que vindes desempenhando, sob a direcção do Dr. Oscar Thompson, o seu cargo de Auxiliar Technico da nossa Escola, vos aclararou as verêdas que haveis de seguir; a elucidez de vosso espirito culto, a lhanza da vossa attitude e a affectuosa correspondencia em que vivemos, tudo nos diz que fecunda será a vossa direcção. Conhecedor dos meandros e das sinuosidades dos varios systemas e processos, que pullulam — força é dizel-o — nem sempre bem orientados, no mundo da moderna Pedagogia, e da mesma tempera que sois do vosso antecessor, sabereis, certo, separar o joio do trigo, e proseguireis, sem solução de continuidade, na formação do nosso professorado publico. Estaremos ao vosso lado no intuito patriotico dessa formação, batendo, sempre e na brecha, o falso conceito dos que pensam poderem se architectar professores á custa de prelecções mais ou menos retumbantes, que *Vessiot*, com muito asserto, chama de *ballons, vides de sens et remplis de vent, qu'il suffit souvent de toucher d'une épingle pour les dégonfler instantanément*. Jámais o Ensino, quer publico e quer o privado, deixou de ser uma obra de arte por excellencia, — *artis opus potissimum* — a exigir preparação diurna. Muito menos deixará de o ser nos tempos hodiernos, em que de todas as camadas sociaes cresce, vigorosa e insistente, a aspiração, de todo o ponto razoavel, de saber, e de saber não só, mas de possuir cada qual a directriz, de que mistér ha, para conhecer intelligentemente e com segurança exercer direitos e cumprir deveres, expoente que é de vida e progresso da sociedade a que pertence e a que estão confiados os grandiosos destinos da Patria, de que é filho.

Convencidos de que, em materia de educação popular e de formação de professores normalistas, em os diversos gráus do magisterio primario e secundario, até agora existentes, e do curso superior, ainda em elaboração, se demanda não só de preparo scientifico, mas de apurado tino pratico, accordamos todos em que os nossos programmas se hão de inspirar no genuino character da Nação e nos eternos idéaes da alma popular, e nunca nos estreitos limites de mais ou menos illuminados gabinetes de theorica pedagogica. Lembra-me, srs., haver lido, no aureo livro do famoso educador suiso *F. W. Floester L'école et le caractère* (troisième édition, 1910) os profundos conceitos, em que devêramos calcar a nossa pedagogia e disciplina escolar:



*Ce n'est pas à l'évolution sociale qu'il appartient d'imposer au caractère en lut vers ce qu'il tendrait nécessairement — au contraire, ce sont les idéals éternels de l'âme qui doivent devenir le FATUM de l'évolution sociale et lui marquer sa direction ».*

Por dever de officio, nós, como vós, illustre collega Gomes Cardim, temos que as Legislações Escolares, mais ou menos apparatusas, não são tudo; ellas não se podem isolar das questões fundamentaes da vida humana; efficazes se ellas tornam só quando verificadas através do cadinho profissional. Dahi, as responsabilidades nossas, tanto mais prementes, quanto é certo que nem todas as plantas vicejam em todos os climas, e a nós cumpre, ainda por dever de officio, conhecedores de nosso ambiente e mais factores educacionaes, correr á confiança em nós depositada, para a realização do caracter lidimamente nacional da nossa gente, dotando o Estado de professores capazes da sua nobre missão, collimando, dest'arte, srs., e cada vez mais, os nossos esforços com as vistas do Governo, ainda ha poucos dias, registradas na ponderada e lucida Mensagem, que, na abertura do nosso Congresso Legislativo, apresentou o nosso illustre Presidente. Estaremos, pois, ao vosso lado e sob a vossa competente orientação, persuadidos, como vós, de que, por mais respeitaveis que sejam os estudos pedagogicos, a obra da educação continúa a depender de um conjuncto de esforços cada vez mais complexo, postos em pratica com alevantado criterio profissional, e que, não raro, as suas conclusões definitivas revelam-nos um mundo de desoladoras surpresas, maximé sob o ponto de vista moral.

Excusai-me, srs., de haver abordado assumptos que, aliás, vos são familiares, mas que, nem por isso, veiu fóra de proposito relembral-os em uma reunião como esta.

Terminando, perdão vos peço, nobres collegas, si melhor não traduzi os nossos sentimentos da mais profunda amizade que tributamos aos dous festejados collegas, a quem pedimos acceitem a sinceridade deste nosso modestissimo ágape.

Empunhemos, pois, as nossas taças, levantando bem alto almas e corações, para saudar, com todas as véras, os nossos amigos dr. Oscar Thompson e professor Gomes Cardim.

A seguir, o dr. Oscar Thompson proferiu o seguinte discurso, entrecortado de applausos de todos os convivas.

« Meus srs: — Os Annaes da Escola Normal de São Paulo assignalam hoje mais uma conquista, no terreno de sua evolução educativa.

Quizestes, eu bem advinho, com a significativa homenagem de cordeal affecto que tributais aos vossos directores effectivo e interino, dar ao professorado paulista suggestivo exemplo de



vêra solidariedade cívica, digno de ser imitado em nossas camadas sociais.

E' elle de tão alto valor educativo de tão elevado alcance social, que concorrerá, de maneira efficaz, a estabelecer novas tendencias e novos habitos entre nós.

E' vulgar, infelizmente, em nosso meio, a malevolencia com que muita gente, levada pelo espirito de insubordinação contra quem dirige, se compraz em envolvê-la n'uma atmosphera pouco sympathica, dificultando, assim, muitas vezes, a acção que lhe compete realizar.

Por felicidade nossa, as consequencias desses factos que se observa com amplitude maior ou menor, em todas as camadas sociais, e mais frequentemente na hierarchia politica de nosso paiz, não nos intimidam pela alta comprehensão com que desempenhaes vossos deveres, e pela espontaneidade com que vindes, meus amigos, num rasgo de generosa affectividade, demonstrar, pelo vosso proceder, que não é tão difficil harmonizar as prerogativas da auctoridade com os deveres dos subordinados.

Effectivamente, o respeito, a cordialidade, a amizade são sentimentos que, podendo e devendo ser cultivados e desenvolvidos entre dirigentes e dirigidos, sem quebra das disposições regulamentares, sem suspeita de servilimo, sem o regimen das concessões mutuas, muito concorrerão para o estabelecimento de melhor ordem no trabalho e para a convergencia de todos os esforços num só impulso, a bem da consecução do mesmo ideal.

O cultivo desses sentimentos fez a vossa força, a importancia de nossa Escola, cuja posição de destaque em nosso paiz bem pôde ser avaliada pela luz que ella projecta.

Não educaes apenas com a palavra, porque comprehendéis perfectamente a vossa missão e a desempenhaes com entranhado amor; educaes principalmente pelo exemplo que se irradia de vosso proceder tão cheio de ensinamentos, e nisso consiste a gloria de vossos meritos, a proveitosa lição que ministraes a vossos alumnos e áquelles que, estando investidos de varios cargos no magisterio publico, mostram-se vivamente interessados na defesa dos ideaes de seus mestres.

Quem vos fala, neste momento, conta no seio da vossa Congregação, collegas de anno, contemporaneos dos bancos escolares, ex-alumnos e tambem velhos mestres.

Estou, pois, deante de um severo tribunal. Sois juizes e bem conheceis minha lealdade, para que me façaes justiça, dando credito á sinceridade de minhas palavras: — Jámais houve de nossa parte insinuação alguma a quem quer que seja, para que se nos conferisse este ou aquelle cargo, no meio de vós. No numero dos novos combatentes pela causa do ensino, preferimos



sempre os logares mais obscuros, os postos mais humildes, dada a nullidade de nossos merecimentos.

Fostes vós quem nos conferistes o bastão de commando; fostes vós quem nos elegestes chefe, assim gravando, com a vossa illimitada confiança, a responsabilidade que nos pesa, no desempenho do nosso cargo.

Por vós educado, dirigindo-vos depois, estavamos destinados a ser o porta-voz de vossos conselhos, o interprete de vossas aspirações, o escoteiro do vosso ensinamento. Teriamos nós correspondido a tão alta confiança? Não o sabemos; entretanto, de mãos dadas com as gerações que temos educado, garantimos, a quem nol-o perguntar, — que haveis emprestado, com despreendimento e entusiasmo, todo vosso valor intellectual e moral, toda a vossa dedicação, para que o ensino em S. Paulo corresponda aos desejos insaciaveis de aperfeiçoamento, por parte do Governo, e ás necessidades palptantes de nossa população sempre crescente e ávida de progresso.

Volvendo agora, para o passado, olhares desprevenidos e insuspeitos na apreciação, veremos que as nossas primeiras leis escolares, após a proclamação da Republica, tentaram dotar S. Paulo de um verdadeiro aparelho escolar. Foi o primeiro lampejo de luz a esclarecer-nos a róta, de brilho passageiro, dissipou-se logo depois que Bernardino de Campos, Cesario Motta, Gabriel Prestes, Miss Brown e tantos outros tiveram a intuição de que taes leis não se enquadravam em nosso meio. Era muito cedo para um passo tão agigantado, pois as refórmas não se fazem em papel e, muito menos, embora implantadas ou impostas pela sancção official, poderão florescer, nêem fructificar de momento. Similhantes aos grandes rios que, nascendo de pequeninas fontes vão aos poucos se avolumando, até se tornarem magestosos, as refórmas pedagogicas devem nascer aos poucos, parcialmente, adaptando-se ás necessidades sociaes, constituindo só com o correr do tempo um aparelho cujos élos estejam perfeitamente ligados. E o primeiro élo que se partiu do primitivo aparelho escolar então ideado foi a transformação das escolas complementares em profissionaes. Não fôra essa providencia, bem o sabeis, jámais esses estabelecimentos teriam alumnos, para a sua installação.

A nossa Escola Normal, como a delinearam seus primeiros organizadores, não satisfazia as necessidades do ensino, não era uma escola profissional technica destinada á formação de Professores, mas um curso secundario, de aperfeiçoamento.

E, si até hoje não conseguistes, apesar de vossos ingentes esforços, a organização de um aparelho escolar, podeis vos ufanar de não terdes descurado de preparar para nossa terra,



um professorado que, no Brazil, talvez não conte rival, máu grado suas pequenas imperfeições.

Dos primitivos Professores, que possuíam apenas ligeiras noções do que deveriam mais tarde ensinar ás crianças, preparastes educadores para os quaes não ha segredos no campo da pedagogia, nem surpresas nos horizontes da psychologia, nem phenomenos scientificos, cuja causa desconheçam.

Fizestes, pois, uma revolução no ensino, com a evolução methodica e racional do professorado para os noves ideaes da pedagogia contemporanea. E, assim, a Escola Normal de S. Paulo, entregando annualmente ao Estado uma porção de jovens arautos da instrucção, converte cada um em novo Prometheu que, arrebatando o fogo do céu, não quer conserval-o egoisticamente para si, mas, transpondo nossos limites, vai leval-o para outros Estados da Federação, e esbater com elle as trévas da ignorancia infantil. E não estaes satisfeitos com o fructo de vossos esforços! A todo o instante apontaes a necessidade de se introduzirem novos melhoramentos na officina em que se habilitem os operarios do saber; mostraes lacunas que devem ser preenckidas; indicaes defeitos de organização, que o tempo e o meio não vos auxiliaram a corrigir.

Por isso, eu vos disse, e vol-o repito ainda, meus amigos: — as grandes obras não se fazem de um só jacto. Avante, pois. Nada de desfallecimentos! A verdadeira luz vos guia por uma senda sem tropeços e encamiaha vossos passos. Um esforço mais, e attingireis contentes o ideal colimado.

O aparelho escolar, tal como o precisamos nós, tendo em conta o exuberante progresso de nossa terra, já vai passando do dominio da concepção para o da realidade, graças á vossa propaganda activa e intelligente. Dentro em pouco podereis dizer que a criança paulista, que inicia a apprendizagem no Jardim, sem outra formalidade sinão a do preparo quotidiano, irá galgando, imperceptivelmente, os limiares da escola primaria, após os da Complementar, em seguida os da Normal, e, finalmente, os da Normal Superior, summula de suas aspirações, cupola essencial de que não póde prescindir uma perfeita organização de ensino.

Si, da Normal Superior, não temos necessidade immediata, temol-a mediata, porquanto, alguns annos mais, ou nos veremos na dura contingencia de ir mendigar ao estrangeiro o Professor secundario, além do que se necessita, desde já, para melhorar a direcção do ensino primario, desmerecendo, portanto, nossos creditos em materia de ensino: ou seremos forçados a preparal-o desde já, para as nossas necessidades futuras.



Eia, pois! Plasmemol-o ás nossas mãos, orientemol-o, aperfeiçoemol-o, para que possa galhardamente desempenhar a missão que lhe está reservada.

Dilatemos, portanto, os horizontes da Escola, para que, dominando o futuro, possamos também nelle exercer nossa influencia.

Luz! Mais luz! diz ainda a vossa aspiração. E a esta voz accorrem outras crianças de cuja educação ainda se não cuidou: — são os anormaes, cuja educação é uma obra verdadeiramente social, de que deveis cuidar com interesse e carinho. Vamos restituir-lhes aquillo que lhes negou a natureza para que possam, também elles, ter o cerebro esclarecido aos reverberos da luz da instrução.

Não temos necessidade de maior numero de escolas litterarias, como muito bem affirmaes; precisamos, porém, de escolas profissionaes de todos os gráus, nas quaes se preparem nossos filhos, para as profissões essenciaes ao nosso desenvolvimento economico.

O elemento nacional, habituado pela tradição a preferir as carreiras liberaes a outras quaesquer, desvaloriza-se dia a dia, por sua falta de preparo, nas mais insignificantes occupações materiaes. E isto o colloca, na lucta pela vida, em situação inferior á dos estrangeiros que, dentro em pouco, si não mudarmos de proceder, serão os donos, os dirigentes economicos desta grande terra. Só ha um meio para nos furtarmos á humilhação desta inferioridade que nós deprime e infelicitá: é a criação de escolas profissionaes, por toda a parte, abrangendo todos os gráus, e mórmente a diffusão do ensino agricola, que deverá ser ministrado em nossas escolas, quer constituindo cursos especiaes, quer annexados a outras instituições congeneres, afim de que os jovens adquiram o habito do trabalho, apprendam fazendo e conheçam, desde logo, pela propria experiencia, a realidade da vida.

Não nos illudamos: a officina e a cultura do sólo hão de ser o nosso salvamento, a nacionalização de nossas industrias, a consolidação de nossa riqueza, tal como o quartel-escola é hoje o scenario em que se está operando esse aperfeiçoamento maravilhoso dos habitos de civismo, de patriotismo, de ordem e de disciplina de nossa mocidade.

E, quando, um dia, tornar-se em realidade o nosso ideal, que é também a constante aspiração do patriótico Governo deste Estado, então podereis cantar, triumphantes e orgulhosos, a vossa grande obra: — a transformação radical do Brazil pela escola; o Brazil moderno dotado não sómente de bellos e extraordinarios pensadores, como ainda de vigorosos e decididos braços, factores do seu progresso material».



O Professor Cardim agradeceu, tambem, a homenagem que lhe era prestada, reafirmando o que disséra na sessão da Congregação ao assumir a direcção interina da Escola: — que se sentia bem ao lado de amigos que eram os Professores do estabelecimento, alguns seus Professores, outros seus collegas.

Aos seus antigos mestres, que hoje pertencem á Congregação, pedia licença para saudar naquelle momento, concretizando o seu brinde affectuoso e sincero na pessoa do venerando educador sr. Cyridião Buarque.

Este agradeceu, penhorado, ao brinde que lhe fez o seu antigo alumno sr. Professor Cardim e disse que elle, como os seus companheiros, velhos educadores, sentiam-se felizes e orgulhosos de possuirem discipulos que, pelo seu talento, esforço e dedicação á causa da instrucção, occupam hoje postos salientes na direcção do ensino publico do Estado.

Entre elles se salientam os homenageados de hontem, os Srs. Dr. Oserr Thompson e Gomes Cardim, nos quaes synthetizava a sua saudação sincera e entusiasta.

Uma salva de palmas fez-se ouvir ao terminar o orador a sua allocução.

---

## REVISTA PEDAGOGICA

---

Recebemos o primeiro fasciculo da *Revista Pedagogica*, publicação bi-mensal da Escola de Apprendizes Artifices do Ceará, sendo seu director o sr. Carlos Camara.

Notavelmente bem feita, enfeixando grande numero de bons trabalhos de Pedagogia e propugnando pelo ensino profissional da mocidade brasileira, essa publicação vem certamente influir de um modo efficaz na solução do mais momentoso problema nacional.

À Terra da Luz, onde o intrépido jangadeiro foi sempre um dos primeiros na defesa das grandes causas, não quiz e nem podia ficar sem representação no campeonato em que se ha de firmar o nosso valor de paiz prospero e consciente de seus destinos.

Para que os nossos leitores possam por si avaliarem dos alevantados intuitos da bella *Revista*, aqui transcrevemos, com a devida venia, o seu artigo de apresentação.

Penhorados pela remessa, faremos, satisfeitos, a permuta com o estimado confrade.



## Os nossos propositos

“Façamos da educação a cidadella do Estado. — PLATÃO”.

Destina-se esta revista á vulgarização de todas as boas doutrinas que se relacionem com a instrucção popular, ensino tecnico profissional e educação moral e civica.

Dada a magnitude dos alevantados intuitos que inspiraram a sua criação, é de suppôr que ella, despertando o interesse a que innegavelmente faz jús e alcançando os fins que collima, seja alviçareiramente recebida por todos aquelles que, em o nosso meio, se preocupam com esta questão transcendental que é o problema educativo.

Affigura-se-nos que mais opportuno não poderia ter sido o seu apparecimento do que neste momento em que, com a adopção de energicas medidas, se cuida em todos os pontos do paiz de dar combate sem treguas ao analphabetismo, — causa primordial de todos os males que affectam o organismo social.

Na diffusão do ensino se esteiam, hoje em dia, todas as nossas aspirações de vermos o Brazil soerguer se da temerosa crise em que moral e economicamente se debate.

O seu inimigo capital, aquelle que lhe entrava a marcha ascencional é, indubitavelmente, o analphabetismo — “chaga moral que nos humilha aos nossos proprios olhos”, na phrase de illustrado pensador contemporaneo.

De par com a instrucção popular, julgamos imprescindivel ministrarem-se á nossa mocidade escolar licções de civismo, para que ella apprenda a cultuar a memoria dos nossos grandes homens e a honrar os gloriosos factos da nossa historia patria.

E como a missão da Escola não deve ser apenas *instruir*, mas *dar ao filho do povo os meios de ganhar a vida*, faz-se preciso, igualmente, propagar-se, proficua e intelligentemente, a vantagem do trabalho tecnico, a indispensabilidade da educação profissional, que é, como o asseverou Pestalozzi, um dos priacipios vitaes da pedagogia social.

De facto, o preparo tecnico e profissional ha sido sempre, em todas as épocas, o factor basico de toda a evolução social, e, como disse provector educacionista patricio, “é tão essencial quanto o ensino primario, porque se saber lêr é indispensavel a um povo, saber trabalhar tambem não o é menos.”

Nos magnos problemas que consubstanciam os ideaes por que nos vamos bater neste recanto da Patria, reside a gran-



deza futura da nossa nacionalidade, e cooperando com o modesto contingente de nossas energias intellectivas para o seu *desideratum*, temos consciencia de que: "quem se interessa pela educação e pela formação da estrutura moral do individuo pratica honestamente o bem".

Tai é a orientação que nos traçamos, e della jámais nos desviaremos, propugnando sempre, sem esmorecimentos, pela consecução de tão louvaveis designios, num meio que felizmente não se nos afigura hostil, antes, pelo contrario, por indole predisposto a acolher com o mais confortante carinho todas as boas idéas.

Na feitura desta publicação procurámos tomar por modelo a REVISTA DE ENSINO de São Paulo, — a melhor que no genero conhecemos, o mais amplo repositório de seguras informações sobre tudo que diz respeito á processuação dos mais modernos methods pedagogicos.

Contando com a coadjuvação intellectual de colendo nucleo de colaboradores, alenta-nos a convicção de que teremos ainda a auxiliar-nos nesta cruzada nobilitante todos aquelles que verdadeiramente se interessam pela prosperidade desta grande Patria, conscientes de que, como affirmou um dos maximos expoentes do culto professorado paulista, o Sr. Ramon Roca Dordal: « é ao problema educativo que intimamente se prendem as mais graves e as mais imperiosas das questões do dia; é á arena pedagogica que se acolhe a lucta suprema da civilização ».

Trabalhemos, pois, confiantes nos altos destinos reservados á nossa Patria, e tenhamos sempre em mente esta expressiva apostrophe de Montalembert, citada por Alcino Guanabara em um de seus discursos magistraes:

"Jovens e velhos, saiamos todos dessa baixa e servil condição das almas. Não sejamos em grau algum cumplice do entorpecimento moral e intellectual do nosso tempo. Não deixemos extinguir em nós o fogo interior, a luz e o calor, a vontade e a vida. Projectemos para além do horizonte dos interesses grosseiros e frivolos um olhar intrepido; e rendendo justiça e homenagem a todas as glorias do passado, procuremos respirar o sopro de um futuro melhor."

### « Revista Nacional de Agricultura »

Recebemos os numeros de Janeiro e Fevereiro do corrente anno desta útil revista que se publica em Bogotá, Columbia, que cordialmente agradecemos e com a qual permutaremos.



## Grupo Escolar « 30 de Setembro »

MOSSORÓ (MINAS)

Temos á vista os Estatutos da Sociedade Mutuo-Cooperativa do Grupo Escolar de Mossoró, que agradecemos, louvando seus abnegados organizadores.

A Directoria-Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada a expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores pódem dirigir os seus trabalhos de collaboracção, com este endereço:

*Redacção da Revista de Ensino.*

*Directoria Geral da Instrucção Publica.*

*Rua do Ypiranga n. 24.*

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuamos a receber grande numero de publicacções, com as quaes permutamos.

*Boletim da Alliança Franceza, Paris*

*O Movimento, São Mauoel do Paraíso.*

*Bulletin Officiel, Paris.*

*Memoria de Instrucção Publica, Costa Rica.*

*El Monitor de la Educación Común, B. Aires.*

*Revista de la Educación Fisica, Buenos Aires.*

*Revista de Educación, Buenos Aires,*

*Patria, Recife.*

*Monitor Sul Mineiro, Cidade da Campanha.*

*Le Messenger de São Paulo, Capital.*

*O Conservador, Nazareth.*

*Educação e Pediatria, Rio de Janeiro.*

*Boletín Mensal del Museo Social Argentino, Tucuman*

*Diario Official, São Paulo.*

*La Rivista Co'oniale, São Paulo.*

*O Commercio do Acre, Xapury.*

*A Federação Escolar, Porto.*

*Via Lactea, Piauhy.*

*Revista de Educação, Lisboa.*



- Revista Escolar*, Rio de Janeiro.  
*O Mogymiriano*, Mogy-mirim.  
*O 11 de Junho*, Gremio Normalista de Pirassununga.  
*Comarca*, Mogy-mirim.  
*A Cidade*, Atibaia.  
*O Commercio da Franca*, Franca.  
*O Diario*, Itapetininga.  
*O Municipio*, Capivary.  
*Gazeta de Ubá*, Cidade de Ubá.  
*O Luzeiro*, Quatis da Barra Mansa.  
*A Semeadora*, Lisboa.  
*A Escola Primaria*, Rio de Janeiro.  
*Revista de Educacion*, La Plata, Rep. Argentina.  
*Revista Nacional de Agricultura*, Bogotá.  
*Anuario Estatistico de São Paulo*, S. Paulo.  
*Hora Litteraria*, Natal.  
*Revista da Escola Normal*, S. Carlos.  
*Revista de Ensino*, Natal.  
*O Pinhalense*, Espirito Santo do Pinhal.  
*Revista Pedagogica*, Escola de Apprendizes do Ceará.  
*Diario da Tarde*, Espirito Santo do Pinhal.  
*O Ensino Obrigatorio em Atibaia*, Joviano Silveira.  
*Bulletin de l'Amérique Latine*, Paris.  
*Revista de la Facultad de Agronomia y Veterinaria*, La Plata, Republica Argentina.  
*Boletim de la Protectora de Niños, Pajaros y Plantas*, Buenos-Aires.  
*O Estimulo*, Orgam do Gremio Normalista "2 de Agosto", São Paulo.  
*Revista do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo*, Victoria.  
*Revista de la Enseñanza*, São Salvador, America Central.  
*Jornal do Triangulo*, Uberaba, Estado de Minas.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebe-se collaboração para o numero seguinte.

A *Revista* é distribuida gratuitamente a todos os srs. Professores e professoras dos Grupos escolares do Estado, alumnos dos 4.º annos das Escolas Normaes, e os srs. professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo, a Redacção espera que todos os srs. professores se interessarão pela *Revista*, enviando sua collaboração, de



modo que continue a ser um repositório seguro de observações em relação a todas as disciplinas do programma.

Os Srs. Directores das Escolas Normaes e Grupos Escolares da Capital mandarão receber na Directoria Geral os exemplares da *Revista* destinados aos seus estabelecimentos.

Todas as procurações para tratar de papeis dos srs. Professores serão enviadas ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques ou ao sr. thesoureiro, prof. Isidoro Denser, com a declaração de poderem ser substabelecidas.

Toda a correspondencia será dirigida á secretaria da Associação, prof. Demosthenes Marques, Caixa do Correio n. 183, Capital.

Os srs. associados teem direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata, nas repartições publicas, do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Está á venda o nono volume da *Revista*, de 1914 — 1916, para completar as antigas colleções, preço 5\$000; e enviar pelo correio mais 500 réis de porte e registro.

## Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continúa a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

E' o seu organ; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga, n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Expediente de 1 ás 2.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, que queiram fazel-o, para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*.

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, póde ser enviada em vale postal, ou em sellos do Correio.



# Revista de Ensino

---

A' venda — collecções completas, quatorze annos, nove volumes:

Meia encadernação . . . . . 45\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Tambem se vendem volumes avulsos para completar collecções, encadernados ou em fasciculos, pelo correio, 5\$000 cada volume.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua do Ypiranga n. 24, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.*, rua Libero Badaró, 129; Livraria Teixeira, ladeira São João n. 16 e Augusto Siqueira & Comp. rua de S. Bento n. 25 onde se encontra tambem á venda o ultimo fasciculo, pelo preço de 1\$000, em avulso.